30998

A
23268

2412

PREPARAÇÃO
PERA
A
ETERNIDADE

R. 23268

PREPARAÇAÕ PERA A ETERNIDADE

Corvão

PREPARAÇAM

PARA A

ETERNIDADE

OFFERECIDA AO

DESCUIDO HUMANO

Pelo Padre

IGNACIO MANOEL

Da Companhia de Iesu da Provincia de Goa.

LISBOA,

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias. Anno M.DCCV.

PREPARAÇAM

PARA A

ETERNIDADE

OFFERECIDA AO

DESCUIDO HUMANO

Pelo Padre

IGNACIO MANOEL,

Da Companhia de Iesu da Provincia de Goa.

LISBOA,

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias. Anno MDCCV.

DEDICATORIA
Ao Deſcuido Humano das couſas da outra vida.

Sãõ jà tam uſadas as Dedicatorias nos livros, q̃ jà parece defeito faltar em qualquer livro a Dedicatoria, ſendo que algũas deviaõ ſer a primeira couſa, que ſe havia de pôr nas erratas, por q̃ aonde ſe havia de pôr a palavra, Liſonja, por erro ſe poz a palavra, Dedicatoria; para naõ teres tanto, que notar neſte Livrinho, o offereci, & dediquei ao Deſcuido Humano, em quẽ ſó o vituperio tem lugar, & naõ a liſonja; havia de haver tambem algũa Dedicatoria, q̃ naõ liſongeaſſe. Hum livrinho, que enſina, & perſuade a ſe preparar para a Eternidade, a quẽ com mais razaõ ſe devia dedicar, do q̃ ao Deſcuido Humano deſta Preparaçaõ, naõ para que o patrocine, mas para q̃ o leaõ? Co-

Coſtumaſe nas Dedicatorias dar a ſaber ao mundo quem he, & donde traz ſua origem aquelle Patrono, a quẽ o Livro ſe dedica, & offerece; ſó neſta ley da Dedicatoria não quero faltar; darei a conhecer, aos que quizerem ſer Leytores, donde procede, & quẽ he o Deſcuido Humano da ſalvaçaõ, que deſejo muito, que tõdos o conheçaõ.

O Deſcuido Humano na materia da ſalvaçaõ he o mayor moinſtro da razão, q̃ ha, & tem apparecido no mundo; ſendo prodigio, que naõ ſẽdo raro, ſeja mõſtro. Mõſtro da natureza chamaõ os Phyſicos ao que ſuccede contra as regras ordinarias, & cõmuas, com q̃ a meſma natureza coſtuma, & deve obrar; & o que ſuccede contra as regras da razaõ, & contra o que ella devia obrar, porque ſe não ha de chamar Monſtro da razão?

Que crea hum Chriſtaõ firmemente ſem duvidar, q̃ ha de morrer ſem ſaber quãdo, & que poderá ſer logo; q̃ crea firmiſſimamente ſem duvidar, que na hora da morte ha de ſer miudiſſimamente julgado, & ſentenciado cõ

hũa

hũa sentẽça irrevogavel sem appellação, nem aggravo, ou para gozar de Deos no Ceo para sempre, ou para penar no Inferno eternamente; & com tudo isto, que ainda haja quẽ viva com descuido de sua salvação, sem temor daquella horrenda, medonha, temerosa, formidavel, & tremenda cõtingencia de se salvar, ou de se perder, q̃ dura, em quanto dura a vida? Que haja quem se não prepare para a Eternidade, para onde todos os dias está de caminho? Naõ he isto hũa mõstruosidade da razão? Pois isto he o Descuido Humano, tão mõstro da razão, como desviado do seu dictame.

Nasce este Descuido Humano da inconsideração; de não considerar com attenção, & devagar nas cousas da outra vida; porque as cousas futuras, como tambem aquellas, que não alcançaõ os olhos, por mais horrendas, que sejaõ, não movem, se naõ se consideraõ.

Naõ se considera no fim do homem, q̃ naõ he para morar eternamente neste mundo; não se considera na alma a sua nobreza, para a estimar como merece; na graça o seu valor ineſti-

ineſtimavel,para a naõ perder com tanta facilidade;no peccado a ſua gravidade, para o não cõmetter por nenhũa couſa do mundo;na occaſiaõ proxima o ſeu perigo,para ſe naõ arriſcar a morrer nelle ; na vida a ſua fragilidade,para não ſe fiar della;na morte a ſua incerteza , para andar ſempre aparelhado ; no juizo o ſeu rigor , para trazer ſempre as contas ajuſtadas;no inferno o ſeu tormento,para não cahir nelle ; na gloria a ſua fermoſura, para fazer pela alcançar;& na Eternidade, aquelle Nunca acabar.

Eſta inconſideraçaõ,ou eſte naõ conſiderar nas couſas da outra vida,naſce do divertimento das couſas deſta ; os cuidados deſta vida ſaõ a cauſa de ſe naõ cuidar na outra;as couſas deſta vida como ſe vem , movem mais do que as da outra , que ſe ouvem ſómente; differença,que advertio o Lyrico entre o que ſe ouve, & o que ſe vè:

Horat. in Art. Poet,

Segnius irritant animos demiſſa per aurem,
Quàm quæ ſunt oculis ſubjecta fidelibus.

Cui-

Cuidaõ hũs como haõ de alcançar honras, dignidades, & poſtos, & ſó niſto cuidaõ; cuidaõ outros como haõ de adquirir, & juntar riquezas, & não cuidão em outra couſa; cuidaõ outros como haõ de ſatisfazer a ſeus appetites, ainda q̃ ſejão depravados, & iſto lhes leva todos os cuidados; cuidaſe muito em como ſe ha de paſſar eſta vida, & por iſſo ſe cuida tão pouco em como ſe ha de paſſar à outra; trataſe muito do temporal, & por iſſo ſe cuida tão pouco em tratar do eterno; hũns cuidão, & impedem os outros. Eiſ-aqui donde procede o Deſcuido Humano da ſalvação, que não tem melhor genealogia.

Comtigo fallo agora ò Deſcuido Humano da ſalvação; toma algũ tempo para conſiderar no eterno, não te leve todo o tempo, & todos os cuidados o temporal; aſſim te aconſelha S. Anſelmo: Fuge paululùm occupationes tuas: abſconde te modicum à tumultuoſis cogitationibus tuis: vaca aliquantulum Deo. *Porque ha de levar todos os cuidados hũa vida, que ha de* D. Anſelm.

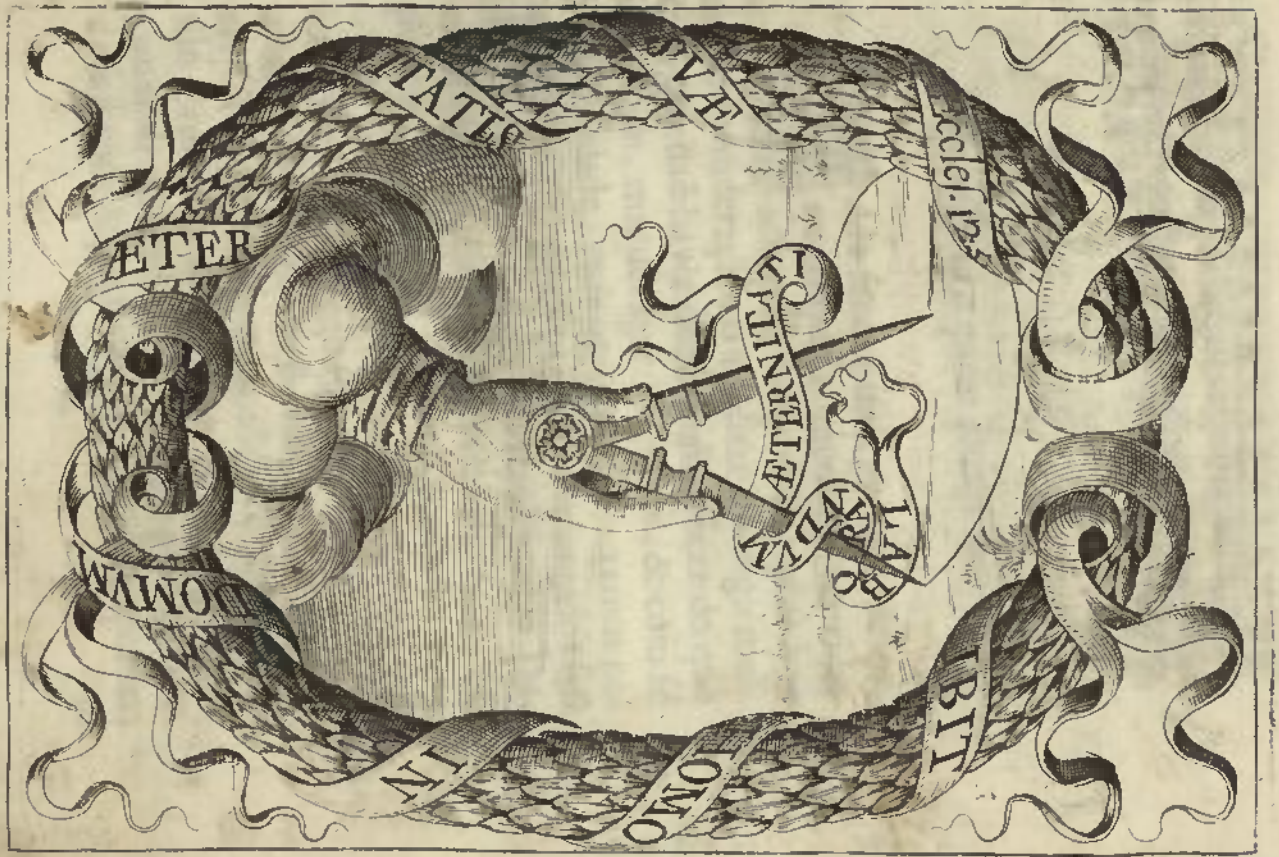
acabar

acabar,& hũa vida, q̃ ha de durar eternamente, nenhum cuidado? Si tanto labore agitur ut aliquanto plus vivatur, quãto labore agendum eſt, ut in æternũ vivatur? *argumenta com grande força S. Agoſtinho. Uſa de tal ſorte das couſas temporaes, que eſtas te não fação perder as eternas; he conſelho da Igreja noſſa Mãy:* Sic tranſeamus per bona temporalia, ut non amittamus æterna. *Trata de tè aparelhar para a Eternidade, que ainda hoje poderàs partir para ella; tudo te enſinará eſte Livrinho, ſe o quizeres ler, que eſte foi o fim porque to dediquei.*

D. Auguſt.

Orat. Dom. 3. poſt Pent.

O. M. D.


VANITAS VANITATVM ET OMNIA VANITAS
ECCLES. 12.
MEMENTO HOMINEM ESSE MORTALEM
MEMENTO HOMINEM ESSE MORTALEM
MEMENTO HOMINEM ESSE MORTALEM

NOTICIA

Necessaria a quem quizer ler.

1. PAra fazer huma grande, & extraordinaria mudança na vida, achey eu, depois de algũas horas de consideraçaõ, o meditar comigo mesmo, que naõ havia cousa mais efficaz do que considerar, mas devagar, de veras, & com fé na Eternidade, para onde cada dia vamos caminhando: os remedios já experimentados saõ sem duvida os melhores, & este deixou-o David approvado nos seus Escritos sagrados, depois de o provar em si mesmo com effeito.

2. Considerey, diz elle, hũa, & outra vez na Eternidade: *Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui.* Puzme a meditar nisto mesmo de coraçaõ, escolhendo para isso o retirado, & quieto da noite: *Meditatus sum nocte cum corde meo:* Passey a ponderar todo suspenso, & pensativo, q̃ me poderia perder, Ps. 76. n. 6.

& perder a Deos eternamente: *Nunquid in æternum projiciet Deus?* & esta consideraçaõ assim meditada, & ponderada soy bastante para me fazer começar hũa nova vida; admirandome eu mesmo da extraordinaria, & repentina mudança, que já via em mim: *Et dixi: nunc cœpi: hæc mutatio dexteræ Excelsi.* Agora começo com hum proposito de novo, & com hum novo fervor, & com hum grande desejo de mudar, & melhorar de vida: *Id est: Nunc cœpi cum recenti proposito, cum novo fervore, cũ studio vehementi melioris vitæ semitas apprehendendo*: explicou Dionysio Chartusiano a David. O cuidar com attençaõ na Eternidade he principio de melhorar a vida: *Attenta Æternitatis meditatio vitæ melioris principium est.* Bem se póde desconfiar daquelle, a quem a consideraçaõ da Eternidade naõ torna melhor: *Actum est de homine, quem Æternitas non trahit ad meliora.* Tudo disse Drexelio.

Dion Carthus.

Drexel. Infer. damnat. c. 16. §. 3.

3. Este soy o motivo porque mais fiz eleiçaõ desta materia para este Livrinho, que só lhe chamo, assim pelo volume, & pelo Author, & naõ pelo assumpto, que naõ ha, nem póde haver outro mais dilatado, nem mais comprido, por ser da Eternidade, que intitulo, Preparaçaõ para ella; sendo o meu intento

principal

principal eſcrevello para mim, & para os meus annos, que já naõ podem reſtar muitos; & depois para aquelles, a quem por ventura chegar ás maõs; que por iſſo leva tambem alguns pontos menos pertencentes ao eſtado, que profeſſo do deſejo de me aproveitar a mim, naſceo o de querer aproveitar a todos.

4. Naõ te quero ſazer muitas advertencias, como ſe coſtuma ſazer nos Prologos; mas naõ poſſo deixar de ſazer as que julguey ſerem neceſſarias a eſta liçaõ.

Como ſe deve ler eſte Livrinho.

Multum intereſt in legendo. Tacito lib. 4. Hiſt.

5. Importa muito o modo como ſe lè, & deve ler. *Multum intereſt in legendo*, diſſe Tacito. Nota Salviano, que commummente ſe naõ adverte para a ſubſtancia do que ſe lè, mas ſó para o Author, cuja he; & ſoy a compoſiçaõ. *Tam imbecilla ſunt judicia hujus temporis, ut hi, qui legunt, non tam conſiderent,* Salvian. l. 1. ad Eccleſiaſt.

quid legant, sed cujus legant. Eu comtudo ainda estranho mais o naõ considerar de quem he o que se lè, quando saõ cousas das Escrituras sagradas, naõ advertindo, que saõ de fé; & que o haver juizo, em que havemos de dar conta miudissima das nossas vidas, & Inferno para os que acabarem mal; & este eterno, he do Espirito Santo, & naõ fingimento, ou fabula de algum Poeta Gentilico, como estranhava já com sentimento no seu tempo S. Bruno.

D. Brun. *Heu vivunt homines tanquam mors nulla fuisset;*
Et velut Infernus fabula vana foret.

6. Se ouveres de entrar a ler este Livrinho com desejo, & resoluçaõ de te aproveitar, que será ir lendo, & juntamente cuidando de vagar no que leres, digirindo, ruminando, & detendote; que assim ha de ser a liçaõ para aproveitar, como aconselhava S. Bernardo: D. Bernard. ad Frat. de Monr. Dei. *Quod fidelius digeratur, & sursum revocatum crebrius ruminetur, quod detineat animum:* atrevome a prometerte, que farás mudança na tua vida, como David a fez na sua; que Deos ainda he o mesmo, & tanto teu, como de David: se o ouveres de ler, como

ordinariamente ſe coſtumaõ ler os outros livros por paſſatempo, & curioſidade, naõ foy feito para iſſo, naõ te canſes.

7. O lér, quando naõ he cõm intento de ſe aproveitar, mais he paſſar o tempo, do que ler; outra cenſura mais aſpera, que ſer ſó paſſatempo, lhe deu Simplicio Commentador de Epicteto: na liçaõ dos livros de eſpirito contemſe os remedios contra os vicios: & que ſe diria daquelle, que em hum livro de Medicina ſoſſe lendo os remedios efficazes daquella meſma doença, com que ſe achaſſe, & ſe contentaſſe eſte ſó com os ler, ſem os applicar à ſua enfermidade? em pouco eſtimaria eſte ſua ſaude, diz Simplicio: *Siquis ægrotans, & morbis remedia ſcripta inveniens, legat ipſa clarè, atque diligenter, ſed ſui morbi remedijs non utatur, turpiſſimum fuerit.* Por iſſo S. Ephrem chamou ao fruto, que ſe deve tirar da liçaõ, Medicamento para a alma, ſe acaſo eſtiver enferma: *Fructum ex ijs, quæ legis, pro animi medela deſumito.* Acharſe enfermo da paixaõ da ira, da invèja, do odio, da murmuraçaõ, da gula, da luxuria, ou de qualquer outro coſtume vicioſo, eſtar lendo os remedios para eſtes achaques da alma, & lellos ſó, ſem os applicar, he eſtimar em pouco a ſaude da alma,

Simplic. in Enchirid. cap. 98.

D. Ephrem tom. 1. de reſta vivendi ratione §. 35.

ou

ou eſtimalla em menos, que a do corpo.

8. Ao eſtar lendo chamou S. Jeronymo eſtarſe vendo ao eſpelho, que aſſim como o de vidro moſtra as maculas no roſto, aſſim o da liçaõ moſtra os vicios no animo: *Optimè utetis lectione divina, ſi illam tibi adhibeas ſpeculi vice, ut ibi velut ad imaginem ſuam anima reſpiciat.* E quem ouve tam negligente de ſi meſmo, que moſtrandolhe o eſpelho as maculas no roſto, ſe contentaſſe ſó com as ver deixandoas ficar?

D. Hier. epiſt. 43. ad Demetr.

Deveſe vencer a repugnancia q̃ logo occorre de deixar a vida vicioſa.

Solet inter primordia converſionis acriùs inſurgere tentatio pravæ conſuetudinis. S. Bern.

9. Deſcreve S. Gregorio Magno eſta repugnancia, & a contrariedade de affectos, que experimenta em ſi aquelle, que de hũa vida vicioſa ſe reſolve a paſſar a hũa vida reformada, & Chriſtãa; & diz que o tal já ſe acha triſte peloque deixa; já fraco para o poder deixar; o eſpirito o chama para melhor vida, & já a quer deixar; a carne o torna á chamar paraq̃

naõ

naõ deixe a vida paſſada, & jà lhe parece, que naõ póde; repreſentaſelhe a deleitaçam, que quer deixar; & eſta tanto mais apertadamente o prende, quanto mais tempo o teve prezo: *Occurrit illa familiaris ſua delectatio carnalis, quæ inveterata duduin, quantò enim diutiùs tenuit, tantò arctiùs adſtringit; atque à ſe tardiùs abire permittit. Et quis ibi mœror, quæ anxietas cordis, quando hinc ſpiritus vocat, hinc caro revocat; hinc amor novæ converſionis invitat, hinc uſus vetuſtæ perverſitatis impugnat?* D Greg. l. 24. Mor. c. 7.

10. Já diz, que ſe naõ póde vencer; que naõ póde carecer daquillo, a que eſtava acoſtumado; que lhe tira a vida, quem lhe tira aquelle modo de viver: *Ita ſenſim ab hoſte domeſtico undique oppreſſi clamamus: Non poßum me hîc vincere; aßuetis carere non poſſum; mori me cogit, qui hanc mihi delectationẽ eripit.* Drexel. in Zodiac. § 3. Aſſim explica tambem Drexelio os affectos, que reſiſtem, a quem quer fazer mudança na ſua vida.

11. Eſta repugnancia experimentava em ſi, como nos deixou eſcrito S. Cypriano, quando queria melhorar da vida: como he poſſivel fazerſe logo hũa mudança na vida, & deixalla de repente? como ſe póde deſpir o que com o coſtume ſe fez quaſi natureza? a quem naõ ha de parecer iſto duro, & difficultoſo: como

ſe

se ha de arrancar o que tem lançado raizes tam profundas? Isto he o que considerava comigo mesmo muitas vezes: *Difficile prorsus, ac durum pro illis tunc moribus opinabar, quod in salutem mihi divina intelligentia pollicebatur: Qui possibilis, aiebam, est tanta conversio, ut repentè, ac perniciter exuatur, vel quod genuinum situ materiæ naturalis obduruit, vel usurpatum diù senio vetustatis inolevit? Alta hæc, & profunda penitùs radice sederunt. Hæc egomet sæpè mecum; nam ut ipse quampluribus vitæ prioris erroribus implicatus tenebar, quibus exui me posse non crederem, sic vitijs adhærentibus obsecundans eram, & desperatione meliorum malis meis, veluti jam proprijs, & vernaculis favebam.*

D. Cypr. l. 2. epist. 2.

12. A mayor difficuldade, que sentia S. Agostinho para mudar de vida, & converterse a Deos de todo, era o parecerlhe, que lhe dizião aquelles gostos torpes da vida passada, a quem estava mal acostumado, que já naõ poderia largallos, nem poderia viver sem elles: Basta, que nos has de deixar, & para sempre? imaginas, que has de poder viver sem nós? *Dimittis ne nos? Et à momento isto non erimus tecum ultra in æternum? Cum diceret mihi consuetudo violenta: putas ne sine istis poteris?*

D. Aug l. 9. Confess. c. 11.

En-

13. Entrarás pois a ler com hum firmiſſimo propoſito de vencer a repugnancia, que a natureza mal habituada te ha de fazer, quando te vir reſoluto em deixar a vida, que tinhas, & tomar outra perfeita, & de Chriſtaõ. Ponhote hum exemplo, para que por elle entendas os mais, que podia pôr. Eſtás reſoluto a cortar por hũa affeiçaõ deſordenada, que amoroſa, & torpemente te tem prezo; logo has de ſentir hũa repugnancia, que a natureza ajudada do coſtume, que he outra natureza, te ha de oppor como impoſſivel a privarte daquillo meſmo, em que tinhas tanto goſto. Mas em vencer eſta repugnancia conſiſte tudo; eſta repugnancia he a que coſtuma meter medo aos bons deſejos, malograr os bons propoſitos, & deixar ſem effeitos grandes reſoluçoens.

14. Eſta foy a primeira couſa, que venceo, retirandoſe a tratar da Eternidade, hũa Religioſa no Convento da Torre dos Eſpelhos em Roma da Ordem de S. Bento: era dotada de grande nobreza; & partes naturaes, rara fermoſura em vinte & quatro annos de idade, reſpeitada por ellas naquella grande Cidade com admiraçaõ, por ſer inſigne na Poeſia, & Mathematica, chamada Maria

Boaventura; era porèm alegre na vida com devassidaõ, & no trato com seculares a titulo de galantaria escandalosa; retirouse para tratar da outra vida com o proposito, que assima disse, de vencer a repugnancia, que lhe fazia a vida mal habituada, & sahio hum exemplar de santidade na vida, atè que chegou a morte, que tambem foy santa; trazendo impresso no coraçaõ daquelle seu retiro aquelle Oraculo, que o merece ser: *Non oportet amplius jocari cum Deo*: Com Deos naõ se ha de zombar. Conta o caso Nicolao Lancicio, que foy o instrumento desta conversaõ, & o que alcançou esta vitoria.

Lanc. to. 1. opusc. 6. c. 21.

15. O representarse tam difficultoso o vencer a repugnancia, que faz a natureza para deixar a mà vida, a que hum està mal acostumado, he o que mais acovarda, aos que se querem resolver; mas hum costume, ou descostume poderoso he para vencer outro; resistirá o costume antigo, mas este bem poderá ser vencido com outro costume; repugnará a carne, mas o servor do espirito poderoso he para vencer esta repugnancia, diz Kempis: *Obsistet inolita consuetudo, sed meliori consuetudine devincetur; remurmurabit caro, sed fervore spiritus frænabitur.* A ninguem deve meter

Kemp. l. 3. c. 12.

medo

medo o costume, porque o póde vencer com outro, diz Cornelio: *Ne quis tamen peccare assuetus desperet, sciat quamvis consuetudinem vinci posse; consuetudo consuetudine vincitur.* Cornel. in Ezech.

Vencer hum costume com outro costume, he a indústria de espirito, q̃ ensina S. Joaõ Chrysostomo: *Quoniam est tanta consuetudinis violentia, eam in alteram transfer consuetudinem.* D. Chrys. hom 17. ad popul.

O mesmo ensinou Drexelio: *Neque hîc desperandum, cùm etiam consuetudo expugnari queat consuetudine meliori.* Drexel. in Zod sign. 12. §. 3.

16. Quero que vejas logo a efficacia deste remedio, respondia a S. Bernardo hum cavalleiro Francez muito incontinente na vida, que a naõ podia deixar, porque lhe fazia muito difficultoso o costume o deixalla; pediolhe o Santo, que ao menos se abstiveſſe tres dias pelo amor de Deos; abstevese, & tornoulhe a pedir o Santo, que se abstiveſſe outros tres dias por amor da Virgem Senhora; abstevese tambem, & tambem lhe tornou a pedir o Santo, que se abstiveſſe outros tres dias por reverencia de todos os Santos do Ceo; abstevese tambem esta vez, & logo ficou tam mudado, que sem repugnancia se abstéve sempre.

17. Quero que vejas, que o sentir repug-

nancia naõ he deſculpa; quantas vezes em outras materias ſe vence huma repugnancia grande? O que ſe quer curar de hum achaque, que requere tomar medicamentos violentos, vence a repugnancia de os tomar: o que voluntariamente ſe quer auſentar de ſua patria, vence a repugnancia, que ſe lhe repreſenta ha de ter no apartamento: o que entra em hũa batalha, vence a repugnancia, que naturalmente lhe cauſa o temor da morte, & o amor da vida: deixo outros exemplos, que te podem occorrer facilmente; & que ſó na materia da ſalvaçaõ naõ haja valor para tomar hum medicamento, que ſeja util, & ainda neceſſario ao bem da alma? para deixar hũa occaſiaõ da culpa? bem parece iſto muita frialdade no Chriſtianiſmo.

18. Para vencer eſta repugnancia (detenhome aqui tanto, porque daqui vay tudo) podem ſervir eſtes motivos, ſe ſe conſiderarem devagar. Conſidere hum, que houve tempo, em que viveo ſem o tal vicio, & comtudo pode viver ſem elle; conſidere, que muitos outros vivem ſem o tal vicio, & podem viver ſem elle: conſidere, que deſſa culpa, a que ſe confeſſa tam fortemente atado, ſe deve tirar algum tempo, porque ſupponho naõ vive já

deſp edido

deſpedido do Ceo; pois porque naõ ſerá logo, que lhe ſerá mais facil? Conſidere, que depois de deixada a culpa, ainda ha de viver com mayor goſto, que lhe ha de cauſar o ſocego, & quietaçaõ da conſciencia, do que antes o deleite da culpa; como experimentou S. Agoſtinho: *Quam ſuave mihi ſubitò factum eſt carere ſuavitatibus nugarum, & quas amittere metus fuerat, jam dimittere gaudium erat.* Conſidere, que o deſcoſtume he tam poderoſo, como o coſtume; ſe eſte lhe faz parecer, que naõ póde, o coſtume, ou deſcoſtume lhe moſtrará que póde, indo facilitando pouco a pouco aquillo meſmo, que o coſtume repreſentava tam difficultoſo.

D. Auguſt. l. 9. Conf. c.

Deveſe penetrar bem o riſco de quem ſe deixa eſtar em peccado.

Initium eſt ſalutis notitia peccati.
Seneca epiſt. 28.

19. Com o conhecimento do peccado ſe cura o meſmo peccado, diſſe Ceſario Arelatenſe: *Peccatum ipſius peccati cognitione curatur.* Com mais cuidado trata hum de ſe curar

Cæſar. Arelat. homil. 3. de Paſch.

curar do achaque em que se vè; quanto mais considera, q̃ he perigoso, & mortal o achaque. Para este conhecimento te remeto aos cuidados da outra vida, na Quarta feira, que logo he bem, que o vas ler.

20. Com estes tres presupostos, que para te ficarem melhor, os torno a repetir, se deve entrar a ler este Livrinho: primeiro, ler com desejo efficaz de pôr por obra o que diz a liçaõ; segundo, entrar vencida a repugnancia, que a natureza acostumada à culpa costuma fazer para que se naõ deixe; terceiro, com hum conhecimento muito vivo da gravidade do peccado.

21. Nem me notes o trazer muitos Authores sobre a mesma cousa, & muitos delles Gentios, & sem fé; porque foy de proposito, para que se veja como he verdade o em que tantos assentaraõ, & conforme à luz da razaõ o que se diz, pois atè os Gentios, sem fé o alcançáraõ: *Quod apud multos unum invenitur, non est erratum, sed ratum, ac firmum*, disse Tertulliano. Busquey os Gentios, para que nos pudessem servir de confusaõ; desculpa de que se valeo S. Joaõ Chrysostomo por trazer sentenças gentilicas nos seus escritos: *Ideò quæ ab exteris dicta sunt diximus, non quòd non ha-*

Tert. de præsc. adv. Har. c. 28.

D. Chrys. hom. 14. in Acta.

habeamus innumerabilia in scripturis, sed quòd magis hi possunt confundere, quoniam & scriptura novit ad confusionem loqui, sicut quando dixit: (Matth. 5.) *Nonne & Ethnici hoc faciunt?* Se culpares o Prologo de grande, torna-o a ler, & verás, que nada leva superfluo. Agora verás o vulto deste Livrinho.

Vulto deste Livrinho.

PONDERAÇAM I.

Toda a nossa vida he huma jornada, que vamos fazendo para a Eternidade.

Façamos o que faz o Peregrino.

Peregrinus hospitio cor suum non affigit; omnibus utitur, velut in transitu. A Lap. in cap. 1. Jacob.

PONDERAÇAM II.

A jornada para a Eternidade he muito arriscada, por naõ haver nella mais que dous caminhos, & só por hum se ha de caminhar para se naõ perder.

Terrivel

Terrivel coula naõ haver meyo:

Duæ viæ ſunt, altera juſtorum, altera peccatorum. Ambr. in Pſal. 1.

PONDERAÇAM III.

Deveſe fazer algum conceito do que he a Eternidade.

A Eternidade bem penetrada mete muito medo.

Turbatus ſum, & non ſum locutus: Nunquid in æternum projiciet Deus? Pſal. 76.

PREVENÇAM I.

Devemos eſtar ſempre aparelhados para a morte, que he o paſſo mais arriſcado, que ha na jornada da Eternidade.

O momento de que depende a Eternidade.

Præveniendus eſt dies, qui prævenire conſuevit. Auguſt. Serm. 120. de Temp.

PON-

PONDERAÇAM IV.

Alguns guardão este aparelho para a velhice, outros para a ultima enfermidade; & huma, & outra cousa he erro grande; que se se dá, não se póde emendar.

Toda a segurança he pouca aonde se põem em risco a Eternidade.

Non sanitati credendum est, non ætati; in remedio salutis suæ semper tardus est, qui vitæ suæ incertus est. Cæsar. Arelat. Homil. 17.

PONDERAÇAM V.

Propoemse alguns grandes Exemplares, q se souberão aparelhar com tempo para a jornada da Eternidade.

O saber morrer he a mayor façanha.

Illi sunt beati; qui priùs moriuntur sæculo, postea carni. Ambros. in capit. 14. Apocalyps.

COMO HA DE SER O APARELHO para a Eternidade

PREVENÇAM II.

Tirar de nós, ou ao menos moderar o medo, q naturalmente ſe tem à morte.

A morte naõ he taõ feya como ſe pinta. *Mors, quæ nos à præſentibus malis vendicat, nomine magis, quàm re formidabilis.* Nazianz. in Fun. Pat.

PREVENÇAM III.

Prevenir para o Juizo aonde me hei de ver dando conta miudamente da minha vida.

Remedio para peccados paſſados, & preſervaçaõ ſingular para os futuros. *Laboremus totis viribus lavare culpas, ſubvenire præteritis, conſulere futuris.* Greg. Arelat. lib. de Pœnit.

PREVENÇAM IV.

Acautelar contra os perigos, com que mais frequente, & facilmente ſe coſtuma encontrar na jornada da Eternidade; que ſaõ,

PEC-

PECCADO SENSUAL.

Naõ o deſculpa a fraqueza humana.

Quam excuſationem habebimus? Multi alij, qui eandem, quam nos habemus, naturam cohibent, hac nos privant venia. Chryſoſt. Serm. de Libel. repud. tom. 4.

MURMURAR DAS VIDAS ALHEYAS nas converſaçoens.

Naõ ſe deſculpa com o zelo.

Nulli detrahas, nec in eo te Sanctum putes, ſi cæteros laceres. S. Hieron.

ROUBAR O ALHEYO.

Ordinariamente ſe faz para adiantar o ſeu eſtado, ou deixar mais aos filhos.

Naõ ſe logra o mal adquirido.

Malè parta malè dilabuntur.

ODIOS, E INIMIZADES.

Perdoar nem he fraqueza, nem deſcredito.

Vindicare ſe non eſt actus fortitudinis, ſed abjectionis, & tuniditatis. Ambroſ. lib. 1. Officior. cap. 36.

RESPEITOS HUMANOS no obrar.

Fazem as obras ſem acerto, & com culpa. *Pro nulla re mundi, & pro nullius hominis dilectione aliquod malum eſt faciendum.* Kempis lib. 1. cap. 15.

PREVENÇAM V.

Como deve paſſar o dia, o que caminha para a Eternidade.

Demus Animæ dies. Chryſoſt. Serm. 12.

PREVENÇAM VI.

Para alguns caſos da vida.

Serve para direcçaõ das acçoens, & caſos da vida.

Solet plus prodeſſe, ſi pauca ſapientiæ præcepta teneas, ſed illa in promptu, ut in uſu tibi ſint. Senec. lib. 1. de Benef.

PREVENÇAM ULTIMA.

Deveſe dar balanço à vida, ao menos de mez em mez.

Semper

Semper ita vivamus, ut rationem nobis reddendam arbitremur. Cicer. in Ver. Act. 4.

REFLEXAM UNICA.

Como eſte modo de vida naõ he triſte, mas ſó aſſim ſe póde viver alegre.

Vis nunquam eſſe triſtis? Bene vive; bona vita ſemper gaudium habet: nihil eſt jucundius bona conſcientia. Bernard. Tract. de Int. dom. cap. 45.

INTRODVCÇAM.

22. *Ibit homo in domũ Æternitatis ſuæ.* Irá o homẽ (diz o Eſpirito Sãto) para a caſa da ſua Eternidade. Aquella palavra, *Homo*, o homẽ, he univerſal, ſem algũa excepçaõ, & por iſſo me cõprehende tambẽ a mim, como a todos. A palavra, *Ibit*, Irá, quer dizer: Irá parar: que a jornada começouſe já no naſcimento de cada hum; entaõ começamos a caminhar, quãdo começamos a viver, & entaõ ſe acaba a jornada, quando a vida: *In hac vita omnes ſumus viatores; naſcendo iter incipimus, & ad finem in morte pervenimus*: commentou o douto Stella. Eccleſ. 12. Stella in cap. 3. Luc.

23. A pa-

23. A palavra, *In domum*, Para a caſa, ſignifica morada, mas na outra vida, que neſta todos ſomos paſſageiros, advertio Santo Agoſtinho: *Omnis homo in hac vita peregrinus eſt.* Aquella palavra, *Æternitatis*, Eternidade, he baſtante, ſe ſe penetrar bem com a conſideraçaõ, a fazer perder o juizo, ou a viver como quem o tem, ſe ſe conſiderar, que na outra vida poſſo ter morada, emque ſempre eſteja penando; & eſta morada ſendo eterna, quando qualquer dor intenſa em huma enfermidade, ainda com eſperança de que poderá paſſar logo, faz deſmayar qualquer ſofrimento: *Si nunc tam parum vales ſuſtinere, quomodo æterna tormenta poteris ſufferre?* Aſſim diſcorria Gerſam lib. 1. cap. 24.

D. Aug. in Pſal. 55.

Kemp. l. 1. cap. 24.

24. Aquella palavra, *Suæ*, Sua, como notou A Lapide, moſtra, que a Eternidade, ou de goſto, ou de tormento, depende dos merecimentos, ou das culpas de cada hum de nós: *Quam ſibi quiſque comparavit.* Ha de vir tempo, emque havemos de chegar a duas portas da Eternidade, ſendo forçoſo entrar por alguma dellas, conforme tiver ſido a noſſa vida; aſſim a ponderou Drexelio: *Perventuri nos demùm ad geminas portas duplicis Æternitatis, quarũ illa beatorum, illa damnatorum eſt; per harum alte-*

Cornel.

Drexel. cõſid. 8. de Æternit. §. 1.

alterutram ingrediendum prout nimirum in vita nos geſſerimus. Verey conforme o que tenho feito em minha vida, qual deſtas Eternidades, (porque alguma dellas ha de ſer) me parece q̃ tenho merecido; & tratarey de me aparelhar de veras, q̃ eſta he a obrigaçaõ q̃ aponta o Sabio, de quem he homem racional,& naõ quer viver como bruto: *Hominis eſt animam præ-parare.* Prov. 16.

PON-

PONDERAÇAM I.

Toda a noſſa vida he huma Jornada, que vamos fazendo para a Eternidade.

Façamos o que faz o peregrino.

Peregrinus hoſpitio cor ſuum non affigit; omnibus utitur, velut in tranſitu. A Lap. in cap. 1. Jacob.

1. HE eſta vida huma Jornada, & o termo, & fim della huma Eternidade: *Peregrinatio eſt omne quod vivimus*, diſſe Santo Agoſtinho. O meſmo viver he caminhar, & o acabar a vida he dar fim à jornada: *Via vita iſta dicta eſt, finiſti vitam iſtam, finiſti viam: ambulamus, & ipſum vivere accedere eſt.* He ſó eſtrada de paſſageiros, & naõ lugar de moradores: *Statio eſt itinerantiũ, non habitatio permanentiũ.* Tudo diſſe o meſmo S. Doutor.

D. Auguſt. de Conſol. mort. ſerm. 1.

D. Aug. ſerm. de verb. Domin. c. 3. & 4.

D. Aug. in Joan. tract. 4.

2. Assim o ponderou tambẽ o grande Orador de Roma, quando disse, que a natureza só nos puzera neste mũdo huma estalagẽ por onde passamos como caminhantes, & naõ nos puzera casa, ou domicilio, aonde nos detivessemos como moradores: *Commorandi nobis natura diversorium, non habitandi dedit.*

Cic. de Senect.

3. Ao viver em algum lugar chamamos vulgarmente *morar*, & morar, que vem do verbo Latino, *Moror*, significa deterse, & naõ he outra cousa mais o viver; huns fazem mayor, outros menor detença, & he o mesmo, q̃ viver mais, ou viver menos; em qualquer lugar, que o homẽ se acha, he hospede daquelle lugar, & a vida he a detença, que faz, disse judiciosamente Epicteto: *Homo loci hospes, vita mora;* por isso tambem havendo S. Paulo de dizer, q̃ Abrahaõ morára na terra da Promissaõ, disse, que se detivera ahi: *Demoratus est in terra Promissionis.*

Epict.

Ad Heb. 11. 9.

4. A morada de assento naõ a temos neste mundo, vamolla buscando, diz S. Paulo: *Non habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus.* Todo o mundo, disse o Poeta engenhoso, que era Patria ao varaõ forte; com mais engenho, & verdade disera, que em nenhuma parte do mundo tinha Patria, quem em qual-

13. 14.

qualquer parte do mundo era sempre peregrino: *Omnis, qui ad supernam pertinet civitatem, peregrinus est mundi, in patria vivit aliena:* disse S. Agostinho. D. Aug. serm. 7.

5. A verdadeira Patria só lhe no Ceo, este mundo só he caminho para ella, como advertio S. Gregorio Papa, que por isso em quanto andamos no mundo, nos chamamos todos *viatores*, que he o mesmo, que caminhantes *In præsenti vita, quasi in via sumus, qua ad Patriam pergimus.* D. Greg. Homil. 12. in Evang.

6. Deste discurso se segue, que nos devemos nesta vida tratar, & haver como peregrinos: este soy o conselho, que por resposta deu huma vez o Santo Abbade Olimpio a hum, que lhe perguntava como viviria bem: *Ubique æstima te peregrinum, & ubicumque sederis, dic: Peregrinus sum.* Este soy tambem o documento, & modo de vida, que Deos ensinou a Isac, quando o mandou para a terra de Chanaam: *Ne descendas in Ægyptum, sed quiesce in terra, quam dixero tibi, & peregrinare in ea;* havia de morar, & juntamente ser peregrino em Chanaam, morar com o corpo, & com o animo, & affecto ser peregrino, porque o ser peregrino só o encontra o animo, & vontade de permanecer: *Nimirum*, diz Oliva, *terra ita* Prad. Esp. cap. 12. Genes. 26. 2.

Oliv, *habitanda eſt, ut nos in ea non colonos, ſed peregrinos eſſe meminerimus*; & ſó quem no mũdo ſe puzer a viver como peregrino, vivirà quieto: *Peregrinare, quieſce.* Naõ quer S. Bernardo q̃ nos eſqueça nunca, que ſomos peregrinos: D. Bern. Serm. 1. de Epiph. *Nunquam mente excidat peregrinos vos eſſe longè factos à Patria*; & a eſta lembrança chamou S. Joaõ Chryſoſtomo primeira virtude de D. Chryſ. Homil. 14. ad Hebr. hum Chriſtaõ: *Prima eſt virtus, atque adeò univerſa virtus hujus mundi eſſe peregrinum.*

7. Tres propriedades advertio, & moralizou o ALapide em hum peregrino. Primeira, conhecerſe por tal: *Ut ſciat ſe eſſe peregrinum*; que naõ baſta ſer huma couſa, he neceſſario advertir com reflexaõ, que a he. Por peregrinos ſe conheciaõ, & confeſſavaõ aquelles Patriarchas antigos, & por iſſo foraõ taõ grandes, Ad Hebr. 11. 14. diz S. Paulo: *Confitentes, quia peregrini, & hoſpites ſunt ſuper terram; qui enim hæc dicunt, ſignificant ſe patriam inquirere.* Abraham na Paleſtina, como ſabia, que o viver era ſó deterſe, naõ tratava de edificar caſa ſumptuoſa, mas Ibidem num. 9. paſſava a vida em choupanas: *Demoratus eſt in terra Promiſſionis, tanquam in aliena, in caſulis habitando.* Alguns edificaõ caſas tam grandes, & ajuntam com tanto cuidado, & ancia tantos bens, como ſe ouveſſem de morar eter-

na-

namente neſte mũdo: *Quaſi hîc perpetuò manſuri, iiſque fruituri.* Saõ como os Megarenſes, & Agrigentinos, de quem diſſe Plataõ: *Hi ædificant, ut ſemper victuri.* Eſtes ſaõ peregrinos, mas naõ conſideraõ, que o ſaõ o paſſageiro, q̃ vay fazendo ſeu caminho, contenta ſe com achar na eſtalagẽ, por onde paſſa, ſó o neceſſario, pelo ſuperfluo nem pergunta, nem faz caſo. Plato

8. Segunda: O peregrino, quando vay paſſando fazendo a ſua jornada, ainda que no caminho veja muitas couſas, humas ricas, outras apraziveis, & deleitoſas outras, aſſim vay paſſando, como ſe lhe naõ pertenceſſem, recreando os olhos ſem lhes pôr affeiçaõ: *Eis cor non affigit, ſed obiter ea quaſi ad ſe non pertinentia aſpicit, & pertranſit. Stultus viator eſt, qui in itinere amœna prata conſpiciens obliviſcitur ire quò tendebat.* Pouco juizo tem o caminhante, a quem a viſta dos Prados, por mais frelcos que ſejaõ, divertem para naõ proſeguir a ſua jornada, diz S. Gregorio Homilia 14. in Euang. A La, ide.

9. E eſta conſideraçaõ de ſe haver como peregrino achou S. Pedro, que era efficaz para vivermos com deſapego nos affectos: *Obſecro vos tamquam advenas; & peregrinos abſtinere vos à carnalibus deſideriis.* O peregrino 1. Petr. 3.

no

no conceito de S. Bernardo, contentaſe com ter, que comer, & veſtir, o demais para quem caminha com tanta preſſa, como nós, he embaraço, & impedimento, que ſó ſerve de nos canſar mais: *Peregrinus veſtitum, & victum habens, non vult alijs onerari.* Baſtanos do mundo, o que baſta para viatico para ir paſſando, & naõ para nos deter, diz S. Leaõ: *Ut peregrinantibus nobis, quidquid de proſperitatibus mundi hujus occurrerit, viaticum ſit itineris, non illécebra manſionis.* Bemaventurado he aquelle, que paſſa a ſua peregrinaçaõ, ſem ſe lhe apegarem os affectos ás couſas terrenas, accreſcẽta o meſmo S. Leaõ: *Beata mens, quæ peregrinationis ſuæ tempora caſta ſobrietate tranſcurrit, & in ijs, per quæ neceſſe eſt eam ambulare, non remanet; ut hoſpita magis, quàm domina terrenorum, nec affectibus ſit innexa humanis.*

D. Bern. Serm. 7. Quadrag.

D. Leo Serm. de Jejun.

Idem Serm. 1. Quadrag.

10. Terceira: Naõ repara no trabalhoſo, & aſpero do caminho, porque o deſejo de chegar lho faz ſuave: *Peregrinus fortiter, & conſtãter fert labores itineris.* Que caminhante ouve nunca, que ſó por lhe parecer o outro caminho mais recreativo, & aprazivel, deixaſſe o que levava, ſabendo que pelo mais recreativo caminhava errado? *Potiùs conſiderandum eſt*

A Lapide

eſt quò, quàm quà iter habeas. Se o termo da jornada ha de cauſar goſto, que importa, que o caminho para elle ſeja trabalhoſo? diz o doutiſſimo Barradas. Ainda faz mais o peregrino.

11. Conſidera ſe vay pelo ſeu caminho, por onde ha de ir, & ſe vay errado, torna ſe a pòr nelle: *Peregrinantibus in hac præſentis vitæ vaſtiſſima ſolitudine oportet nos nõ ignorare quò tendimus; nam ambulare quotidiè, non præmeditato noſtri itineris fine imprudentiſſimum eſt:* diſſe S. Juſtiniano. Que couſa mais imprudente do que caminhar ſem advertir para onde? Mas ainda ſeria mayor deſatino ſaber, q̃ caminho, & vou errado, & caminhar. Vejamos pois para onde caminhamos, & por onde, nos aconſelha Seneca: *Decernatur, itaque, & quò tendamus, & quà.*

Barrad. tit. 2. l. 7. cap. 18.

D. Laur. Juſt. in l. de Hom. cap. 14.

Seaec. de Vit. Beat.

12. Que ſeja poſſivel, que ſejamos peregrinos, & q̃ naõ conſideremos de quando em quãdo ſe vamos bẽ? & ſe o caminho, pòr onde vamos, he o por onde havemos de ir? ou para onde nos leva, & aonde iremos parar, ſe formos ſempre por elle? O conſiderar David no máo caminho por onde hia, o fez pòr no bom caminho, por onde era bem que foſſe: *Cogitavi vias meas, & converti pedes meos in teſtimonia tua.* Quem vay pelo caminho dos vi-

Pſal. 118. n. 59.

cios,

cios, vay perdido, & se o naõ deixar, & fôr sempre por elle, ha de ir aonde elle o leva, q̃ he ao Inferno.

13. Considera naõ seja assim o caminho, que levas, & se he, tornate a pôr no caminho por onde deves ir, que quanto mais teimpo caminhares errado, tanto mais difficultoso serà o tornar a buscar o caminho direito, que sempre te vay ficando, porque sempre mais atraz, mais longe; o desandar o caminho errado, & tornarse a pôr no direito, necessita de tempo, q̃ naõ sabes de certo se o teràs; a muitos apanhou a morte desencaminhados: *Ergo erravimus à via.* Basta, que temos errado o caminho, & já naõ temos tempo para emendar este erro? diziaõ huns desencaminhados, & perdidos, que continuàraõ tanto nos caminhos errados, que para emendar o erro, já naõ tiveraõ tempo para os desandar.

Sapien. 5. n. 6.

14. Considera que ès peregrino com a fatalidade de naõ saberes em quanto tẽpo acabaràs a tua jornada, como o navegante naõ sabe, quando se lhe acabarà a sua viagem; porque esta depende da incerteza do vento, como a tua jornada da incerteza da vida, que tambem he vento: *Ventus est vita mea.* O caminho mais seguro na jornada da vida he o mais apertado,

Job 7. num 7.

tado, porque eſte he o que leva ao Ceo: *Arcta via eſt, quæ ducit ad vitam.* E eſte caminho apertado he a conſciencia, que naõ he larga: *Arcta via eſt, arcta conſcientia*, diſſe o A Lapide. Toma o conſelho, que te dà o Eſpirito Santo: *Nec tibi placeat malorum via, fuge ab ea, nec tranſeas per illam.* Naõ te agrade ao principio o caminho por onde vaõ os máos, conſidera aonde vay dar, & logo te meterà medo eſſe caminho; o olhar para o fim foy hũ conſelho, & dictame taõ breve, como grande de hum daquelles grandes Sabios da Grecia: *Reſpice finem.* O' mortaes ſe quereis caminhar ſeguros, levay ſempre diante dos olhos o termo ultimo da voſſa jornada, que he a Eternidade: *Perpendite ad quam tenditis Æternitatem ô mortales*: brada Suidas.

Matth. 7. n. 14.

A Lap.

Prov. 4. n. 14.

Suid.

E PON=

PONDERAÇAM II.

A jornada para a Eternidade he muito arriſcada, por naõ haver nella mais que dous caminhos; & ſó por hum ſe ha de caminhar para ſe naõ perder.

Terrivel couſa naõ haver meyo.

Duæ viæ ſunt, altera juſtorum, altera peccatorum. Ambroſ. in Pſalm. 1.

1. NA jornada deſta vida naõ ha mais que dous caminhos, que vaõ dar cada hum à ſua Eternidade, huma da Gloria, & outra de penas, & ambas eternas. Vamos agora fazendo a noſſa jornada, diz o autor da Concordia Euangelica, cujo termo, & fim, que ſerà na morte, ha de ſer huma de duas Eternidades, ou de Gloria, ou de tormentos: *Nunc iter facimus, & ad æterna properamus poſt mortem, vel æternam beatitudinem, vel æternos cruciatus reperiemus.* Irà parar cada hũ de nós na caſa de ſua Eternidade, ou no Ceo, ou no Inferno: *Ibit homo in domũ Æternitatis ſuæ, vel ſuperam, vel inferam:* cõmenta Cornel.

Barrad. tom. 2. in Euang. l. 5. cap. 14.

A Lapid.

2. O que mete mayor horror he, que nem os caminhos, nem os termos aonde vaõ dar, ſejaõ

ſejaõ mais que dous ſem haver meyo. Os Sabios antigos, que florecèraõ na Grecia, guiados ſó do que parecia racional, na ſua ſeita Stoica, que ſeguiraõ, ſempre tiveraõ para ſi, que naõ havia mais que dous caminhos neſta vida; por iſſo fizeraõ ſymbolo da vida humana ao Y do Alphabeto Grego, como notou Ruperto, porque na ſua fórma, & figura viraõ, que começando em huma linha direita ſe dividia, & apartava em duas diſparadas: *Vitam hominis Y Græcæ litteræ ſimilem eſſe dixerunt, quæ ab uno ductu incipiens finitur in bivium*; da meſma letra diſſe Coſtalio: *Monſtrat iter duplex;* hum caminho era de virtude, & levava a ſua fingida bemaventurança; o outro era dos vicios, & guiava ao lugar, aonde penavaõ os que foraõ máos: *Si dextram elegerit, præmium cõſequetur virtutis; ſi autem ſiniſtram, pœnas malorũ incurrit.* O meſmo Ruperto. Oh quantos letrados podia fazer ſó eſta letra, com ſe eſtudar ſó a ſua ſignificaçaõ!

Ruper. l. 4. in Gen cap. 29.

Coſtal.

Rupert.

3. Neſta meſma doutrina foy inſtruido Eneas da Sybilla, quando lhe praticou, q naõ havia mais que dous caminhos, hum, q hia para a caſa de Plutaõ, q era o ſeu Inferno, outro para os campos Elyſios, q era a ſua bemavẽturança:

Virg. Æneid. 6. *Hic locus eſt, partes ubi ſe via fundit in ambas,*
Dextera, quæ Ditis magni ſub mœnia tendit.
Hac iter Elyſium nobis; at læva malorum
Exercet pœnas, & ad impia Tartara mittit.

Nas ſuas fabulas fingio a gẽtilidade ſeu Ceo, & ſeu Inferno, para q̃ os Chriſtaõs naõ tenhaõ o noſſo Ceo, & Inferno, q̃ ſaõ de fé, por fabula, ou fingimento; quando aſſim vivem alguns, como ſe o ſoſſem.

4. Punhaõ os Antigos huma eſtatua de Mercurio no lugar aonde ſe encontravaõ tres caminhos, para que eſta Divindade fingida enſinaſſe por qual haviaõ de tomar os q̃ ſe achaſſem perplexos; & querendo Alciato nos ſeus Emblemas moralizar eſta ſuperſtiçaõ, ou coſtume gentilico, diz aſſim.

Alciat Embl. 17. *Omnes in trivio ſumus, atque hoc tramite vitæ*
Fallimur, oſtendat ni Deus ipſe viam.

Naõ accommodou bem em ſuppor, q̃ neſta vida havia trivio, porque naõ ha ſenaõ dous caminhos por onde neceſſariamente ha de ſer a noſſa jornada para a Eternidade.

Matth. 7. num. 14. 5. *Arcta via eſt, quæ ducit ad vitam; ſpatioſa via eſt, quæ ducit ad perditionem.* Só de dous caminhos faz Chriſto menção; aſſim deſ-

enganou

enganou a alguns, que ſe lhes naõ daria de naõ tomar pelo caminho do Ceo, com tanto, q̃ naõ indo por eſte, naõ ouveſſem forçoſamente de caminhar pelo do Inferno: *State ſuper vias, & videte, quæ ſit bona, & ambulate in ea:* dizia o Propheta Jeremias. Naõ ſe diz neſte Texto, que caminhe, ou và pelo caminho melhor, porque a palavra, melhor, ſuppoem outro bom; quando naõ ha ſenaõ dous, hum bom unicamente, mas o outro máo. Jerem. 6 n. 16.

6. Naõ haver máis que dous caminhos para duas Eternidades, huma da Gloria, outra do Inferno, he couſa de tanto horror, que faz acurvar atè os montes inſenſiveis, ou os Sãtos mais agigantados na virtude ſignificados nos mais levantados montes: *Incurvati ſunt colles mundi ab itineribus Æternitatis ejus.* Hab. ac. 3. v. 6.

7. Chegáraõ atè as portas da morte: *Appropinquaverunt uſque ad portas mortis*, diſſe David cõ profundo penſamento. Com a morte ſer huma ſó, tem duas portas, huma para o Ceo, & outra para o Inferno, & he terrivel ponto o conſiderar, que por alguma dellas neceſſariamente hei de ſahir para hũa das duas Eternidades, quando morrer: *Omnis gens humana gemino ad Æternitatem ducitur ingreſſu, ſed egreſſus inde nullus*, diſſe com o meſmo pẽſamen- Pſalm. 106 n. 18. D. eyc. Infer. exam. 2. cap. 3. n. 6.

ſamento, que David, Drexelio. A couſa mais temeroſa, & terrivel neſte ponto he naõ haver meyo; ambos os caminhos irem dar em huma Eternidade, & neceſſariamente huma ſer de Gloria, & outra de penas.

8. Terrivel chamou Jacob ao lugar, onde teve a viſaõ da eſcada, ſendo que era viſaõ da Caſa de Deos, & da porta do Ceo: *Quàm terribilis eſt, inquit, locus iſte! Non eſt hîc aliud, niſi domus Dei, & porta cæli.* Mas he, q̃ na eſcada naõ via meyo, ſenaõ ou ſubir, ou deſcer: *Aſcendentes, & deſcendentes per eam.* Na hora da morte he, q̃ ſe coſtuma ver eſta eſcada, & mais comprida para baixo, do que a vio Jacob, q̃ por iſſo elle a vio no ſono figura da morte; entaõ tambem ſe verá, que naõ ha ſenaõ ou ſubir, ou deſcer, ou ſubir para o Ceo, ou deſcer para o Inferno.

Gen. 28. num. 17.

9. Quando contra a nao, em que navegava Jonas para Tharſis, ſe levantou aquella repentina tempeſtade, lançáraõſe ſortes entre os paſſageiros, para que aquelle ſobre q̃ a ſorte cahiſſe, foſſe láçado ao mar como cauſa da meſma tempeſtade. Que ſuſto iria naquelle cõvès, quando qualquer ſe conſideraſſe arriſcado à contingencia de huma ſorte? Mas oh quem conſideraſſe bem de vagar a incomparavel diferença,

ferença, que vay de ſer lançado no mar, ou no Inferno por huma Eternidade!

10. Que eſpectaculo taõ triſte, & funeſto ſeria naquella tarde, em q̃ começou o diluvio univerſal? Embarcado Noè com os poucos de ſua familia, fechou Deos a arca para os demais: *Et incluſit eũ Dominus de foris.* Tambem aqui ſe vio naõ haver meyo, ou embarcarſe na Arca para ſe ſalvar, ou ficar fóra della para ſe perder; eſta cõſideraçaõ podia matar aos q̃ ficavaõ, antes q̃ os chegaſſe a afogar o meſmo diluvio. Gen. 7. n. 16.

11. Só a conſideraçaõ do diluvio mete medo; mas o diluvio, que ha de ſucceder no Valle de Joſaphat, ainda mete mais horror: diluvio ſerá, em que huns verdadeiramente ſe haõ de ſalvar, & outros ſe haõ de perder ſem haver meyo: *Ibunt hi in ſupplicium æternum; juſti autem in vitam æternam.* Matth. 25. mer. 46.

12. Para onde quer que cahir a arvore, ou ſeja para o Norte, ou ſeja para o Sul, ahi ha de ficar cahida eternamente, diz o Sabio cõ temeroſa ſentença no Eccleſiaſtes: *Si ceciderit lignum ad Auſtrum, aut Aquilonem, in quocunque loco ceciderit, ibi erit. Ibi erit immutabiliter, & irretractabiliter*, explica S. Bernardo. Ahi ficará ſem remedio. Todas as arvores racionaes deſte grande boſque animado Eccleſ. 11. n. 3.

do

do mundo neceſſariamente haõ de cahir para huma de duas partes; quando cahirem: *Nec eſt aliquod lignum, quod ad Aquilonem non ſit, aut ad Auſtrum.* Tambem aqui neſte cahir determinadamente para hũa de duas partes naõ ha meyo, porque eſte cahir he na morte, ou em eſtado de ſalvarſe, ou perderſe: *Auſter notat ſtatum gratiæ, & ſalutis: Aquilo ſtatum peccati, & damnationis.* Pondera agora, nos adverte S. Bernardo, em quanto es arvore, que ainda eſtàs em pé, para onde entaõ quererias cahir: *Nunc ergo alterum è duobus eligamus, aut ſemper cruciari cum impijs, aut perpetualiter lætari cum Sanctis.*

H. Heron.

ALapid.

D. Bernard.

13. Mas ſe deſejas já agora ſaber para onde entaõ cahiràs, dirto-ha S. Bernardo com a meſma ſemelhança da Arvore: A Arvore para aquella parte naturalmente ha de cahir, para onde os ſeus ramos mais inclinaõ, & fazem mais pezo: *Quò verò caſura ſit arbor, ſi ſcire volueris, ramos ejus attende: unde maior eſt copia ramorum, & ponderoſior, inde caſuram ne dubites, ſi tamen fuerit tunc exciſa.* Pondera agora a verdade da ſemelhãça. A Arvore he o homẽ, diz S. Athanaſio: *Arbor eſt homo*; & os ramos os noſſos deſejos, ou eſpirituaes, ou vicioſos, accreſcenta S. Bernardo: *Rami noſtri deſideria noſtra ſunt,*

Idem Serm. 49

ſunt, quibus ad Auſtrum extendimur, ſi ſpiritualia fuerint, ſi carnalia, ad Aquilonem. D. Bern. Serm. 49.

14. Olhe agora cada hum com a conſideraçaõ para a ſua vida no eſtado em que actualmente ſe acha, & veja quaes ſaõ os ſeus deſejos, ſe de virtudes, ſe de vicios; & dahi tirará para onde ha de cahir, q̃ ha de ſer para a parte para onde vir, que eſtà mais inclinado: & ſe vir, que inclina para os vicios, mude logo eſſa inclinaçaõ para as virtudes, que fique para ahi o mayor pezo, para que para ahi ſeja a queda, quando cahir nas mãos da morte, que aſſim o fez David, quando ſe inclinou para a guarda dos Mandamentos de Deos, vendoſe antes inclinado à outros affectos indecentes, que começàraõ na varanda de ſeu Palacio: *Inclinavi cor meum ad faciendas juſtificationes tuas.* Importa fazer logo eſta mudança da inclinaçaõ, porque na arvore, quanto mais ſe vay fazendo velha, ſe vay tambem fazendo mais difficultoſa de mudar a inclinaçaõ dos ſeus ramos cada vez mais groſſos, & mais fortes. Pondera bem iſto, diz hũ douto; que todo o tempo ſerà bem gaſtado neſta ponderaçaõ, & fiquemte eſtas palavras para conſiderar nellas: *Conſidera quàm brevis ſit vita, & ab ea deinde pendere duplicem Æternitatem, felicem, & infelicem,* Pſal. 118. num 112.

Anton. Sucque. in via vitæ 2. p. cap. 53.

licem, & neceſſe eſſe alterutram ſortiri. Conſidera, que he muito breve a vida, & ainda eſta brevidade he incerta, & que della dependem duas Eternidades, huma ditoſa, & outra infeliz, & que neceſſariamente te ha de cahir huma dellas.

PONDERAÇAM III.

Deveſe fazer algum conceito do que he a Eternidade.

A Eternidade bem penetrada mete muito medo.

Turbatus ſum, & non ſum locutus: Nunquid in æternum projiciet Deus? Pſal. 76.

1. A Eternidade he couſa, que o noſſo entendimento naõ póde explicar, nem comprehender, como ella he em ſi. Sirva eſta ſemelhança para moſtrar eſta impoſſibilidade. Se huma abelha de hum milhar de conto de contos de annos, a outro milhar de conto de contos vieſſe tomar no bico huma gotinha de agua do mar, primeiro o eſgotaria todo, do que acabaſſe a Eternidade, antes quãdo o tiveſſe eſgotado, ainda entaõ começaria ella.

2. Da

2. Da gota de agua ſe diz, q̃ por força da cõtinuaçaõ gaſta pouco a pouco aquillo aonde dà cahindo: *Gutta cavat lapidẽ non vi; ſed ſæpè cadendo.* Põdera agora eſta ſuppoſiçaõ. Se ouveſſe hum monte de bronze tamanho como eſte mundo, & ainda muito mais, quanto pòde fingillo grande a tua imaginaçaõ; & de hum milhar de conto de contos de annos a outro milhar de conto de contos de annos cahiſſe huma gota de agua ſobre eſte mõte de brõze taõ grande, como o tens imaginado; primeiro o desfaria a gota de agua, que acabaſſe a Eternidade.

3. Se eſte cõpridiſſimo eſpaço de tempo, & duraçaõ ſe aſſinaſſe a hum condenado por limite, & termo de ſuas penas, mais pareceria motivo de deſeſperaçaõ, do que eſperança de alivio; mas ainda aſſim o ſeria, vendo em fim, que haviaõ de acabar em algum tempo os ſeus tormẽtos. Oh cõſideraçaõ digna de ſe meditar nella mais devagar, & mais profundamente! *O Æternitas, quàm rarò verſaris in mentibus hominum!* ſentidamente exclama Sasbocio. Em fim a Eternidade he huma couſa, q̃ com ſer taõ grande, ſó eſta palavra, *acabará*, naõ cabe nella. Sasbot. Homil Dom. 1. Quad.

4. Da Eternidade por mais, q̃ ſe diga, ſem-

D. Auguſt. preſe diz menos: *De Æternitate quidquid dixeris, minus dicis*, diſſe S. Agoſtinho. Dos quadros, & pinturas do famoſo, & celebre Pintor Parrhaſio ſe dizia vulgarmente, que mais tinha o entendimento que conſiderar, do que os olhos, que ver: *Plus intelligitur, quàm pingatur;* aſſim hè a Eternidade, mais tem nella o entendimento que conſiderar, do que os ouvidos que ouvir; no nome tem quatro ſyllabas, & em ſi tem huma extenſaõ, aonde naõ chega o entendimento: *Æternitas in verbo quatuor ſyllabis conſtat, in ſe ſine fine eſt*, ponderou S. Agoſtinho.

D. Auguſt. in Pſal. 145.

5. A Eternidade hè figurada na cifra, de que uſa a Aritmetica para adiantar mais, & mais a ſua conta, mas por mais que a Aritmetica ſe cance em multiplicar quantas cifras quizer, & puder, nunca poderà explicar a duraçaõ da Eternidade, ainda que queira. He a Eternidade difficultoſa de ſe perceber por falta de eſpecies, de que nós poſſamos valer, & por iſſo diſſe S. Gregorio, que tanto a poderiamos nós explicar, como hum cego de naſcimento julgar das cores, que nunca vio: *Cùm homo de Æternitate diſſerit, cæcus de luce loquitur.*

D. Greg.

6. Para explicar a Eternidade diſſe Moyſes huma couſa, que à primeira viſta ſendo myſterioſa,

rioſa, parece impropriedade ; porque alem da Eternidade naõ ha mais , & elle alem da Eternidade ainda ſuppoem, que vay alguma couſa: *Dominus regnabit in æternum , & ultra.* Exod. 15. num 18. Mas como naõ temos eſpecies proprias para formar conceito inteiro , & adequado da Eternidade , ſempre o conceito della he menor, & ella mais extenſa , & comprida, do que nós a podemos conſiderar: *Hac voce Æternũ audita, non tota videmus Æternitatis ſpatia*, diſſe com A Lapide Ruperto: *Æternitas quia immenſa ſuperat omnem hominis conceptum: ultra conceptũ noſtrum quẽ formamus de Æternitate, ſuperſunt immenſa ſæcula.* Aſſim explicàraõ eſtes Authores o modo de fallar de Moyſes. Rupert. A Lapid.

7. Se por alguma ſemelhança ſe poderia explicar a duraçaõ da Eternidade , ſeria pela ſemelhança ao tempo, mas como todo o tempo, por mais comprido , q̃ ſe poſſa imaginar, ſempre he breve a reſpeito da Eternidade, por iſſo eſta ſe naõ póde explicar por aquelle *Æternitati comparata brevis eſt omnium temporum longitudo.* S. Hieron. Epiſt. ad Cyprian.

8. Por iſſo a conſideraçaõ ſó da Eternidade he baſtante para converter , ſe os homens ſe deixaſſem bem penetrar della. O Padre Sebaſtiaõ Barradas prègando em S. Roque de Lisboa

boa hia acabando o Sermaõ, como coſtuma-va, com duas Eternidades, quando chegou para ouvir a ultima Miſſa hũ mancebo devaſſo na vida, ouvio-as, & dahi foy pedir o habito de Capucho ẽ a Arrabida. Cõtaſe na ſua vida, q̃ anda no principio do ſeu Itinerario, q̃ cõpoz dos filhos de Iſraêl. Meditãdo devagar na extẽſaõ da Eternidade Theodoro foy a cauſa de ſe meter Mõge no Moſteiro de S. Pachomio.

Sur. rom. 7. die 14. April.

9. S. Ludovina, como refere Surio, converteo a hum grande peccador, ſó com lhe dizer, que por penitencia de ſeus peccados eſtiveſſe huma noite na cama ſem nunca ſe virar de huma parte; pareceolhe facil de aceirar a penitẽcia, & o partido, mas naõ podendo, nem eſtar pelo q̃ prometèra, nẽ podendo pegar por algũ tẽpo no ſono, levantou o penſamẽto à Eternidade, cõſiderando como poderia por toda ella, & q̃ graviſſimo tormento ſeria eſtar em penas, quãdo por hũa ſó noite naõ podia eſtar de hũa ſó parte em hũa cama branda, & converteoſe.

Bened. Renat.

10. De Fulcaõ homem vicioſo conta Benedicto Renato, que achandoſe huma noite na cama ſem poder dormir, deſejando, que amaneceſſe já o dia, lhe veyo ao penſamento, que ſeria o eſtar daquella ſorte por eſpaço de dous, ou tres annos em trevas ſem a converſaçaõ

çaõ dos amigos, & paſſando deſte penſamento a outro, & adiantando-o, já conſideravà como poderia paſſar huma Eternidade em cõtinuas penas, q̃ tinhà merecido por ſuas culpas; eſta cõſideraçaõ ſoy de tãta força, q̃ ſe reſolveo a meterſe Religioſo na Ordẽ de Ciſter. Oh como havia de parecer amargoſo, & difficil de tragar o breve deleite, q̃ nos tenta no peccado, ſe ſe conſideraſſe, q̃ vinha miſturado com huma Eternidade de tormento!

11. O q̃ eu adverti he, q̃ Iſaias ponderando as penas do Inferno, o q̃ nellas ponderou ſoy o ſerem eternas; como ſe iſto ſoſſe, como he, nellas o de mayor horror: *Quis habitabit ex vobis cum ardoribus ſempiternis?* & quando David ſe poz a conſiderar naquella tremenda contingẽcia, de q̃ ſe poderia perder, tambẽ ponderou o eternamente no poder perderſe, por q̃ eſta circunſtancia, *eternamente*, agravava grandemẽte a perdiçaõ, q̃ temia: *Nunquid in æternũ projiciet Deus?* Eſta conſideraçaõ deixava a David todo perturbado, ſem falla, ſem poder dormir, & deſmayado aquelle coraçaõ taõ valẽte, q̃ naõ ſabia, q̃ couſa èra medo: *Defecit ſpiritus meus. Anticipaverũt vigilias oculi mei: turbatus ſum, & non ſum locutus. Nunquid in æternum projiciẽt Deus?*

Iſai. 33. n. 14.

Pſal. 76. n. 8.

num. 4. & 5.

12. A Eternidade he a couſa, q̃ mais ſe deve ſegu-

ſegurar neſta vida, porq̃ importa pouco, q̃ de todos os perigos eſteja ſeguro; ſenaõ ſeguro a Eternidade: *Nulla ſatis magna ſecuritas, ubi periclitatur Æternitas*, diſſe S. Bernardo. Com a Eternidade naõ ſe ha de zombar, nem he couſa, que ſe arriſque, ou ponha em contingencia.

D. Bern.

13. Daquelle famoſo Pintor Zeuxis ſe cõta, q̃ reſpondeo a quẽ lhe notava o pintar muito de vagar, como tinha de coſtume, q̃ por iſſo o faria, porq̃ pintava para a Eternidade: *Pingo Æternitati.* Tudo ſe deve obrar cõ os olhos na Eternidade, advertio S. Gregorio Papa: *Nobis in intentione Æternitas eſſe debet.* Como eſte com os olhos na Eternidade pintava; em todo o homem he certo o dito deſte pintor, porque as ſuas obras ſempre ſaõ para a Eternidade, ou de premio, ou de caſtigo.

D. Greg.

14. D. Godfrido Biſpo de Bamberga trazia ſempre na boca, como diz A Lapide, q̃ o conheceo, & tratou: Em todo o momento eſtou à porta da Eternidade: *Omni momento ſto ad oſtium Æternitatis.* Penſamẽto taõ Chriſtaõ, q̃ de todos merece ſer imitado; & quẽ haverà, q̃ eſtando para peccar ſe reſolva a iſſo, ſe imaginar, que eſtà a porta da Eternidade para onde, acabando de peccar, póde logo entrar, como ſuccedeo a muitos?

A Lap.

PRE-

PREVENÇAM I.

Devemos estar sempre aparelhados para a morte, que he o passo mais arriscado, que ha na jornada da Eternidade.

O momento de que depende a Eternidade.

Præveniendus est dies, qui prævenire consuevit. Augustin. Serm. 120. de Temp.

1. SUppoſto, que quem caminha para a casa da Eternidade, como nós todos caminhamos: *Ibit homo in domum Æternitatis suæ;* ha de passar pela morte, passo tam perigoso, que o menor mal he naõ escapar delle ninguem com vida, & aonde muitos perdèraõ a eterna, em que vay tudo: *Omnia perdidimus*, disse Henrique VIII. de Inglaterra à hora da morte; segue-se, que nos devemos aparelhar para tam grande perigo; antes devemos estar todos os dias aparelhados, porque naõ sabemos qual será o dia, em que toparemos com a morte: *Homo quare differs de die in diem? fortasse hodie habiturus ultimum diem*, diz S. Agostinho. Essa foy a razaõ da Providencia Divina em nos deixar occulto, & escondido o dia da morte, diz S. Gregorio:

D.Greg.l. 11. Moral.c.10. *Ad hoc Conditor noſter latêre nos voluit finem noſtrum, ut dum incerti ſumus, quando moriamur, ſemper ad mortem parati inveniamur.*

2. Eſtai aparelhados: *Eſtote parati*, diz Chriſto ſobre eſte ponto: naõ diz, que nos vamos aparelhando pouco a pouco, ou de dia em dia, ou que guardemos eſte aparelho para quando formos velhos, ou para quando nos virmos enfermos; mas manda-nos, que eſtejamos ſempre aparelhados. Importa eſtar todos os dias aparelhados para ſahir da vida, porque qualquer dia póde ſer o da morte:

D.Baſil. *Oportet nos quotidie ad emigrandum ex hac vita paratos eſſe*, diz S. Baſilio. O dilatar eſte aparelho póde ſer cauſa de morrer ſem elle, notou advertidamente S. Joaõ Chryſoſtomo:

D.Chryſ. *Ne dicas: Erit tempus cùm ſit opus converti: multi interea rapti ſunt, & migravere impræparati.*

3. E iſto he o que tem enganado a muitos, prometerſe mais annos, do que ſaõ os da

D.Hieron. ſua vida: *Nihil ita decipit humanum genus; quàm quòd, dum ignorant ſpatia vitæ ſuæ, longiorẽ ſibi ſæculi hujus poſſeſſionem repromittunt*, diz S. Jeronymo. As Virgens, que por iſſo ſe chamàraõ loucas, por ſe naõ aparelharem a tempo, morrèraõ ſem ſe poder aparelhar

quando

quando quizeraõ. *Si aliquando, cur non modo?* D.August.
dizia S. Agoſtinho a ſi meſmo: Se hade ſer algũa hora, porque naõ ſerá agora? pergunta, a que nunca o ſeu grande engenho pode achar reſpoſta.

4. Bemaventurado aquelle, dizia Ephrem Syro, que continuamente anda cuidando no dia da ſua morte, & ſe aparelha de tal ſorte na vida, que naquella hora ſe poſſa achar ſem medo: *Beatus, qui aſſiduè animo ſuo verſat diem ex hac vita diſceſſus, ſtudetque ſedulò paratus, & intrepidus hora illa inveniri.* O Padre Joaõ Maldonado da Companhia ſinco vezes no dia ſe lembrava da morte, & examinava ſe tinha algũa couſa, que naquella hora lhe pudeſſe dar cuidado, & achandoa, logo logo, deixando todos os outros negocios, ſe hia confeſſar, conta o A Lapide. Eſte cuidado he, & deve ſer proprio de todo o Chriſtaõ: *Quid proprium Chriſtiani? Quotidie, & ſingulis horis vigilare, & aſſiduè paratum eſſe*, pergunta, & reſponde juntamente S. Baſilio. Ephr. Syr. tr. de Beat. D. Baſil.

5. O meſmo aconſelha Kempis naquelle ſeu livro de ouro: *Sic te in omni facto, & cogitatu deberes tenere, quaſi hodie, vel ſtatim eſſes moriturus: Beatus, qui horam mortis ſuæ ſemper ante oculos habet, & ad moriendum quotidie ſe* Kemp. l. 1. c. 2

diſponit, cum mane fuerit, puta te ad veſperam non perventurum, veſpere autem facto, mane non audeas tibi polliceri. Semper ergo paratus eſto, & taliter vive, ut nunquam te imparatum mors inveniat. Quàm felix, & prudens, qui talis nunc nititur eſſe in vita, qualis optat inveniri in morte!

6. Aſſim te deves haver nos teus penſamentos, & nas tuas obras, como ſe logo ouveſſes de morrer: bemaventurado aquelle, que traz ſempre diante dos olhos a hora da ſua morte, & cada dia ſe diſpoem para morrer: pela manhãa imagina, que naõ chegarás à tarde, & vendote na noite, naõ te prometas o dia de a manhãa. Eſtà ſempre aparelhado, & vive de tal ſorte, que nunca a morte te ache ſem eſte aparelho. Quam ditoſo, & prudente he aquelle, que procura ſer tal na vida, qual deſeja achar ſe na morte!

7. Nem ſe póde paſſar bem o dia, dizia Climaco, ſem ſe cuidar, que he, ou póde ſer o ultimo: *Non eſt præſentem diem piè tranſire, niſi hunc eſſe ultimum totius vitæ noſtræ exiſtimemus.* Imagina ſempre, que eſte dia ha de ſer o ultimo: *Cogita hunc diem tibi fore ultimum*, aconſelhava S. Antaõ o Abbade. Aſſim vive, como ſe cada dia ouveſſes de morrer:

Clim. Grad. 6.

Sic

Sic vive, tamquam quotidie moriturus, era conselho de S. Jeronymo. E quem tiver para si, que este dia póde ser o ultimo, em que morra, logo verá, que he erro o dilatar o aparelho para a morte para outro dia. A hum amigo, que o convidava para hum banquete no dia seguinte, respondeo Mosodamo, que nunca fizera conta de chegar ao dia de a manhãa: *Mi amice, cur in crastinum vocas? ab aliquot jam annis diem secuturam mihi nunquàm polliceri sum ausus; quia in horas singulas mortem expecto*, refere o dito Guido Bituricense. Guid. Bitur.

8. Grande erro, & ignorancia alcançou Seneca que era o dilatar este aparelho, quando o tempo naõ está na nossa maõ, nem a hora da morte no nosso saber. *Quàm stultum est ætatem disponere, nec crastino quidem dominamur! O quanta dementia est spes longas inchoantium! Nihil sibi quisquam de futuro potest promittere.* Como podemos dispor da nossa idade, se nem do dia de a manhãa temos certeza? Senec. l. 17. ep. 101.

9. *Stat quidem terminus nobis, ubi illum inexorabilis fatorum necessitas fixit; sed nemo scit nostrûm quam propè versetur terminus: sic itaque formemus animum, tanquam ad extremum ventum sit.* O termo da nossa vida, diz o Seneca, está nas mãos dos fados (havia de dizer Idem.

nas

nas mãos de Deos, ſe fallára como Chriſtaõ) imaginemos pois todas as horas; que he chegado. Todo o noſſo engano he cuidarmos, que a morte eſtà longe, podendo tal vez eſtar muito perto: *In hoc etiam fallimur, quòd mortem procul eſſe conſpicimus; mors ad latus eſt*, diz o meſmo Seneca. Idem.

10. O viver ſempre aparelhado para a morte, he o que ſó nos póde livrar da peyor couſa, que nos póde ſucceder, que he morrer de morte ſubita: *Non ſubitò moriuntur, qui ſemper ſe cogitaverunt morituros*, diſſe S. Anſelmo: Quem naõ vive ſempre aparelhado para morrer, póde apanhallo a morte ſem aparelho, porque o aparelho para ella he a boa vida: *Vix bene moritur, qui male vixit*: Rara vez ſe achou, que morreſſe bem, quem ſempre viveo mal, diz S. Agoſtinho. D. Anſelm. D. Auguſt.

11. E o mayor bem, que ao homem póde ſucceder, hè o morrer bem. Perguntado Arimneſto, qual era o mayor bem, que podia ſucceder ao homem, reſpondeo, que o morrer bem: *Quod maximum homini bonum eſſet? Benè mori.* E perguntando a S. Thomás de Aquino, qual era a couſa, que mais deſejava neſta vida: *Quid maximè in hac vita deſideraret?* reſpondeo, que ter hũa boa morte: *Benè mori.*

Con-

12. Consiste este aparelho para a morte em fazer tudo, como se fosse o ultimo. O confessar como se fosse a ultima confissão, a communhão como se fosse o Viatico, & assim os mais exercicios da vida Christãa: *Omnis dies velut ultimus ordinatus est*, disse Cesario. De hum Sacerdote conta Drexelio, que avisando-o para morrer, respondeo, que havia mais de trinta annos, que sempre se confessava, como se aquella confissão fosse a ultima de sua vida: *Triginta jam anni sunt, & plures, ex quo quotidie aliter confessus non sum, quàm si confessio alia non esset subsecutura.* Não ha cuidado mais laudavel, & provèitoso, do que andar sempre cuidando, quando morreremos, diz S. Agostinho: *Nihil est nobis salubrius, quàm cogitare, quando erimus de hoc sæculo transituri.* Mais nos havemos de aparelhar para a morte, do que para a vida, diz Seneca: *Ante ad mortem quam ad vitam præparandi sumus.*

Cæsar.

Drexel. Nicet. §.4.c.6.

D. August.

Senec.ep.72.

PON-

PONDERAÇAM. IV.

Alguns guardaõ eſte aparelho para a velhice, outros para a ultima enfermidade, & hũa, & outra couſa. he erro grande, que ſe ſe dá, naõ ſe póde emendar.

Toda a ſegurança he pouca aonde ſe poem em riſco a Eternidade.

Non ſanitati credendum eſt, non ætati; in remedio ſalutis ſuæ ſemper tardus eſt, qui vitæ ſuæ incertus eſt. Cæſar. Arelat. Hom. 17.

1. NInguem duvida, ſe he Chriſtaõ, que com os outros naõ fallo, que para morrer, aonde logo ſe ha de achar no juizo de Deos dando miudiſſima conta da ſua vida, ſeja neceſſario aparelharſe; & levar as contas bem feitas, mas como ſe naõ pudeſſe morrer, ſenaõ quando cada hum cuida, dizendo Chriſto, que ha de ſer quando ninguem o imagina: *Qua horâ non putatis.* Luc. 12. n. 41.

2. Huns guardaõ eſte aparelho para a velhice; & outros para a ultima doença; iſto he o que traz enganados ordinariamente a muitos dos mortaes; mas hũa, & outra couſa he erro, & engano; que eu quizera, que neſta Pon-

Ponderaçaõ ficaſſe conhecido por tal. O dilatar eſſe aparelho, ou ſeja para a velhice; ou para a ultima enfermidade, ſempre he amar mais os peccados, do que a Deos, porque para continuar mais tempo nelles me naõ reſolvo à mudança da vida, & a deixallos.

3. Eſta he a cauſa deſta dilaçaõ, para que poſſas cometter mais peccados, naõ deixas o eſtado da culpa: *Ut plura peccata committas,* diz S. Ambroſio; & por iſſo ſó te reſolves, & fazes conta de os deixar, quando jà os naõ puderes cometter; mas iſto hè, diz S. Agoſtinho, deixaremte os peccados a ti, & naõ tu a elles: *Si vis agere pœnitentiam ipſam tunc, quando peccare non potes, peccata te dimiſerunt, non tu illa.* Aquelles deſejaõ ſempre viver em peccado, que naõ querem deixar de peccar, em quanto vivem: *In peccato ſemper vivere cupiunt, qui nunquam deſinunt peccare dum vivunt,* diz S. Gregorio Magno.

D. Ambroſ.

D. Auguſt.

D. Greg. l. 15. Moral. c. 21.

4. E entaõ querem os homens apartarſe do peccado, quando da vida, & que primeiro ſeja o fim do viver, do que o de peccar, querem ſer ſepultados com os ſeus vicios; porque os querem levar à ſepultura, diſſe com profunda ſentença Salviano: *Tunc de iniquitate homines, quando de vita, cupiunt diſcedere, ut*

Salvian. contr. Gent.

priùs quodammodo vivendi sit, quam peccandi finis; cùm iniquitatibus suis sepelirivolunt. Mas ouçaõ estes aquelle temeroso, & sentido Ay de S. Jeronymo. Ay daquelles, que entaõ determinaõ de pôr termo ao seu peccar, quando a morte puzer ao seu viver: *Væ illis, qui tunc habuerunt terminum luxuriæ, quando vitæ!*

D.Heron.

5. Na enfermidade, se he mortal, se começa a deixar de viver, & à velhice nem todos chegaõ; & prometerme vida para onde nem todos chegaõ, & querer começar a vida aonde ella se quer acabar, he louquice, disse, ainda sem fé, Seneca: que esquecimento tam irracional de mortalidade fazer tençaõ de começar a vida nos annos, a que poucos chegàraõ? *Quàm serum est tunc vivere incipere, quum desinendum est! Quæ tam stulta mortalitatis oblivio in quinquagesimum, & sexagesimum annum differre sana consilia, & inde velle vitam inchoare, quò pauci eam perduxerunt?* Alem de rara vez ser verdadeira a penitencia, que hé tardia: *Pœnitentia sera raro vera*; advertio S. Agostinho. Rara vez se aparelha bem, quem se aparelha tarde: *Ad mortem raro bene se parat, qui se sero parat*, diz Drexelio; & he perigosissima a segurança, q se promete para o ultimo dia: *Periculosissima est in ultimum diem promissa securitas.*

Senec. de brevit. vit.

D.Augustin.

Drexel.

Naõ ſe guardar para a velhice.

Qui dicunt expectemus ſenectutem, ut pœnitentiam agamus; ſæpenumero in juventute falce mortis demetuntur. S. Cyrillo.

6. HE engano reſervarſe para a velhice, porque he porſe em mayor difficuldade; porque na velhice por força do habito, & coſtume eſtaõ mais radicados os vicios, que tambem tomaõ forças com os annos, ficando mais fortes, quando mais velhos, & por iſſo mais difficultoſos de deixar com riſco de os levar à ſepultura, quem os naõ quiz deixar na vida, como diſcurſava Job ſobre eſte meſmo ponto: *Oſſa ejus implebuntur vitijs adoleſcentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient. Quia non niſi cum ejus vita finiuntur*, explica S. Gregorio. Job 20. n. 11. D. Gregor.

7. Parece villania, que hũa creatura uſa para com o ſeu Deos, a quem deve tanto, em lhe querer dar o peyor da ſua vida, & o melhor della ao Demonio, a quem parece, que niſto lhe faz a vontade, dizendolhe elle, como bem pondera S. Gregorio Nazianzeno: *Da mihi ætatis florem, Deo ſenectutem; mihi vo-* D. Greg. Naz.

voluptates, Deo corpus effætum, nullisque usibus aptum. Quem encomendou, que se lhe offereceſſem as primicias de tudo, como se contentará com frutos tam ſerodios?

8. Naõ se ha de esperar para a velhice, porque bem póde ser, que se naõ chegue lá, como naõ chegáraõ muitos, que nisto se enganáraõ: naõ te enganes tu como elles, diz S. Basilio: *Ne velis dicere: viget ætas carnis, concupiſcentiam exercebo, & poſtremo in ſenectute malorum meorum pœnitentiam geram: noli taliter cogitare, quia ſumma ſtultitia eſt hoc in mente concipere.* D. Basil.

9. Do mesmo engano te acautela Cesario. *Dicet aliquis*, diz elle, *cùm ad ſenectam venero, tunc ad pœnitentiæ medicamenta confugiam: quare hoc de ſe fragilitas humana præſumat, cùm diem unum in vita ſua in poteſtate non habeat?* Como póde fiarse de hũa esperança tam contingente, quem naõ he senhor nem de hum só dia de sua vida? o que naõ está na minha maõ, naõ posso fazer conta delle com certeza. *Timendum eſt ne dum ad finem differtur converſio, incerta mors occupet:* Olha naõ corte essas esperanças a morte, que he incerta, diz S. Isidoro. Cæſar. D. Iſidor. l. 2. ſent. c. 14.

10. He tambem engano; porque na mesma ve-

velhice ha de haver mais dilaçaõ para mais velhice, porque naõ ha velho tam velho, que naõ ſe perſuada que ó poderá ſer mais: *Illud egregiè dictum eſt nullum tàm ſenem eſſe, & ſic decrepitæ ætatis, ut nõn ſe adhuc uno plus anno vivere ſuſpicetur*, diz S. Jeronymo. Como o velho ſó ſe promete mais hum anno, he mais facil o perſuadirſe a eſte engano. D. Hieron.

Os velhos naõ tem deſculpa ſe naõ vivem aparelhados.

Senectutem ſaltem reveremini, cùm vitæ ſitis occaſu; reſipiſcite, vel in fine vitæ. Clement. Alexand. orat. ad Gent.

11. GUardar para a velhice o aparelharſe para a morte, he engano; mas mayor monſtruoſidade ſerá, que o velho vendoſe na tal idade ſe deſcuide: naõ tendo ninguem eſcuſa para naõ eſtar ſempre aparelhado, os velhos a tem menos ꝙ todos. Quando Chriſto encomendou aos homens, que vigiaſſem, para que a morte, ꝙ he incerta, os naõ achaſſe deſacautelados, naõ fez mençaõ da quarta vigia: *Et ſi in tertia vigilia venerit*, Luc. 12. n. 38.

mas

mas como na quarta vigia se representava a idade da velhice, achou Christo, que aos velhos a mesma sua idade lhes sobejava por aviso, notou Drogo Ostiense: *Quia non recipit ultima ætas spem prolixiùs dormiendi.*

Drog.

12. He doença a velhice: *Senectus ipsa est morbus*; & tambem mortal, que della ninguem atègora escapou, se chegou a darlhe. Já quando o velho he acompanhado dos achaques, que naturalmente seguem a mesma velhice, como doença, entam o velho naõ se distingue do moribundo, porque tambem está perto da morte: *Cùm jam per ægritudinis molestias esse mortem vicinam designat*, disse grandemente S. Gregorio Magno.

D.Greg.

13. Nem póde durar muito; porque o mancebo póde morrer cedo, mas o velho naõ pôde viver por muito tempo: *Juvenis potest citò mori, senex diù vivere non potest*, diz S. Jeronymo; porque a morte lhe está já batendo à porta: *Mors senibus in foribus est*, diz S. Bernardo; & a idade de velho já está deputada para se aparelhar para a morte, como o ponderou, & exercitou Seneca: Antes da velhice tratei de viver bem, na velhice aparelheime para bem morrer: *Ante senectutem curavi, ut bene viverem, in senectute, ut bene moriar.*

D.Hieron.

D.Bern.

Senec.

Com

14. Com hum Apologo que traz o douto, & devoto Padre Drexelio, explicão os Antigos a obrigação, que os velhos tem de estar sempre aparelhados. Veyo a morte, dizião elles para se explicar, para levar comsigo a hum velho; pedio lhe este, que lhe desse tempo para se aparelhar, supposto que era a ultima jornada, que havia de fazer: negoulhe a morte o que pedia com dizer, que o tinha já avisado muitas vezes; & como o velho lhe perguntasse, quando lhe tinha feito estes avisos, respondeo a morte, que todas as vezes, que tinha levado outros de menos idade que elle, & que cada achaque da velhice era hum aviso da morte; o ir vendo, & ouvindo menos, o embranquecer nos cabellos, o irse achando diminuto nas forças, estes são os meus recadistas, disse a morte: *Millies te monui, cùm non solùm æquales tuos, quorum vix ullus supereſt, sed & juvenes, pueros, infantes te ſpectante raperem; non te monui cùm oculi tui hebeſcerent, pili caneſcerent, aures ſurdeſcerent, cæterique ſenſus defecerint, omneque corpus tabeſceret? Hi nuntij mei ſunt.* Drexel. in prodom. c. 2. §. 2.

15. O Padre Antonio Vieyra da Companhia, Oraculo no Pulpito do seu seculo, vendose na sua velhice commungava todos os dias

dias por Viatico; assim o soubemos por novas da America, aonde morreo; depois de nos deixar tanta doutrina nos seus escritos, nos deixou tambem de si este exemplo. Tomem pois os velhos, se he que passaraõ mal a sua vida, o conselho de S. Pedro Chrysologo: Vivamos ao menos para Deos algum pouco, já que para o mundo temos vivido tanto: *Vivamus Deo paululum, qui sæculo viximus totum.*

D. Chrysol. serm. 12.

16. Que diricis de hum criado, que só se offerecesse para vos servir depois de lhe faltarem as forças? Pois isso mesmo, diz Cesario, póde Deos dizer de vós os que só fazeis conta de o servir na velhice: *Considera si justum est, ut per totam vitam tuam vitijs, & peccatis servias, & ad adquirendam vitam æternam jam semivivus assurgas: Nunquid tibi hoc fieri vis à servo, ut quandiù fortis ac juvenis fuerit, inimicis tuis serviat, & cùm ad senectam venerit, tunc ad tuum servitium redire velit? Quod ergo non vis pati à servo tuo, non est justum ut facias Domino tuo*, diz o Arelatense. Respeitem ao menos os velhos a sua idade, advirtaõ, que estaõ no Poente da vida, & sejaõ ao menos bons nesta idade, se o naõ foraõ nas outras; he amoestaçaõ de Clemente Alexandrino:

Cæsar. Arelat. homil. 13.

Se-

Senectutem saltem reverlemini; cùm vitæ sitis occasu, respiscite, vel in fine vitæ Deum agnoscite, ut vobis vitæ finis suscipiat initium salutis; fuistis infantes, deinde pueri, deinde puberes, deinde viri, nunquam autem boni. Torpe coufa he, que vá acabando a vida, sem acabarem os vicios, diz o Nazianzeno: *Turpe est senescere ætatem, non senescere luxuriam*; pedindo a razaõ, que morraõ os vicios em nós primeiro, que nós morramos, como dizia Seneca: *Hoc tibi citra diem mortis præsta: moriantur ante te vitia.*

Clem. Alex. orat. ad Gent.

D. Greg. Naz. orat. 3.

Senec. ep. 27.

Não se guardar para a ultima doença.

Pœnitentia, quæ ab infirmo petitur, infirma est. D. August.

17. OUtros igualmente enganados deixaõ este aparelho para quãdo estiverem quasi fóra de si com as perturbaçoens, molestias, & ancias da doença; que grande desvario, & má eleiçaõ para o mayor negocio, que he o da salvaçaõ, buscar, & aguardar pelo peyor tempo da vida?

18. Pondera bem o como o diz S. Basilio, & quantas vezes tem succedido, assim como elle o diz. Que esperas, que a febre te chame para

a penitencia, quando tal vez naõ poderás dizer o que queres, nem ouvir o que te dizem?

D.Basil. *Quid expectas; ut te febris ad pœnitentiam vocet, cùm neque salutaria verba amplius proloqui, neque quidquam auribus accipere poteris?* E a quantos deu logo a febre mortal junta com o delirio? & ficaraõ sem juizo naquelle mesmo tempo, que erradamente tinhaõ deputado para tratar da sua alma, & da sua salvaçaõ.

19. Quando a cabeça, continua S. Basilio, com a força da doença naõ governa; quando os de casa estaõ perturbados com a dor, os de fóra sem ella; o Medico te engana, ou se engana; o amigo por te não dar pena não te avisa; quando a ti mesmo o amor da vida te faz

Idem. persuadir, que naõ morrerás: *Quando in ipso capite morbus inhabitet; & fortassis neque intelligentia, & animo comprehendere mysteria divina poteris; quando tui mœrore conficiuntur; alieni spernunt, atque nihil pendunt; quando Medicus sanitatem promittendo te decipiat; quando amicus & ad admonendum tardus est; timens ne te magis perturbet; quando tu de sanitate non desperas, quòd natura vitæ sis cupidus.*

20. Mas o que acrescenta he o que mete

Idem orat. de pœnit. mais horror... *Quis te eximet, ac tantis malis eripiet? Deus ne ille, quem contempsisti? at hic minime*

minimè preces tuas audiet, cùm & tu ipsum non exaudieris. Quem te acudirá em tanta afflição? por ventura aquelle Deos, a quem tu tantas vezes desprezaste? como ha de ouvir os teus rogos, se tu nunca quizeste ouvir as suas vozes? *Unde*, diz S. Bernardo com o mesmo pensamento, *unde scis quòd tunc tibi subvenire velit, quem tu interim sic repellis?* Quem se mostrou toda a vida surdo às vozes de Deos, com que confiança esperará, que Deos o queira ouvir na morte? D. Bern.

21. Quem esperou, que fizesse o susto da doença, o que só havia de fazer o amor de Deos, que muito, que lhe fique frustrada a sua esperança? Para que se ha de esperar, que faça a febre, o que primeiro havia de fazer Deos? diz o Nazianzeno: *Quid febrim, & morbum beneficij Authorem expectas, & non Deum? Quid tempus, non rationem?* Como ha de ser grato a Deos o deixar hum os peccados, quando vê, que se lhe acaba o tempo para poder continuar nelles? o deixallos por este motivo, tambem he culpa, diz Salviano: *Qui à malis actibus tantùm morte discedit, non relinquit scelera, sed relinquitur à sceleribus, ac per hoc necessitate exclusus à vitijs, & tunc puto peccat, quando cessaverit, qui, quantum ad animum, nec* D. Greg Naz. Salvian.

tunc desijt, quia adhuc vellet peccare, si posset. Pondera bem, diz este Author, a qualidade de esperança, em que se funda o que reserva para a ultima doença o seu arrependimento, & considere, & veja, que naõ he boa: *Non bonis itaque spebus innititur, qui ad hoc semper tantum peccat in vita, ut peccatorum molem redimat in morte.*

Idem I. 1. ad Eccles.

22. O tempo de hũa doença alem de ser pouco para se aparelhar para hũa Eternidade, devendo ser todo o tempo da vida, he pouco apto, & accommodado, porque pede mais applicação daquella, com que entaõ podem obrar às potencias, quando necessariamente haõ de estar sopitas, & com menos viveza com as dores da enfermidade.

23. Penduradó Absalàm na arvore pelos seus cabellos, naõ teve advertencia para os cortar com a espada, porque o susto da morte lhe perturbou a attenção: *Absalom jam moriturus non attendebat quòd ad liberationem suam facere posset*, disse o Abulense. E mais consideraçaõ, & advertencia, porque ha de ser discursando por toda a vida passada, pede o livrarse, & desatarse das culpas, do que naquella occasiaõ dos cabellos; mas tambem póde ser nesta occasiaõ a inadvertencia castigo, ponderou

Abul.

Santo

Santo Agostinho: *Percutitur etiam hac animæ* D. Augustin.
adversione peccator, ut moriens obliviscatur sui, qui dum viveret, oblitus est Dei. Quem se esqueceo de Deos na vida, he castigado com se elquecer de si na morte; por isso temia Santo Agostinho, que a penitencia na enfermidade fosse enferma, & na hora da morte, morta: *Pœnitentia, quæ ab infirmo petitur, infirma est;* Idem
pœnitentia, quæ à moriente tantum petitur, timeo ne ipsa moriatur.

24. O aparelharse não se ha de fazer na doença, mas antes della: *Frustrà parantur re-* Idem.
media, cùm mortis imminent pericula. S. Agostinho. Atè o testamento naõ queria Aristoteles, que se fizesse na doença, porque pedia mais advertencia; & que differa da confissaõ, se tivera noticia do grande aparelho, que requere, principalmente quando he a ultima? *Qui ægrotans testamentum scribit; similiter fa-* Idem.
cit, ut qui in tempestate maris nautica instrumenta parare incipiunt. O aparelharse para a tempestade ha de ser antes della. Despedio Alexandre de sua milicia por inepto a hum soldado, porque na hora, em que se havia de dar a batalha, o vio estar aparelhando, & concertando as armas.

25. *Dispone domui tuæ, quia morieris tu, &* Ijai. 38. n. 1.
non

non vives. Diſponde de voſſa caſa, porque haveis de morrer deſta. Aſſim aviſou o Propheta a ElRey Ezechias em hũa doença mortal, em que ſe vio: diſſelhe, que diſpuzeſſe de ſua caſa, & parece, que lhe havia de dizer, que diſpuzeſſe de ſua alma, que era o que importava mais; mas iſſo ſuppunha o Propheta, que o havia de ter feito Ezechias no tempo da ſaude, & não o havia de guardar para o tempo da enfermidade, & aſſim moſtrou o bom Rey, que o tinhà feito, na oração, que logo fez a Deos, na qual ſe continha não como havia de viver, ſe eſcapaſſe da doença, mas continha, & allegava o bem, que tinha vivido antes della:

Num. 3. *Memento quæſo quomodo ambulaverim coram te in veritate, & in corde perfecto; & quod bonum eſt in oculis tuis fecerim.*

26. Aſſás neſcio fora eu, ſe guardára para eſta hora o aparelharme para a morte. Aſſim reſpondeo o veneravel Fr. Joſeph de Albis Capucho, aviſandoo para ſe aparelhar para morrer, eſtando na ſua ultima enfermidade. Palavras, que podem ſervir de oraculo, & de fim a eſta Ponderação.

Chronic. S. Joſeph. 1. p. l. 2. c. 39.

PON=

PONDERAÇAM V.

Propoemſe alguns grandes exemplares, que ſe ſouberão aparelhar com tempo para a jornada da Eternidade.

O ſaber morrer he a mayor façanha.

Illi ſunt beati, qui priùs moriuntur ſæculo, poſtea carni. Ambroſ. in cap. 14. Apocal.

1. SEja o primeiro D. Franciſco de Borja Duque de Gandia, Marquez de Lombay, Grande de Eſpanha, Viſo Rey de Catalunha, & Mordomo mòr do Emperador Carlos V. que com hũa reſolução, que deu ecco em toda Eſpanha, ſe meteo Religioſo da Companhia, deixandonos por deſpertador aquelle oraculo: *Nunca mais ſervir á ſenhor, que me poſſa morrer.*

2. O medo da conta, q̃ havia de dar a Deos com ſer hum Principe já exemplar no ſeculo, o obrigou a meterſe na Religiaõ para ſe aparelhar para eſta conta: *Harto havemos ſervido á los Principes de la tierra, harto havemos dado á la mocedad, y libertad: tiempo es ya de acogernos a ſagrado, & de aparejarnos para la cuenta, que en vueſtro Tribunal ſe nos tomará de todos*

dos los momentos de la vida. Assim discursava comsigo Borja,& deste discurso se seguio tam grande resoluçaõ, & ser S. Francisco de Borja. Eusebio lib. 1. cap. 13. de sua vida.

3. Seja o segundo, como refere o nosso Strada, aquelle soldado o mais afamado só por esta acçaõ, q̃ tiveraõ os exercitos de Carlos V. a quem soy pedir licença para se retirar da milicia, dizendo, que se queria aparelhar para a Eternidade, & por isso lhe era necessario tomar tempo entre as occupaçoens da vida,& o dia da morte: *Inter vitæ negotia, & mortis diem oportere spatium intercedere.* Famian. Strad.

4. Esta mesma resoluçaõ começou a abalar a Carlos V. para coroar todas as suas façanhas com se retirar ao Convento de Juste, para se aparelhar tambem para a Eternidade, deixandonos aquella tam importante doutrina, que *O saber morrer, era a mayor façanha.*

5. D. Iñigo de Mendonça filho segũdo de D. Iñigo Lopes de Mendonça, Grãde de Espanha, & Marquez de Mondejar, sendo Cathedratico de Prima na faculdade de Canones na Universidade de Alcalá, & considerando, que para chegar a aquelle estado tinha passado por muitos exames, & actos publicos, & que para todos se tinha aparelhado para sahir com credito delles,

delles, conſiderando porém, que ainda lhe eſperava outro muito trabalhoſo, & mais arriſcado que todos, que era o do juizo; em que havia de ſer examinado com todo rigor, & com nenhum reſpeito a ſua peſſoa de tudo quanto tinha feito em ſua vida, em que no ſahir bem, ou mal hia tudo; & naõ tinha atè aquelle tempo tomado aparelho para tam rigoroſo, & apertado exame, ſe reſolveo ſó por força deſta conſideraçaõ, que he baſtante para fazer reſolver a todos, de ſe meter Religioſo na Companhia, o que logo poz em execuçaõ, para ſe aparelhar para a Eternidade. Euſebio tom. 4.

6. Dom Antonio de Moncada, & Aragaõ Principe de Paterno, Duque de Montalto, & Bibona, deſcendentes dos Duques de Baviera, & dos Reys de Napoles, natural da Cidade de Palermo com duzentos mil cruzados de renda, caſado com D. Joanna de Lacerda, filha unica, & herdeira do Duque de Medina Celi, com licença de Phelipe IV. renunciou em ſeu filho D. Luis de Aragaõ, & Moncada os ſeus Eſtados, & pendurado o Tuſaõ diante do altar de N. Senhora do Loreto, ſe foy meter na Religiaõ da Companhia, & ſua mulher entre as Carmelitas Deſcalças. Andr. tom. 6.

7. Dom Francisco Gaetano filho de Dom Pedro Gaetano, senhor de Sortino, hoje Marquezado, Cassaro, & Turpi, & de D. Joanna de Moncada, filha do Principe de Paterno, porque muitas vezes, quando estava na cama, & queria pegar no sono, lhe parecia dava a alma a Deos, & se achava presente diante delle como juiz, & elle reo a ouvir aquella terrivel sentença de ser condenado às chamas eternas, se resolveo a se aparelhar para a Eternidade, entrando na Companhia. Eusebio tom. 4.

8. O Veneravel P. Fr. Antonio das Chagas bem conhecido pelas suas Missoens, que tanto aballo fizerão em todo Portugal, converteose da vida licencioſa de soldado, começando muito acaso a ler por hum livro de Fr. Luis de Granada, que achou sobre hum bofete indo visitar a hum seu amigo na Bahia, sendo o capitulo, em que leo, do juizo, considerou na conta, que havia de dar a Deos, & tratou de se aparelhar para ella, fazendo logo o voto de deixar o mundo, & vestir hum habito de S. Francisco; o que cumprio passandose a Portugal, aonde o foy pedir, para que se lhe trocasse por hũa patente de Capitão de cavallos. Godinho na sua vida lib. cap. 20.

9. Em todas as Religioens Sagradas ha, & houve

houve sempre muitos Varões resolutos, que para se aparelharem para a Eternidade, se recolhèraõ ao retiro dellas, deixando cõ estrondosos exemplos as váidades do mundo; & mais havia de tirar do mundo aquella trombeta, que nos ha de chamar ao juizo, se soasse ao menos algũas vezes nos nossos ouvidos, como soava sempre nos de S. Jeronymo.

10. De proposito saõ os exemplares, que propuz, de personagens de tanto vulto, para que tenha menos escusa, quem pela natureza, ou pela fortuna naõ chegou a ser tam grande, nem tem tantas difficuldades para tomar tam boa resoluçaõ; que se ouvessemos de contar os exemplos de menos ecco, puderamos referir muitos mais, que de proposito deixamos, porque naõ fazemos disto especial tratado; & só apontamos estes, para que se veja, que ainda que façamos como elles, nunca faremos tanto, como elles fizerão.

COMO HA DE SER o aparelho para a Eternidade na praxe.

PREVENÇAM II.

Tirar de nós, ou ao menos moderar o medo, que naturalmente se tem à morte.

A morte não he tam feya como se pinta.

Mors, quæ nos à præsentibus malis vendicat; nomine magis quàm re formidabilis. Nazianz. in Fun. Patr.

1. DA morte disse Aristoteles, que de todas as cousas terriveis desta vida, ella era a mais terrivel: *Omnium terribilium hujus vitæ terribilissimum*; & a lembrança da mesma morte chamou amargosa o Espirito Santo: *O mors, quàm amara est memoria tua!* Daqui vem, que naõ ha cousa mais difficultosa, do que vencer o medo da morte, ainda para os homẽs mais sabios, diz S. Agostinho: *Nihil difficilius, quàm non metuere mortem; horrore mortis non terreri viris etiam doctissimis esse difficillimũ.*

Arist. 3. Ethic.

Eccles. 41. n. 1.

D. August. in Psal. 85.

2. Comtudo tanto póde a graça, a vida, &

& á consideraçaõ, que a mesma morte, que mete tanto medo, já naõ meta susto, diz o mesmo S. Agostinho: *Tanta est tamen anima, ut etiam hoc possit adjuvante sanè justitia summi, & veri Dei.* David desejava, que se lhe acabasse este desterro: *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.* Paulo desejava verse livre do corpo, a que estava atado: *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo:* hũa, & outra cousa era naõ temer a morte. Idem l. de immort. c. 33. Psal. 119. n. 5. Ad Phil. 1. n. 23.

3. O viver sem o medo da morte, que já a sua lembrança, porque a vida he justa, naõ cause susto, achou Cicero, com ser Gentio, que era hũa vida bemaventurada: *Qui mortem non timet, magnum sibi præsidium ad beatam vitam comparavit.* E Tertulliano julgou, que naõ podia haver gosto mayor, do que naõ haver medo da morte: *Quæ maior voluptas, quàm timor mortis nullus?* assim como o andar sempre, por causa da má vida, com o susto da morte, disse Seneca, que era viver hũa vida inquieta, & sem socego: *Inquietam nobis vitam facimus metu mortis;* & perder o mesmo, que se vivia: *Qui timet mori, ipsum quod vivit, perdit.* E Erasmo disse, que era naõ viver: *Ille non vivit, qui perpetuo mortis metu vivit.* Naõ ha outro mal na morte, senaõ o medo della: *Nec* Cic. 1. Tusc. Tert. de spect. c. 29. Senec. Erasm. Drex. l.

in morte aliquid mali est, nisi timor mortis, disse Drexelio, & por estas duas razoens se deve moderar o medo da morte, que poderá moderarse.

Considerando, q he geral para todos.

Stultum est dolere in ejus conditione esse, in qua nemo non est. Senec. epist. 77.

4. O Considerar, que a morte he geral para todo o vivente, he consideraçaõ tam efficaz para lhe diminuir o medo, que naturalmente se lhe tem, que a apontou o Espirito Santo no Ecclesiastico: *Noli metuere judicium mortis, memento quæ ante te fuerunt, & quæ superventura sunt tibi. Hoc judicium a domino omni carni.* Muitos morreraõ antes de ti, & depois de ti todos haõ de morrer, ninguem ha, que agora tenha vida, que ao depois naõ acabe com a morte: *Quis est homo, qui vivet, & non videbit mortem?*

Eccles. 41. n. 5.

Psal. 88. n. 49.

5. Aqui pódes trazer à lembrança os que tens visto morrer, ou sabes, que morrerão, ou sejaõ conhecidos, ou parentes, ou amigos, ou grandes personagens, & muitos delles com menos annos, que os teus.

Irás

6. Irás para onde todos vaõ, dizia o Seneca, buscando remedio ao susto da morte: *Eò ibis, quò omnia eunt.* Que novidade achas nisto, se todos nascèraõ sogeitos a esta ley de morrer? Querias, que Deos fizesse outro mundo para ti com outras leys? *Quid tibi novum est? Ad hanc legem natus es*; o mesmo succedeo a teu pay; & mãy, ou ha de succeder: a teus antepassados; a todos antes de ti; & a todos depois de ti ha de succeder o mesmo: *Hoc patri tuo accidit, hoc matri, hoc maioribus, hoc omnibus ante te, hoc omnibus post te.* Quanta gente depois de morto te seguirá? quanta te fará companhia na morte? *Quantus te populus mortuo sequetur? quantus comitabitur?* Senec. Idem. Idem.

7. Assim discursa Seneca, & vay continuando no seu discurso. Morrerás? mas nem es o primeiro, nem serás o ultimo; muitos foraõ diante de mim, & haõ-me de seguir todos; por onde passa todo o mundo, tambem eu passarei. Esta he a condiçaõ com que nascem todas as cousas; tudo o que começa, acaba. *Morieris? nec primus, nec ultimus; multi me anteceſſerunt, omnes sequentur; quò transit orbis, ego transibo. Ad hanc conditionem cuncta gignuntur; quod cœpit, & desinit.* Idem ep. 77.

Con-

8. Conſolaçaõ he grande morrer com todo o univerſo, continua o meſmo Filoſofo: *Solatium eſt grande cum univerſo unà rapi.* A morte he por onde todos paſſaõ, & a morte não paſſa a ninguem: *Mors tranſitus univerſorum eſt*, diz S. Ambroſio. Se no meſmo tempo, em que tu morreres, morreſſem comtigo muitos, acharias alivio na companhia; iſto he o que tambem coſtuma conſolar, ou diminuir o medo em hũa batalha, & em hum naufragio: *Fortior eſſes, ut opinor, ſi multa millia tibi commorerentur*: pois aſſim o pódes ter por certo, que no meſmo tempo, em que tu morres, ou eſtás temendo a morte, eſtaõ muitos morrendo em diverſas partes deſte mundo: *At qui multa millia hominum, & animalium hoc ipſo momento, quo tu mori dubitas, animam varijs generibus emittunt*, diz Seneca.

Idem l. de provid. c. 15.

D. Ambroſ.

Senec.

Idem.

9. A ley da morte he inviolavel em que ſe naõ diſpenſa: *Statutum eſt hominibus ſemel mori.* Seneca lhe chamou ley natural, donde infere, que he louquice moleſtarſe alguem por eſtar ſogeito a hũa ley, da qual ninguem eſtá iſento: *Stultum eſt dolere in ejus conditione eſſe, in qua nemo non eſt*; & andar ſempre com medo do q ſe naõ póde evitar: *Stultum eſt timere, quod vitare non poſſis.* Ninguem he bem, que eſtranhe,

Ad Hebr. 9. n. 27.

Senec. ep. 77.

Idem.

ou

ou recuse passar por onde todos passão: *Nemo recuset ferre sortem, quam omnes patiuntur*, disse Plauto. Idem.

Considerando o de que nos livra.

Ille solus pericula omnia evasit, qui vivere desijt. Drexel.

10. NAõ se ha de temer o que nos livra do que se ha de temer: *Non est timendum, quod nos liberat ab omni timendo*, disse com energia da morte Tertulliano. Mais medonha he a morte no nome, que na realidade, pelos males, de que nos livra: *Mors; quæ nos à præsentibus malis vindicat; nomine magis, quàm re formidabilis*; tam fóra está a morte de ser temida, que antes deve ser desejada, & tida por beneficio: *Adeò mors timenda non est, ut beneficio ejus nihil anteferendum sit: Mors malorum omnium remedium est. Optabit illam quisquis timet*, disse o Seneca. Dous privilegios grandes concede a morte aos que mata; hum, naõ poder adoecer nunca; & já não poder morrer, o outro, diz Seneca: *Moriar? hoc dicis: desinam ægrotare posse, desinam mori posse.* Para que temes morrer, se morrendo ficas já Tertul. Senec. ep. 24. Idem.

ſem o medo da morte, alem de ficares tambem ſem o medo de tantos perigos da vida, que te poderiaõ ſucceder, ſe viveſſes: *Quid cohorres? vita tibi eripitur? ſed ſimul & mortis metus, & mala vitæ plurima*, pergunta Drexelio.

Drexel. in prodrom. c. 2. §. 7.

11. Se a alguem ſe havia de mudar o nome, havia de ſer à morte, mais merecia a vida eſte nome: *Non puto finem vitæ hujus juſtum eſſe mortem appellare, ſed receſſum à morte, ſeparationem à corruptione; ut in ſumma dicam, omnium conſummationem malorum*, diſſe S. Maximo. Livranos a morte da vida, & dos trabalhos della, que em fim he valle de lagrimas, ainda q̃ nos pareça outra couſa. Se a vida eſtá cheya de moleſtias, o fim da vida ha de ſer alivio, & eſte alivio he a morte, diz S. Ambroſio: *Si plena oneris vita, utique finis ejus allevamentum eſt, allevamentum autem bonum mors.* He a vida humana tam cheya de moleſtias, & miſerias, que diſſe Seneca, que fora cautela da natureza dalla no tempo, em que ainda não ha juizo, nem conſideraçaõ; que he tal a vida humana, que ninguem, parece, que a aceitaria, ſe ſe lhe deſſe com conhecimento do que he: *Stratagema naturæ eſt naſci homines rationis expertes: nemo vitam acciperet, ſi daretur ab adoleſcentia.* Por iſſo diſſe Plinio, que a melhor couſa, que a na-

D. Max. cent. 5. c. 76.

D. Ambr.

Senec.

natureza dera aos mortaes; era à brevidade da vida, porque os livrava mais cedo das molestias della: *Natura nihil hominibus brevitate vitæ præstitit melius; tot morbi, tot metus; tot curæ, tot periculorum.* Grande invento da natureza chamou Seneca à morte, porque para nos livrar das miserias da vida, parece, que a inventou a natureza: *Optimum inventum naturæ.* Plin. Senec.

12. Que cousa he o viver mais, senaõ ser atormentado por mais tempo, & acrescentar a dias maos outros maos dias? diz S. Agostinho: *Quid est autem diù vivere, nisi diù torqueri? Quid est aliud vivere, quàm malos dies malis diebus addere?* De tudo o que póde molestar na vida he o melhor remedio a morte: *Nihil aliud mors est, quàm à vitæ curis liberatio*, advertio S. Chrysostomo: *Mors omnium dolorum & solutio est, & finis*, acrescentou Seneca. Considerando o muito, de que a morte nos livra, mais parece remedio de males, que castigo de culpas, diz S. Ambrosio: *Tantis malis hanc vitam esse repletam, ut comparatione ejus mors remedium esse putetur, non pœna.* Como póde deixar de ser boa a morte, se dá fim a todos os males da vida? diz o Seneca: *Bona est mors, vitæque extinguit mala.* Que navegante D. Aug. Serm. 113. de Temp. D. Chrysost. Sen. ad Marth. D. Ambros. ep. 42. Senec.

gante ha, que lhe cuſte chegar ao porto, & livre já dos perigos do mar, tomar terra? pois à morte chamou Stobeo porto, aonde deſembarcaõ todos os mortaes: *Mors omnium mortalium portus eſt.*

Stob. Serm. 121.

13. Livranos do mundo, que he hum dos grandes inimigos, que nós temos, & ſó por iſſo podia ſer deſejada a morte, diz S. Cypriano: *Ejus eſt in mundo diù velle manere, quem mundus oblectat; porrò cùm mundus oderit Chriſtum, quid amas eum, qui te odit?* Livranos das offenſas de Deos, que quanto mais vivemos, mais vamos acreſcentando as culpas, diz S. Ambroſio: *Non te nomen mortis offendat, ſed boni tranſitus beneficia delectent; quid eſt enim mors, niſi ſepultura vitiorum? Quid tantoperè vitam iſtam deſideramus, in qua quanto quis diutiùs fuerit, tanto maiore oneratur ſarcina peccatorum?* Eſte era o lucro, que S. Paulo conſiderava no morrer: *Mihi mori lucrum. Maximum computans lucrum jam ſæculi laqueis non teneri, jam nullis peccatis, & vitijs carnis obnoxium fieri*, explica S. Cypriano a S. Paulo.

D. Cyprian.

D. Ambroſ.

Ad Philip. 1. n. 21.

D. Cyprian.

14. Livranos das miſerias, a que eſtá ſogeito o noſſo corpo. Perguntado Gorgias ſe morria de boa vontade, reſpondeo, que ſim, porque

porque sahia de huma ruim casa, que era o seu corpo: *An libenter moreretur? Maxime; nam tanquam ex putri, & diffluente domuncula non invitus discedo.* Por isso S. Bernardo era de parecer que na morte tinhaõ mais lugar os parabens, que os pezames, porque pela morte se via hum livre de todo o trabalho, peccado, & perigo: *Triplex in morte congratulatio est: homines ab omni labore, peccato, & periculo liberari.* Com este pensamento (como diz Drexelio) deveo de morrer no anno de 1418. Cortusio Jurisconsulto de Padua; este mandouse enterrar com dançaś, & até os Religiosos, que vestiaõ de preto, excluio do acompanhamento do seu enterro, para mostrar, que nenhum luto queria admittir nas suas exequias. Tanto dava a entender, que morria alegre.

Stob. Serm. 115.

D. Bernard. in Tran. Malach.

Drexel. in Prodrom. c. 1. §. 15.

Con=

Conſiderando o bem que nos traz.

Bona mors, quæ vitam non aufert, ſed transfert in melius. D. Bernard. Serm. 52. in Cãnt.

15. REſtituenos a morte à noſſa patria, donde vivemos auſentes; & q̃ melhor bem nos póde fazer a morte? *Mors nihil aliud eſt, quàm peregrinationis finitio, reditus in pàtriam,* dizia Holcot. Quem ha, que yendoſe longe de ſua patria, naõ ſe deſeje ver nella? *Quis non peregrè conſtitutus properet in patriam regredi? Quis non ad ſuos navigare feſtinans ventum proſperũ cupidiùs optaret?* Que couſa ha, que ſe deſeje mais, do que acabarſe hũa navegaçaõ? diz S. Cypriano.

Holcot.

D. Cyprian.

16. Goſtava muito Cicero de ſe ver já na idade de velho, porque então ſe conſiderava jà mais perto da morte, por onde cuidava elle havia de entrar a gozar da ſua immortalidade: *Mihi tam jucundum ſenectus eſt, ut quò propiùs ad mortem accedam, quaſi terram videar videre, aliquandoque in portum ex longa navigatione eſſe venturus,* diz Seneca. Pondera o affecto, com que ſuſpirava por eſta immortalidade

Senec.

talidade, que bem póde cauſar peſo à noſſa tibieza: *O præclarum diem, cùm in illud animarum concilium proficiſcar, & cùm ex hac turba, & colluvione diſcedam!* Idem.

17. Cleombroto, Deantes, Chriſſipo, Zenàm, Empedocles, Catam Uticenſe matáraõſe por ſuas mãos ſó por gozar da immortalidade, em que ouviraõ fallar, ou elles leraõ. Tam poderoſo foy neſtes Gentios o conceito, ainda que barbaro, que fizeraõ de ſua imaginada bemaventurança, que lhes fez perder o medo à morte, & porque lhes parecia, q̃ tardava, anticipàraõ-na com violencia. Oh frieza da noſſa fé, aſſim temos horror à morte, como ſe depois della naõ eſperaſſemos outra vida! *Non eſt cur mortem adeo timeas, cùm hæc bene, pureque morientibus ſit vita*, diſſe Affonſo Rey de Aragaõ animando a hum ſeu Camariſta, a quem via, que cuſtava muito o morrer, achandoſe ainda na primavera dos ſeus annos; & o refere Eneas Silvio na ſua vida. Se tanto deſejamos a vida, deſejemos a q̃ ſó verdadeiramente o he, diz S. Bernardo: *Bona mors, quæ vitam non aufert, ſed transfert in melius. Mori timeat, qui ad ſecundã mortem de hac morte tranſibit; mortalitas iſta Dei ſervis ſalutaris exceſſus eſt.* Tema a morte, quem depois della teme outra, diz S. Cypriano. Apa-

Æneas Silv. in vita Alph.

D. Bern. Serm. 52. in Cant.

D. Cyprian.

Aparelhandoſe com hũa vida juſta.

Vita hæc præparatio debet eſſe ad futuram.
Paes in Cant. Moyſ.

18. NAõ temos, que temer a morte, ſe for boa à vida, o mal, que ſe tem feito na vida, he ſó o que póde meter medo na morte: *Non habemus quod in morte metuamus ſi nihil, quod timendum ſit, vita noſtra commiſit*, diz S. Ambroſio. Eſta meſma cauſa apontou S. Chryſoſtomo ao temor da morte: *Vis ſcire cauſam, cur mortem timeamus? non habemus conſcientiam puram; quod ſi hoc eſſet, nihil nos mors terruiſſet. Bene veniat ſoror mea mors*, diſſe S. Franciſco Serafico, quando os Medicos o aviſáraõ para morrer. *No penſava, que era tan dulce el morir*: diſſe o grande Soares à hora da morte. Naõ he a morte para ſe temer, ſenaõ a vida, porq̃ ſó eſta póde levar ao inferno. Naõ he a morte mà, ſó o póde ſer o que ſe ſegue, diz S. Chryſoſtomo: *Non mors malum eſt, ſed poſt mortem pœnas dare hoc malum eſt.* Mayor deve ſer o medo da vida, que o da morte, diſſe Tacito: *Maior vitæ metus, quàm mortis.*

D. Ambroſ.

D. Chryſoſt.

Idem homil. 3. ad Philip.

Tacit. l. 11. Annal.

Morrendo

Morrendo antes de morrer.

Moriendum eſt antequam mori cogaris. Alexandridas.

19. O Morrer antes de morrer he remedio grande para ſentir menos a morte; o aprender a morrer diſſe o Seneca, que havia de ſer a occupaçaõ de toda a vida: *Egregia res eſt mortem condiſcere; tota vita diſcendum eſt mori.* Tambem aſſim o acõſelhou o Nazianzeno: *Defunctorum munere mens fungatur, ab ipſis corporibus cogitatione, & animo recedamus.* Paſſando hum mercador por hũa montanha, & vendo hum Ermitaõ, que alli morava retirado, perguntoulhe, que fazia naquelle deſerto; a que elle reſpondeo: *Diſco mori:* Eſtou aprendendo a morrer. O naõ ſaber morrer he aonde ſe vè mais a miſeria, & deſcuido dos mortaes, diz Drexelio: *Neſcire mori inſcitia omnium miſerrima eſt.* Ignorar o que mais ſe deve ſaber, que he ſaber morrer, he a mayor ignorancia de todas, porque della ſe ſegue o errar na morte; erro, que ſe naõ póde emendar, nem por toda hũa Eternidade: *Malè moriendo ſemel tantùm erratur,* Senec. de brev. vit. l. 7. D. Greg. Naz. orat. de mort. Drexel. Idem.

ſed hic error nunquam emendatur in omnes Æternitates. Na morte naõ ſe póde errar mais que huma vez, mas eſta he a mais medonha circunſtancia deſte erro: *Hæc ratio mortis eſt unicus in ea error, hîc ſemel erraſſe æternum eſt perijſſe.* Idem.

20. Mas o aprender a morrer naõ ſe póde fazer ſenaõ morrendo, como dizia Cromacio Biſpo de Aquilea: *Diſce mori, benè moriendo priùs.* Macrobio tendoo aprendido de Plataõ, a quem chamàraõ o Divino, enſina como iſto he, & poſſa ſer. O homem tem, & póde ter duas mortes; huma falla a natureza, a outra a virtude, a que podemos chamar Phyſica, & Moral; entaõ morre o homem phyſicamente, quando a alma ſe aparta do corpo; & entaõ morre moralmente, quando a alma eſtando ainda no corpo ſe aparta das couſas do mundo, a que por affeiçaõ eſtá atada: *Hominis duas aſſerit mortes Plato; quarum unam natura, virtutes alteram præſtant. Homo enim moritur, cùm anima corpus relinquit; mori etiam dicitur, cùm anima adhuc in corpore conſtituta, corporeas illecebras, Philoſophia docente, contemnit, & cupiditatum dulces inſidias, reliquaſque omnes exuit paſſiones.* Macrob. in ſomn. Scip. l. 1. c. 3.

21. Ambas eſtas ſeparaçoens ſe daõ na morte

morte physica, apartarse do corpo a que està unido, & apartarse das cousas do mundo, a que està affecto; donde se segue, que aquelle, que na vida estiver jà apartado, & sem affeiçaõ às cousas do mundo, poderà esperar a morte com menos medo, como quem està jà ametade morto, & tem feito jà huma das separaçoens, que na morte ha de haver, & naõ custarà deixar entaõ na morte, o que jà se tem deixado em vida.

22. A memoria da morte chamase amargosa, mas a quem està affecto às cousas do mundo, & lhe custa o ver que as ha de deixar na morte, que naõ ha deixar sem pena o que se possue com affeiçaõ: *Nunquam sine dolore perditur, quod cum amore possidetur*; disse S. Gregorio Magno. *O mors, quam amara est memoria tua homini pacem habenti in substantijs suis!* Mas a quem estiver sem affecto, naõ lhe serà amargosa a lembrança da morte: *Vis ergo, ut mors ejusque memoria non te torqueat? vivens abdica a te delicias, & opes, aut certè affectum ab eis averte*, diz A Lapide. D. Greg. Eccl. 41. n. 1. A Lapid.

23. Deixa o superfluo, sem o qual podes passar, & possue o necessario sem affeiçaõ, & terás menos sentimento na morte. Para que o dente naõ cause tanta dor ao arrancar, he in-

induſtria do official o deſcarnallo primeiro, dizia S. Franciſco de Borja para explicar iſto meſmo, que vou dizendo. E iſto meſmo parece, que quiz dizer Seneca, quando diſſe, que haviamos de uſar das couſas, que tinhamos, como ſe logo as ouveſſemos de deixar de ter:

Senec. ad Mar. c. 10. *Sæpe admonendus eſt animus amet, ut receſſura, immò tanquam recedentia; quidquid fortuna datũ eſt, tamquam extemplo abiturum poſſideat.* O final de hum eſtar morto ainda em vida, he quando jà nam ſente, nem ſe doe das perdas temporaes, nem ſente moverſe jà pelos appetites: *Tunc ſæculo te mortuum ſenties, judicareque poteris, cum temporalium rerum jacturas non dolueris, cùm à terrenis non tractum te ſenſeris; cùm à voluptatibus deductum te minimè fueris expertus*, ponderou hum douto moderno. Quem aſſim morrer antes de morrer, poderá zombar da morte, diz S. João Chryſoſtomo: *Quotidie morior, & mortem deride.*

Paes in Cant. Ezech.

D. Chryſoſt. hom. 5. ad pop.

Com

Com meditar frequentemente nella.

Tu mortem, ut nunquam timeas, semper cogita.
Senec. epist. 77.

24. NAõ ha couſa, que a imaginaçaõ repreſente taõ difficultoſa, que a continua meditaçaõ della a naõ torne muito facil: *Nihil eſt quod non aſſidua meditatio facillimum reddat*; diz Vigecio. Aquillo, que ſe prevè dantes, ſempre cuſta menos. Menos ferem as ſettas, que ſe prevem: *Minus jacula feriunt, quæ prævidentur*, diz S. Gregorio Magno. O golpe do mal, em que jà ſe tem cuidado, deſcarrega mais brando; porque as cõuſas previſtas, quando vem, trazem menos força, diz Seneca: *Præcogitati mali mollis ictus venit. Quæ multo antea prævisa sunt, languidiùs incurrunt*, diſſe o meſmo Filoſofo. A preparaçaõ para a dor tem muita força para a diminuir, quando vem; o aſſalto do inimigo mais perturba, quando repentino, que quando eſperado; & mais horror mete a tempeſtade ſubita, que a previſta: *Multum poteſt animi prævisio, & præparatio ad minuendum dolorem: hostium repentinus adventus magis aliquanto conturbat, quam*

Viget.

D. Greg.

Senec. ep. 77.

Cicer. 3. Tuſc.

ex-

expectatus ; & maris subita tempestas, quàm ante prævisa, terret navigantes vehementiùs, disse Cicero.

75. Quando Eneas quiz mostrar à Sibylla, que naõ lhe metiaõ medo as cousas, que havia de passar na jornada, que determinava fazer ao Inferno, disse, que já as tinha meditado: *Omnia præcepi, atque animo mecum ante peregi.* Ande sempre a morte diante dos olhos, & quando vier naõ meterá tanto medo: *Mortem velut præsentem semper tibi ob oculos pone; ita enim fiet, ut cum ipsi occurrendum erit, superior existas*, aconselha o Nazianzeno. Cõsidera muitas vezes, que has de sahir deste mundo, & achartehas com mais animo, quando forçosamente o ouveres de deixar: *Tanquam migraturus habita, propone quandoque tibi hoc contubernio carendum, fortior eris ad necessitatem exeundi*, diz Sèneca. O soldado, que todas as horas està aparelhado para deixar a barraca na campanha, naõ sente, quando lhe tocaõ a marchar. A meditaçaõ na morte deve ser continua, porque lhe diminue o medo, & sem este passase a vida com quietação, & com socego: *Hoc meditatum ab adolescentia debet esse mortẽ, ut negligamus, sine qua meditatione tranquillo esse animo quis non potest*, disse Cicero.

Virg. Æneid. 6.

D. Greg Naz.

Senec. ep. 71.

Cic. de Senect.

Todos

26. Todos os dias deves meditar na morte, para que te naõ cuſte o deixar a vida, enſinava Seneca: *Hoc quotidie meditare, ut poſſis æquo animo vitam reliquere.* Aſſim o fazia Anaxagoras, & por iſſo indoſelhe ler, & intimar a ſentença de morte, que lhe dava o Senado de Athenas, reſpondeo ſem nenhum ſuſto, que primeiro a natureza o tinha condenado à morte a elle, & aos Juizes: *Jam pridem ſententiam tulit natura tam in me, quàm in illos, qui me damnant.* O morrer ſem experimentar violencia nos affectos, aſſim como he hũa grande couſa, aſſim ſe naõ alcança ſem muito eſtudo: *Magna res eſt hæc, & diù diſcenda, cùm adventat hora illa inevitabilis, æquo animo abire*, ponderou o Seneca. Mas bem poderà chegar hum a fazer pouco caſo da morte, ſe ſe reſolver a meditar frequentemente nella, conclue o Stoico: *Contemnes, ſi ſæpè cogitaveris.* Senec. Senec. ep. 30. Idem ep. 108.

PRE-

PREVENÇAM III.

Prevençaõ para o juizo, aonde me heide ver dando conta miudamente da minha vida.

Remedio para peccados paſſados, & preſervaçaõ ſingular para os futuros.

Laboremus totis viribus lavare culpas, ſubvenire præteritis, conſulere futuris. Greg. Arelat. lib. de pœn.

Peçote, que leas ainda com mayor attençaõ daquella, que já te tenho pedido, eſta Prevençaõ.

MOderado aſſim o medo da morte, reſta moderar o medo do juizo, ainda incomparavelmente mayor, por haver de dar nelle conta de noſſas vidas; na morte perdeſe a vida temporal, no juizo pódeſe perder a eterna. Quem cauſa eſte horror do juizo ſaõ os peccados paſſados, mas eſtes (bemdita ſeja hũa, & mil vezes a miſericordia divina) tem ſeu remedio.

De-

2. Devemse confeſſar com huma confiſſaõ muito miuda, & que ſupponha todo o aparelho requiſito, huma dor, & arrependimento verdadeiro do paſſado; & hum propoſito firmiſſimo para o futuro, apartandoſe de toda a occaſiaõ, que tenha ſido, & poſſa ſer cauſa de cahir, que naõ ha fugir do peccado, ſem evitar as occaſioens delle. Firmiſſimo era o propoſito de naõ peccar em Pedro: *Etiamſi oportuerit me mori tecum, non te negabo*; mas como naõ evitou a occaſiaõ donde podia cahir, metcoſe nella, & peccou. Eſta confiſſaõ haſe de ſuppor, que he a ultima, & feita por mandado dos Medicos, que daõ o aviſo para morrer. Matth. 26. 35

3. Começarei a ſatisfazer pelos peccados paſſados, applicando algumas penitencias, & indulgencias, que puder. O confeſſallos aſſegurará de que já ſe me naõ tomará conta delles no Juizo, como o aſſegura S. Paulo: *Si nosmetipſos dijudicaremus, contritione, & confeſſione*, vay explicando Cornelio, *non utique judicaremur, id eſt, non judicio divino puniremur. Ceſſat vindicta divina, ſi converſio præcurrat humana, amat enim Deus confitentibus parcere, & eos, qui ſemetipſos judicant, non judicare*, diz S. Agoſtinho ſobre o meſmo texto de S. Paulo. Naõ julga Deos 1 ad Cor. 11. n. 31. A Lap. D. Aug. in Paul

no Juizo os que saõ ja julgados na cõfissaõ, nem se nós nos julgarmos no Tribunal da cõfissaõ, teremos q julgar no do Juizo: *Nos confitendo damnemus, quod fecimus, ut ille non quod damnet, inveniat*; diz o mesmo Santo Doutor.

D. August. in Psal. 94.

4. Servirà tambem para tirar o receyo das contriçoens passadas, que às vezes podem enganar com o apparẽte, & naõ verdadeiro proposito de deixar as occasioens da culpa; que assim entende o A Lapide aquelle lugar do Ecclesiastico, que tam difficultoso parece de se entender: *De propitiato peccato noli esse sine metu*: Do peccado, que cuidas està perdoado, naõ te des ainda por seguro: *Ne fortè pœnitentia tua sit falsa, ideoque peccatum non sit tibi condonatum; nescit homo utrum amore, an odio dignus sit.* Hum testamento tem tantos requisitos para se fazer, que muitos parecem que foraõ bemfeitos, & muitas vezes por algum defeito sahem nullos: assim póde succeder a algumas confissoens.

Eccles. 5. n. 5. A Lapid.

5. Tambem o peccado passado, diz Cornelio, póde naõ estar satisfeito quanto à pena: *Esto culpa sit remissa, remanet tamen pœna tibi luenda, vel hîc, vel in Purgatorio; &*

Idem.

nescis

neſcis an pro hac pœna ex æquo ſatisfeceris.

6. Para iſto ſerve a applicaçaõ das obras ſatisfactorias, para que os peccados paſſados, & já confeſſados me naõ metaõ medo com o Purgatorio, aonde as penas ſaõ taõ grandes, que tudo o que ſe póde padecer neſta vida he muito menos, do que ellas ſaõ, como diz S. Agoſtinho: *Gravior erit ille ignis, quàm quidquid homo poteſt pati in hac vita.* E hum, que as experimentou, teſtemunha, que todos os tormentos deſta vida comparados com a minima pena do Purgatorio podem parecer alivios: *Omnia tormenta hujus vitæ comparata minimæ pœnæ Purgatorij ſunt ſolatia.* D. Auguſt.

7. Para iſto ſe póde fazer hum livrinho de Deve, & Ha de haver, que ſervirá para ir ſatisfazendo aquillo, em que hum ſe acha individado, & pouco a pouco deſcarregando-ſe, como aconſelha Gregorio Arelatenſe: *Laborémus totis viribus lavare culpas, ſubvenire præteritis, conſulere futuris, & facere infecta de factis.* Nota o effeito da penitencia, que he fazer, que já naõ ſeja, o que ja foy, como ſe ficaſſe apagado, o que eſtava eſcrito: *Et facere infecta de factis.* Gregor. Arelat lib. de Pœnit.

8. As lagrimas, que tenho chorado por meus peccados, dizia David a Deos, vós as

Pſal. 55. n. 9. puzeſtes no voſſo livro da Razaõ: *Poſuiſti lacrymas meas in conſpectu tuo*; tem outra letra: *In Rationario.* O peccar mortalmente, diz Origenes, he paſſar huma obrigaçaõ, & hum conhecimento de divida a Deos para a pagar no Inferno: *Quisquis, dum peccat, peccati ſui litteras ſcribit*; mas a penitencia, diz S. Ambroſio, he a que paga, & apaga eſta divida, que eſtà aſſentada no livro da Razaõ de Deos: *Pœnitentia delictum abolet.*

Orig. Homil. 13. in Gen.

9. Todo o ponto eſtà em ficar firmiſſimamente reſoluto a naõ tornar outra vez a peccar. Tenho feito altiſſimo conceito de huma conſideraçaõ, que cuido, que bem penetrada poderà ſer hum grande remedio, & ſingular preſervaçaõ para evitar peccados futuros. Perdoame por ir buſcar motivo para naõ offender a Deos fóra do meſmo Deos taõ digno de ſer amado, & a quẽ tanto devemos os que ſomos ſuas creaturas; mas ſe conſiderares bem a baixeza do noſſo barro, & a frieza do noſſo amor para com elle, creyo, que facilmente me perdoarás. A conſideraçaõ, que póde ſer remedio preſervativo para naõ peccar, he eſta.

10. He conſiderar, que poderás morrer no meſmo acto do peccado, ou logo depois delle, ſem ficar tempo para o arrependimento

to. Fundaſe eſta conſideraçaõ, em que a vida do homem tem ſeu termo fixo, alem do qual naõ póde paſſar, conforme aquillo de Job: *Brèves dies hominis ſunt, & numerus menſiũ ejus apud te eſt: conſtituiſti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* Job 14. n. 5. *Statutũ eſt homini quantum in ipſa vita mortali temporaliter vivat*, explica S. Gregorio M. Eſte termo fixo ninguem o ſabe, ſó Deos, iſſo quer dizer aquelle *Apud te eſt. Latet ultimus dies, ut obſerventur omnes.* D. Greg. D. Auguſt. Naõ ſe ſabe o ultimo dia da vida, para q̃ cuidemos, q̃ qualquer o poderá ſer, diz S. Agoſtinho.

11. E porque naõ ſe acabará eſte termo fixo da vida naquelle tempo, em que ſe cõmette o peccado? Em todas as horas, & em todas as acçoens da vida humana tem ſuccedido mortes repentinas, & naõ ſaõ taõ raras, que te naõ lembrem tambem algumas; de muitas faz mençaõ o Author do Deſpertador, & Euſebio na ſua Differença. Huns dormindo, outros comendo, outros fallando morrèraõ de repente; & porque naõ poderá ſer aſſim, quando peccando? Aſſim ſuccedeo a muitos. Deſpert. cont. 1 Serm. 5. n. 25. Euſeb. l. 2. cap. 3. §. 2.

12. Cornelio Gallo Pretor, & Tito Etherio Cavalleiro Romano, ambos morrèraõ no acto de ſua torpeza, como refere Plinio. Gracheto Saluciano, elle, & a occaſiam com Plin. lib 7. cap. 55.

quem

quem eſtava peccando, ambos morrèraõ de repente: aſſim o cõta Andre Eborenſe. O meſmo refere Fabio do Poeta Pindaro, que acabou a vida no meſmo acto deſhoneſto. Hum Sacerdote morreo no meſmo tempo, em q eſtava peccando cõſigo meſmo; delle diz S. Pedro Damiaõ: *Uno, eodemque momento, & ſemen effudit, & animam exhalavit.*

Andr. Ebor. de mort. non vulg.

Fab. l. 9. c. 10.

D. Dam. E p. ad Dom. c. 10.

13. Outro Sacerdote ſe achou morto com a ſua amiga, ou inimiga; refere-o Cantipatro. Udo, como traz Fulgoſo, que era Biſpo, cuja hiſtoria foy bem tragica, eſpirou eſtando peccando com huma Religioſa. Hum eſtudante em Lovaina, conta o Padre Andrada, que morreo repentinamente eſtando actualmente peccando. O meſmo refere de hum Principe de Salerno S. Pedro Damiaõ: aſſim morrèraõ Beltrãdo Ferrer, diz Javiano Pontano; & Speuſſipo Platonico, diz Tertulliano.

Cantipatr. l. 2. Apũm cap. 39.

Fulg. l. 9. c. 10.

Andrad. de Patr. B. Virg. tit. 6. §. 16.

Tertul. in Apolog.

14. De outros muitos faz menção Tiraquelo. Outro naõ teve mais tempo, do que dizer à ſua complice do peccado, que trouxeſſe luz; foy-a buſcar, & achou-o morto, diz o Deſpertador. Hum Mercador de Sevilha, como refere Veyga, eſpirou dando hum oſculõ à ſua concubina. E Galeno diſcurſa pelas leys da Medicina, que póde iſto ſucceder natu-

Tiraq. in Leg. 15. Connub. n. 27.

Deſpert. tom. 2. Serm. 15. n. 32. Veyg. Caſ. Rat. l. 2. cap. 16. Galen. l. 1. de Sperm.

naturalmente por evacuaçaõ dos eſpiritos vitaes.

15. Agora ſe diſcorre aſſim: Ou a eſtes naquella acçaõ do peccado naturalmente ſe lhes acabou o termo da vida atè aquelle momento ſó determinado; & porque naõ poderà tambem a ti naturalmente acabarſete o termo da tua? Ou porque a meſma acçaõ peccaminoſa lhes deſcompoz mortalmente os humores, com cuja compoſiçaõ a vida ſe conſervava, & poderia ainda durar mais; & que ſabes tu da diſpoſiçaõ dos teus? Se cõ a acçaõ do peccado ſe acabarà a compoſiçaõ delles, com que no acto meſmo do peccado morras de repente? Ninguem vè o que vay dentro do ſeu corpo. E ſe foy caſtigo de Deos; Deos naõ he o meſmo agora, que entaõ era? aquelles peccadores naõ eraõ tambem creaturas ſuas? naõ os tinha remido com o ſeu Sangue? naõ queria tambem, que ſe ſalvaſſem? Pois ſe tu dàs a meſma cauſa, como naõ poderàs temer o meſmo caſtigo?

16. Diràs, que tambem poderà naõ ſuccederte, porque nem ſuccedeo iſſo ſempre a todos, nem a ti em outras ſemelhantes occaſioens; concedote iſſo, porque nem a elles, nem a ti ſeria chegado o termo fixo da vida; mas

mas que sabes tu se no mesmo tempo, em q̃ te resolves a peccar, será chegado? Hum conheci eu, que só esta consideraçaõ, & este receyo tam bem fundado o absteve de peccar, estando já proximo à occasiaõ da culpa.

17. Diràs, que tambem poderá ser naõ se acabar o termo fixo da vida naquelle tempo do peccado; assim poderá ser, mas tambem póde ser o contrario; tambem os que morrèraõ no mesmo acto do peccado, cujos exẽplos agora ouviste, cuidavaõ, ou podiaõ cuidar, que ainda naquelle tempo do peccado naõ estaria o termo, & fim de sua vida; de sorte, que poderá ser, que morras, & poderá ser, que naõ; que esteja naquelle mesmo tẽpo do peccado o termo da tua vida, & que naõ esteja; mas queres pòr em contingencia a tua salvaçaõ, & a Eternidade, que por nenhum caso se deve pòr em risco? Tudo se póde arriscar, mas naõ a Eternidade, diz S. Bernardo: *Nulla satis magna securitas, ubi periclitatur Æternitas.*

D. Bernard.

18. Se em qualquer negocio, que julgas de importancia, procuras toda a segurança, que ha viver, & morrer; como no mayor negocio de todos, que he o da salvaçaõ, te fias de hũa contingencia? diz S. Joaõ Chry-

D. Chrysost.

sostomo:

ſoſtomo: *Quare ergo cùm de anima, vitaque Æternitate conſilium inis, imbecillioribus niteris fundamentis, fortaſſis ſæpe aliquando, ponens?* Porque dizes, por ventura naõ ſuccederá? porque aſſim acconteceo algumas vezes? Olha, & conſidera bem, que iſto naõ he qualquer negocio, he o mayor de todos, & o em que vay tudo: *Cur dicis, fortaſſe? contigit aliquoties? Cogita quod de anima deliberas: proindeque de contrario cogita.* Idem.

19. Pondera bem eſta ſuppoſiçaõ, & logo ficarás tendo medo àquillo meſmo, que te dà confiança, que he: Poderà ſucceder; mas tambem póde ſer, que naõ ſucceda: ſe Deos te dera o ſeguro da ſalvaçaõ, & hum homem, que foſſe ſenhor de todo o mundo, quizeſſe jugar cõtigo, & para iſſo te vieſſe convidar; tu o ſeguro da ſalvaçaõ, & elle o mundo todo; naõ te ſupponho taõ louco, que neſtes termos vieſſes em tal partido; & mais comtudo neſta ſuppoſiçaõ podias perder, & tambem naõ perder; mas ſó o riſco, a que te punhas, ſeria o que te meteria grande medo, & com razaõ.

20. O ſoldado, que entra na batalha, ſe he Chriſtaõ, aparelhaſe para morrer bem, ſó porque he contingente, & póde ſer, que mo-

ra, ainda que tambem póde ſer, que naõ morra. As Virgens prudentes, de que faz mençaõ o Euangelho para noſſa doutrina, naõ quizeraõ dar o oleo, que lhes pediraõ as neſcias, ſó pela contingencia de que lhes poderia faltar a ellas, & mais naõ eſtavaõ certas de que lhes faltaria, mas ſó porque lhes poderia faltar, naõ ſe quizeraõ pôr neſſa contingencia, nem neſſe riſco, porque era em materia de ſalvaçaõ, que iſſo ſignificava ou o entrar com o Eſpoſo, ou ficar de fóra com a porta por toda huma Eternidade fechada: *Ne forte non ſufficiat nobis.* Matth. 25. n. 9

21. Eſte motivo, ou conſideraçaõ para naõ peccar achey em S. Agoſtinho confirmado, para que o eſtimes mais. *Quare non timet* (fallo do que eſtá para peccar) *ne eum ſubitum periculum ſupervenens rapiat, & pereat illi delectatio, & ſuccedat illi damnatio?* & parece, que falla determinadamente daquelles meſmos peccados, em que puz os exemplos, ainda que póde ſucceder em todos. D. Aug. Serm. 250. de Temp.

22. Eſte meſmo motivo para naõ peccar julgou por muito efficaz Drexelio. Oh a quantos, diz elle, a morte interrompeo o acto, com que ſe eſtava peccando, como ſe cortaſſe

cortasse pelo meyo a mesma culpa ajuntandoa no mesmo momento com o castigo; de tal sorte, que no mesmo tempo, em que havia de ir continuando o peccado, succedeo immediatamente o castigo do Inferno. E porque te naõ poderá succeder a ti o mesmo, se te resolveres a peccar? Que mayor segurança tens tu das horas, & momentos da tua vida, que os outros da sua? Persuadome, que deixarà de peccar, quem tiver toda a hora, & todo o momento por ultimo. *Quàm multos medio in scelere mors occupavit, & mediũ secuit crimen!* Drexel. in Prodrom. c. 1. §. 3. *Quàm multi in ipso inchoati sceleris momento scelus morte clauserunt! Quid si ex horum numero sis unus? aut quæ certior tibi hora, aut momentum, quàm alteri? Abstinebit à scelere quisquis omnem horam decretoriam putat, quisquis omne momentum ultimum.*

23. Pelo que todas as vezes, que te vires tentado a peccar, considera aquelle conselho, que te dà S. Bernardo. Se agora logo ouvesses de morrer, peccarias? *Si modò moriturus esses, faceres istud?* Pois isto mesmo, sem ser cousa muito extraordinaria, te póde succeder; olha, que pódes estar mais perto da morte, do que cuidas; bem perto estava ella, dos D. Bernard.

que no meſmo acto do peccado morrèraõ, & mais tambem naõ o cuidavaõ. Toma o conſelho de S. Chryſoſtomo. Muitos morrèraõ de repente, teme naõ te ſucceda o meſmo, que já naõ teràs eſcuſa, pois naõ es o primeiro, a quem iſto ſuccedeo: *Multi ſubitò perierunt; time ne & tu hoc patiare inexcuſabilis.*

D. Chryſ. Homil. 22. in 2. ad Corinth.

PREVENÇAM IV.

Acautelar contra os perigos, com que mais frequente, & facilmente ſe coſtuma encontrar na jornada da Eternidade, que ſaõ,

PECCADO SENSUAL.

Naõ o deſculpa a fraqueza humana.

Quam excuſationem habebimus? Multi alij, qui eandem, quam nos habemus, naturam cohibent, hac nos privant venia. Chryſoſtom. Serm. de Libel. repud. tom. 4.

1. A Jornada da Eternidade he muito arriſcada pelos muitos perigos, que encontra quem vay por ella, & todos temeroſamente grandes, que deſtes me pare-

ce

ce fallava David, quando lhe chamou perigos do Inferno: *Pericula Inferni invenerunt me.* Deſtes, que forem mais frequentes, deves caminhar com mais cautela; eu pouco mais farey do que apontallos, apontando tambem brevemente alguns remedios, que conſiderey, & tive ſempre por mais efficazes, dandote como huma carta de marear por terra. Pſal. 114. n. 3.

2. He o primeiro perigo aquelle, que cõ nome menos indecente ſe chama ſenſual; eſte peccado cuido, que he o mais geral: *Principaliter duobus vitijs diabolus humano generi dominatur; id eſt, ſuperbia mentis, & luxuria carnis,* diſſe S. Iſidoro. S. Chriſtina Miravel, como refere o A Lapide, vio a todo eſte mundo cheyo deſte vicio, & a Deos irado para o caſtigar por elle: *S. Chriſtina Mirablis vidit mundum hoc peccato pollutionis plenum, & obrutum.* Por eſta cauſa naõ duvida eſte Author comparar a Sodoma eſte mundo, dà qual ſó eſcapou Loth com duas filhas, & ſua mulher, abrazandoſe todos os mais naquelle incendio: *Mundus eſt inſtar Sodomæ, ardetque cupiditate, & luxuria, cæteris omnibus ob libidinem concrematis.* D. Iſid. de ſum. bon. l. 2. cap. 39. A Lap. in Gen. cap. 38. Idem.

3. He taõ geral, porque he muito natural à meſma natureza humana, & porque taõ natu-

natural, por iſſo taõ difficultoſo de ſe vencer; para onde quer que ſe caminha, ſempre ſe leva cõſigo eſte perigo: *Facilè alijs caremus vitijs, hic hoſtis nobis incluſus eſt; quocunque pergimus, nobiſcum portamus inimicum: Grandis virtutis eſt, & ſolicitæ diligentiæ in carne non carnaliter vivere; tecum pugnare quotidiè, ubi quotidiana eſt pugna, & rara victoria*, diz S. Hieronymo. Nas guerras contra eſte vicio ſempre as victorias ſaõ muito menos, que as batalhas, & os vencidos ſempre mais, que os vencedores.

D. Hieron.

4. Por iſſo eſte vicio he o que leva mais gente ao Inferno: *Demptis parvulis, ex adultis propter hoc vitium pauci ſalvantur*: Dos capazes deſte vicio poucos ſaõ os que ſe ſalvaõ, diz o Apoſtolo de França S. Remigio, com quem concorda Toledo referido pelo A. Lapide. *Longè maior pars eorum, qui damnantur, ob pollutiones, & libidines damnantur*, diz Toledo.

D. Remig.

A Lap. in Matth. cap. 7.

Tolet.

5. O vicio mais communiſſimo no mundo he o da carne, diz Drexelio; nem me parece, que ſerà erro dizer, que quaſi o mundo todo ſe abraza com eſte vicio, que juntamente he fogo, & máis peſte. Lembrame, & tenho horror todas as vezes, que me lembra, que ouvia muitas vezes dizer a meu meſtre, que de

cada

cada cem mancebos, qué ſe perdiaõ, os noventa, & nove ſe condenavaõ por cauſa deſte vicio: *Vitium carnis, vitium eſt communiſſimum: non errabo ſi orbem penè totum dixero hoc igne peſtilentiſſimo ardere; memini ego, & horreo quoties id memini, a præceptore meo me audire, ſi centeni juvenes inferorum flammis addicantur, è centenis iſtis nonaginta novem ob vitium carnis damnari*, diz Nicetas. Nicet. cap. 12. §. 3.

6. Chama a eſte vicio S. Ephrẽ naufragio, que alaga toda a terra, deſtruiçaõ das almas, perdiçaõ da mocidade, mal incuravel: *Naufragium ſuper terram, animarum exitium, juvenum perditio, malitia incurabilis*; & S. Joaõ Chryſoſtomo chamoulhe veneno mortal, incendio que abraza a conciencia, mãy da impenitencia: *Immedicabile venenum, incendium conſcientiæ bonæ, mater impœnitentiæ.* Dos outros vicios muitos ſe iſentaõ; deſte apenas alguem ſe vè iſento, diz S. Boaventura: *Alia peccata vendicant ſibi ſpecialia hominum genera, ſed luxuria nulli parcit, & ferè ad omne genus hominum ſe extendit.* D. Ephr. D. Chryſoſt. D. Bonavent. in Dict. cap. 4.

7. A deſculpa commua, que os ſogeitos a eſte vicio, & notados nelle coſtumaõ dar, hé a fraqueza humana; mas os que deſta fazem, ou querem fazer deſculpa, melhor fora, que fizeraõ

zeraõ cautela; conheces, que es fraco: pois foge, & naõ buſques a quem tens por mais valente; ſe vès, que ſahirás vencido do teu adverſario, porque he de mayores forças, do q̃ ſaõ as tuas, naõ o buſcas, antes foges delle; eſta cautela, que guardas para com os inimigos, que ſaõ homens, havias de ter com os vicios, que tambem ſaõ inimigos.

8. Mas S. Joaõ Chryſoſtomo naõ quer, que eſta fraqueza humana, que tu allegas, ſeja deſculpa, porque muitos compoſtos da meſma natureza a puderaõ vencer: *Quam excuſationem habebimus? Multi alij, qui eandem, quam nos habemus, naturam cohibent, hac nos privant venia.*

D. Chryſ. Serm de Libel. repud. tom. 4.

9. Vay agora vendo comigo a muitos, que neſta materia ſe ouveraõ com valẽtia, & mais eraõ da meſma natureza, de que tu te compoens, & imagina, que a meſma continencia te vay moſtrando eſtes exemplos em todo eſtado, & em toda a idade, & ſexo, como o imaginava S. Agoſtinho: *Extendens ad me pias manus plenas gregibus bonorum exemplorũ; tot pueri, & puellæ, tot juventus multa, & omnis ætas.*

D. Auguſt. l. 8. Confeſſ. c. 11.

10. No Egypto acharás a hũ Joſeph largãdo a capa nas mãos de quem o queria obrigar a peccar,

a peccar, & eſtava no mais florido de ſua idade, & a occaſiaõ por ella, & pelo lugar naõ podia ſer mais forçoſa. Na Thebaida do meſmo Egypto acharás a hum mancebo, a quem em hũ jardim atàraõ de pès, & maõs ſobre hũa branda cama, para naõ poder reſiſtir a huma fermoſa occaſiaõ, que lhe lançàraõ; mas elle com victoria nunca ouvida cortando a propria lingua com os dentes, para extinguir a força da tentaçaõ com a propria dor, lhe atirou com ella à cara: *Præciſam morſu linguam in oſculantis ſcorti faciem expuit; ac ſic libidinis ſenſum ſuccedenti doloris magnitudine ſuperavit.* Succedeo eſte fermoſo caſo no tempo de Decio, & Valeriano, diz S. Hieronimo na vida de Paulo, aonde o celebra, & otraz o Martyrologio aos 28. de Julho; chamavaſe Menas; q̃ naõ era bem ficaſſe ſepultado o nome daquelle, que taõ glorioſamente o ſoube merecer, diz S. Antonino: ainda què Cauſino na ſua Corte Santa lhe chama Nicetas.

D. Hieron. in vit. Paul.

D. Ambroſ. 1. part. tit. 7. cap. 8. §. 10.

Caul. part. 3. tr. 2. Seſſ. 9.

11. Em Babylonia acharás a huma Suſana, querendo antes morrer, do que peccar. Danielis 13. Em Antiochia acharás huma mãy, que com ſuas filhas ſe lançou em hum rio por naõ peccarem. S. Ambroſ. lib. 3. de Virg. No caminho para Paris acharàs á S. Thomas de

Aquino pegando de hum tiçaõ de fogo contra outro tiçaõ do Inferno, que lhe queria pôr incendio à ſua pureza. Em Etruria, hoje Toſcana, acharàs a hum mancebo, que por fugir deſte vicio, fazendo, que fugiſſem delle, fez deforme com feridas o proprio roſto: *Qui cùm ob admirandam oris proprij pulchritudinem in amorem accenderet fœminas, fertur ſtigmatibus inavaſſe vultum ſuum, nequa eum adamare poſſet*, diz delle Euſebio Ceſar.

Euſeb. Cæſar. l. 8. cap. 4.

12. Em Roma acharás huma donzella, q̃ por naõ peccar com o Tyranno Maxencio, ſe deu com hum punhal, ganhando para ſi com eſta acçaõ a empreza do Arminho: *Malo mori, quàm fœdari*, diz o meſmo Euſebio. Na meſma Roma àcharás a hum mancebo chamado Democles, que eſtando para ſe banhar, & ſendo acometido del-Rey Demetrio com promeſſas, & depois com violencia, por naõ peccar ſe lançou no caldeiraõ fervendo, que alli eſtava para temperar a agua do banho, como refere Plutarco.

Idem.

Plutarc. in vita Demetr.

13. Ainda te darey dous caſos, de quem vencido já deſte vicio, teve valor, & reſoluçaõ para vencer, a quem o tinha vencido, que ainda julgo iſto neſta materia por mais valor.

14. Paſſou Aglae Matrona Romana de co-

nheci-

nhecida qualidade, & fermoſura algum tempo de ſua vida em amores torpes com hum ſeu criado, que depois de viuva lhe ſervia de Mordomo no governo de ſua caſa, chamado Bonifacio; mas depois de conſiderar Aglae a offenſa, que fazia a Deos, & à ſua peſſoa, & o eſcandalo, que dava com a ſua vida, & com a ſua fama a toda Roma, chamou a Bonifacio hum dia, & diſſelhe, que eſtava reſoluta a mudar de vida, & de amores, que queria fazer penitencia de ſeus erros, & q̃ lhe parecia razaõ, que aſſim como elle a tinha ſeguido na vida licencioſa, a ſeguiſſe tambẽ na vida penitente. Goſtou Bonifacio da propoſta, & reſpondeo, que eſtava prompto para a ſeguir, & acompanhar em taõ juſta, & ſanta reſoluçaõ; que atè o ſeu nome via, que lhe eſtava culpando a ſua vida; que lhe aſſinaſſe o lugar, aonde queria, que foſſe o retiro para a penitencia. Reſpondeo Aglae, que na Provincia de Cilicia, aonde cada dia eraõ atormentados pela Fé os Martyres de Chriſto, lhe parecia bom Noviciado para aprender a ſer penitente à viſta de taõ ſantos exemplares; à viſta de tanta conſtancia em dar a vida pela Fé, ficaria nelle mais ſuave o mortificalla por ſuas culpas; & que na volta lhe trouxeſſe algũas reliquias daquelles

Martyres, naõ trazendo de ſua vida paſſada nem reliquias. E que grande novidade ſeria, diſſe Bonifacio, ſe por reliquia vos trouxeſſe o meu corpo? Attribuio Aglae o dito a galantaria, que era diſcreto Bonifacio, & notou-a como já fóra de tempo; ficou Aglae toda dedicada à penitencia; & partioſe Bonifacio, que em breve tempo chegou à Cidade de Tarſis, theatro de martyrios naquelle tempo. Viá Bonifacio paſſar os Confeſſores de Chriſto para o martyrio, & naõ ſe podia ter, que lhes naõ chegaſſe a beijar os pès, & envejar a dita; atè que conhecido por eſtes obſequios, que era Chriſtaõ, foy preſo, & naõ querendo largar a Fé com exquiſitos tormentos, deu a vida por ella: compràraõ os que naquella jornada por outro intẽto tinhaõ acompanhado a Bonifacio, o ſeu corpo para o trazer a Aglae, q̃ ſabiaõ o havia de eſtimar; a qual já por revelaçaõ Divina o ſahio a receber ao caminho, & levantandolhe hum Templo dedicado ao ſeu martyrio, ſe retirou a hum Convento, aonde acabou a vida ſantamente junto do ſeu já entaõ mais amante, & mais amado Bonifacio. Ditoſos amantes, que aſſim ſouberaõ fazer ſagrados os ſeus amores! O Amor he hum affecto taõ valente, que ſó o póde veucer outro

amor,

amor; este foy o remedio mais efficaz, que achou, quem lhe quiz dar remedio: *Succesſore novo vincitur omnis amor;* esta era a receita, que lhe davaõ os Philosophos antigos, diz S. Hieronymo; o amor ha-se de lançar fóra com outro amor: *Amorem veterem amore novo, quaſi clavum clavo expellendum.* Quem se quizer ver livre do amor torpe, valhase do Divino, que he o melhor remedio, como fizeraõ estes ditosos amantes. Delles fazem mençaõ o Martyrologio Romano aos 14. de Mayo, & Causino na sua Corte Santa.

D. Hier. Ep. 4.

Mart. 14. Maij. Cauſ. Cort. S tr. 2. Max. 8.

15. Refere S. Ambrosio, que hum mancebo depois de algum tempo de ausencia, tornando à patria encontrára em huma rua, ou praça a mesma occasiaõ, com quem tinha vivido torpe, & escandalosamente antes da sua partida: passou como se a naõ conhecesse; advertio ella, & parecendolhe q̃ fora descuido, ou divertimento o naõ lhe fallar, para o meter outra vez em cuidados, lhe disse, que ella era aquella mesma: *Ego ſum;* ao que elle respondeo, mostrando, que já estava mudado de todo: Serás a mesma, mas eu já sou outro: *Sed ego non ſum ego.* O mudarse temse por grande culpa no amor, mas quando o amor he com culpa, o mudarse he virtude, & grande.

D. Ambroſ. l. de Pœnit. cap. 10.

16. Agora

16. Agora á viſta deſtes exemplos nos dira,ou diz S. Ambroſio,que todos eſtes naõ eraõ de diverſa natureza da noſſa: *Cognoſcamus illos non naturæ præſtantioris fuiſſe, ſed obſervantioris*; & a continencia como diſſe a S. Agoſtinho? Tu naõ poderàs,o que eſtes, & eſtas puderaõ? *Tu non poteris,quod iſti, & iſtæ?* Conſideraçaõ a que o meſmo Agoſtinho naõ pode reſponder.

Idem l. de Joſeph.cap.1.

D. Aug. l. 8. Conf.cap.11.

17. Atè o Seneca diſſe, que para reſiſtir aos vicios, & paixoens;ninguem era mais fraco, que o outro: *Ad omnia patienda pares ſumus, nemo altero fragilior eſt*; & naõ, porque as couſas eraõ difficultoſas; nos naõ atreviamos cõ ellas, mas porq̃ nos naõ queriamos atrever, eraõ difficultoſas: *Non quia difficilia ſunt, non audemus, ſed quia non audemus,difficilia ſunt.*

Senec. Ep.91.

Idem Ep. 104.

18. Vejamos agora os remedios, que prometi: a Abſtinencia lhe receita S. Gregorio M. *Abſtinentia ciborum contrà hoc vitium fortiſſima eſt.* O enfraquecer o inimigo he huma das grãdes induſtrias para o vencer: para refrear hum bruto; grande remedio he o enfraquecello;diz Ceſario Arelat. *Frænum luxuriantis animæ eſt corpus exhauſtum.* O fugir. S. Agoſtinho: *Contra libidinis impetum apprehende fugam, ſi*

D.Greg.in lib. 1.Reg.l.5.cap. 14.

Cæſar. Arelat. D. Auguſt.

vis

vis obtinere victoriam. Reſiſtir logo ao prin-
pio a toda a affeiçaõ deſordenada, que ao prin-
cipio he fogo, que com qualquer gota de agua
ſe apaga, & ao depois incendio, que ſe naõ pó-
de apagar. Eſte remedio he de quẽ ſabia muito
deſte achaque. *Principijs obſta.* Cautela, & recato na viſta, diz S. Gregorio Magno: *In-* D. Greg.
tueri non decet, quod non licet concupiſcere. O q̃
naõ he licito que ſe deſeje, naõ he conveniẽ-
te que ſe veja. Se David naõ vira à Berſabè,
naõ ſe ſeguiria com ella o adulterio: ſe Eva naõ
lançàra primeiro os olhos à fermoſura do pò-
mo, naõ lhe lançaria depois a maõ: *Neque* Idem.
enim Heva vetitũ lignũ contigiſſet, niſi hoc priùs
incautè conſpiceret; ideò concupivit, quia incautè
reſpexit, diz S. Gregorio o Grande. Os olhos
ſaõ o caminho por onde entraõ os vicios: *Vi-*
tijs noſtris per oculos via fit, diſſe Quintil. & Quintil.
para o vicio, de q̃ fallamos, ſaõ guias os olhos:
Si neſcis, oculi ſunt in amore duces, diſſe Pro- Propert.
percio; & às primeiras lanças, que ſe atiraõ,
ſendo as ſegundas, as palavras: *Prima adulte-*
rij oculorum tela ſunt, ſecunda, verborum, diſſe
S. Agoſtinho. Viſtas, & converſaçoens coſtu- D. Aug. Serm.
maõ ſer os precurſores deſte vicio; muitas ve- 83. de Temp.
zes chegou a fazer o trato familiar nas cõver-
ſaçoens, o q̃ naõ pode fazer o meſmo vicio, diz
S. Ber-

D.Bern. S. Bernardo: *Sæpe familiaritas vincit, quos vitium superare non potuit.*

19. Fugir à ociosidade: *Otia si tollas, periere cupidinis arma*: He desarmar este vicio, naõ estar ocioso, facilmẽte do ocio nàsce este vicio,

D. Chrysost. diz S. Chrysost. *Vitiũ libidinis facilè ex vacantia, & otio nascitur.* Perguntado Theofrasto, que cousa era amor, respondeo, que occupaçaõ de quem estava ocioso: *Animæ otiosæ affectum.* Perguntouse hũa vez ao grande Soares da Companhia, se tivera alguma hora pensamentos contra a pureza. E respondeo: *Ni aun tiempo tuve para pensar en esso:* por estar sempre occupado no muito, que estudou, & escreveo.

20. Se te achares com grande, & natural affecto a algum objecto, que te incline a culpa com elle, que aqui está toda a difficuldade, quando se ajunta o affecto à culpa, com o affecto a pessoa, cõsidera-a já morta, que he conselho de S. Gregorio M. & remedio singular:

D.Greg.l.16. Moral.cap.51. *Quis amicorum fidelium, quamlibet dilecti sui tangere carnem scaturientem vermibus potest? Caro itaque cùm concupiscitur, pensetur quis sit exanimis, & intelligitur quid amatur; nihil sic ad edomandum desideriorum carnalium appetitum valet, quàm ut unusquisque, quòd vivum dili-*

diligit, quale ſit mortuum penſet.

21. Nas vidas dos Padres do ermo ſe conta, & o refere Raynaudo de hum Monge da Sithia, que naõ podendo deſpir a affeiçaõ, & a lembrança, que lhe moleſtava, & inquietava o penſamento, com eſtar já ſepultado o objecto della, foyſe à ſua ſepultura, trouxe parte da ſua caveira, & trazendoa cõſigo, era como huma reliquia contra as tentaçoens neſta materia, & naõ havia tentaçaõ, que com eſta ſua reliquia dahi por diante naõ venceſſe, & com eſte remedio, nem reliquia da tentaçaõ lhe ficou. In vit. Patr. p. 2. de Fornicat. n. 1. Theoph. Rayn. in Phil.

22. Conſidera tambem, que depois de morto já naõ eſtarias com hum teu amigo ambos ſós em huma caſa, aindaque quando vivo naõ pudeſſes eſtar ſem elle; conſideraçaõ, que põderou S. Agoſtinho: *Ecce fratres, mundi amicitia quanta, vel qualis eſt; non enim eſt aliquis, qui tantùm amicum diligat, quòd per unam noctem mortuum ſecum morari cupiat. Vide ergo, ò homo, quales amicos habes, pro quibus animam perdis, pro quibus Deum offendis.* D. Aug. Serm. 48. ad Fratr.

23. Bem tomára eu, que neſta materia foſſe a penna mais voando, do que eſcrevendo, mas naõ quero paſſar ſem ponderaçaõ, o que tambem alguns Santos Padres ponderaõ. O

goſto ſenſual neſte vicio he o que faz forçoſa a tentaçaõ para peccar; mas ſe ſe conſiderar a ſua brevidade, & pouca dura, & o pezar, que depois de paſſado deixa de ſi, baſtante motivo he para trazer aborrecimento deſte goſto, ainda preſcindindo da culpa, ſe acha motivo para o aborrecimento deſte vicio. Grande doutrina nos deixàraõ os Sabios, & Philoſophos Moraes neſte ponto: olha o conſelho, que te dà Epicteto. Quando ſe te repreſentar algum goſto na imaginaçaõ, que te convide, ou arraſte para que o gozes, naõ te abalances logo a elle como bruto ſem conſideraçaõ, preceda exame, & tempo para a deliberaçaõ, já que es racional; conſidera dous tempos, o tempo, q̃ ha de durar eſſe goſto, & o tẽpo, q̃ ha de durar o pezar, & a triſteza, que eſſe goſto comſigo hade trazer. *Si voluptatis alicujus imaginẽ animo conceperis, moderare tibi ne ab ea movearis: ſed & rem examina, & tibi ipſi præbe deliberandi ſpatium: deinde utriuſque temporis memento, tum ejus, quo voluptate frueris, tum ejus, quo percepta jam voluptate dolebis, teque ipſe objurgabis.* Epict. in Enchirid. cap. 5. Eſte meſmo conſelho dà S. Greg. Quando a culpa te tentar, conſidera como he breve a deleitaçaõ da culpa, & facilmente vencerás a tentaçaõ: *Cùm culpa animum tentat, mens neceſſe* D. Gregor. l. 9. Moral. cap. 46.

ceſſe eſt ut brevitatem ſuæ delectationis aſpiciat.

24. O conſelho de Maximo he, que conſideremos o goſto, quando ſe vay, & naõ quãdo vem: *Voluptates abeuntes conſideremus.* O meſmo tinha aconſelhado Ariſtoteles; que o goſto naõ ſe havia de ver pelo roſto, ſenaõ pelas coſtas: *Voluptates contemplandæ ſunt, non venientes, ſed abeuntes;* & a razaõ deu Eraſmo: porque o goſto pelo roſto liſongea, & quando ſe vay, & vira as coſtas, deixa pezar, & deixa dor: *Voluptates veniẽtes fucata ſpecie blãdiuntur, abeuntes autẽ pœnitentiam, ac dolorẽ relinquunt.* Max. l. 7. c. 2. Ariſtot. Eraſm.

25. E que depois do goſto neſte vicio ſe ſiga pezar, & triſteza ao depois, parece providencia da meſma natureza, & que taõ natural he a triſteza, como o goſto: *Omnis delectatio carnis in amaritudine terminatur*, diſſe Ricardo de S. Victor. *Voluptati, quæ brevis eſt, ſuccedit longior dolor, & moleſtia.* S. Chryſoſtomo: *Libido tranſacta ſemper ſui relinquit pœnitudinem*, diſſe S. Hieronymo; & o Marcial Inglez: *Læta venire venus, triſtis abire ſolet.* E Plauto diz, que foy aſſim diſpoſiçaõ dos Deoſes, que o goſto foſſe breve, & que vieſſe ſempre acompanhado de triſteza: *Parva res eſt voluptas, ita Dijs placitum, voluptati ut mœror comes conſequatur.* Richard. de S. Vict. D. Chryſ. Homil. 13. in Act. D. Hier. Ep. 11. Ovem. A Lapid.

26. Mas isto bem o podem confessar os mesmos viciosos: *Tristes esse voluptatum exitus, quisquis reminiscì libidinum suarum volet, intelliget*, diz Boecio; & assim o disseraõ huns perdidos neste vicio, parece, que sem o querer dizer. Coroemonos de rosas, antes que se murchem: *Coronemus nos rosis antequàm marcescant.* Bem mostràraõ, que sallavaõ deste vicio no que logo acrescentàraõ: *Nullum pratum sit, quod non prætranseat luxuria nostra;* & explicaraõ-no pelas rosas, porq tem espinhas; que picaõ estas flores, & naõ ha cousa para explicar o remorso, que depois do peccado fica na consciencia, como a espinha: *Peccati dulcedo longam post se amaritudinis spinam infigit*, disse Theodoreto; & o A Lapide cõmẽtando estas espinhas, disse assim: *Ut quod ex voluptate oblectamentum perceperimus, propinquo inde dolore exulcerati, qui ex delicti recordatione emergit, statim amittamus.* Industria foy da natureza, diz Aristoteles, misturar o gosto com a tristeza, para que os gostos se apetecessem menos: *Voluptates pœnitentiæ plenas animis nostris natura subjecit, quominus cupidè repetantur.* Por isso Demosthenes respondeo a Laydè famosa meretrix de Corintho, quando lhe pedia dez mil dramas por hum acto torpe,

Bost.

Sap. 2. v. 8.

Theodoret.

A Lap.

Aristotel. apud Val Max. l. 7. cap. 7.

que

què naõ comprava taõ caro hum pezar: *Non tanti emo pœnitere.* Sabia, & ſuppunha eſte Philoſopho, àquè quelle goſto torpe ſe havia de ſeguir naturalmente o pezar.

27. Que a brevidade, pezar, & triſteza, q̃ deixa eſte vicio, conſiderado ſeja de muita eficacia para o aborrecimento delle, he ponderaçaõ, & propoſiçaõ de S. Boaventura: *Valèt conſiderare quàm citò delectatio pertranſit, & quam breviter durat, & quòd tranſacta ſic eſt, quaſi nunquam fuerit, & relinquit poſt ſe veſtigia malæ cõſcientiæ, & pœnitudinis detrimentũ.* D. Bon. de reformat. ment. cap. 21.

28. He eſte vicio, com parecer taõ natural, taõ nocivo à meſma natureza, que naõ ha outro, que mais a eſtrague; aſſim o pondera S. Joaõ Chryſoſtomo: *Qui in delicijs, & luxuria vitam ducunt, reſoluta quidem corpora, & omni cera molliora circumferunt, atque agmine quodam infirmitatum repleta; & eis eſt vita ſemper cum Medicis, & medicamentis; ſenſus autem ipſi tardi, graves, obtuſi, & quodammodo jam ſepulti.* Querendoſe com eſte vicio dar goſto ao corpo, ſe enche de moleſtias eſſe meſmo corpo, diz S. Hieron. *Multi propter res venereas in corpore debilitati ſunt, & cùm perditione animæ, carnẽ quoquè frãgunt, cui ſervĩt.* D. Chryſoſt. tom. 5. D. Hieronym.

29. Naõ te quero privar de hũma coũſa, que

que li, & póde ſer, que a naõ tenhas ouvido, que tambem póde ſervir de cautela para eſte peccado na eſpecie, aonde he mais facil de ſe cahir. Joaõ Benedicto, & Conrado Clinguio allegados pelo Padre Cornelio affirmaõ, parece ſer revelaçaõ, q̃ aquelle, q̃ perſeverar em o peccado de polluçaõ tãtos annos, quãtos Chriſto viveo, (trinta, & tres ſe entende) eſtà muito arriſcada ſua ſalvaçaõ, ſe Deos com huma graça eſpecial, & extraordinaria lhe naõ acudir para ſe livrar daquelle peccado, & coſtume de peccar por tantos annos: *Quod ij, qui tot annis, quot vixit Chriſtus, puta triginta tribus, in hoc pollutionis peccato perſeverant, ſint incurabiles, & deſperatæ ſalutis, ni mira, rara, & extraordinaria Dei gratia eis ſuccurrat, eosque convertat.*

A Lap. in Gen. cap. 38 num. 7.

30. Aproveitate agora da reflexaõ, que ſobre iſto faz o Author allegado, que he levãtarte logo deſte peccado pela penitencia, naõ adquiras hum habito, ou coſtume, q̃ naõ poſſas deſpir, nem deixar: *Videat ergo, qui in hoc peccatum lapſus eſt, ut ſtatim ab eo per pœnitentiam reſurgat, ne habitum contrahat, ad quem natura per ſe propenſiſſima eſt, quem proinde poſtea exuere non poſſit.* Deixote eſtes Deſpertadores, que fazendo-os familiares te podem

Idem.

ſervir,

ſervir de prevençaõ. He de hum momento o que deleita, & de huma Eternidade o que atormenta: *Momentaneum eſt quod delectat, æternum quod cruciat.* Faz mal o goſto, que ſe compra com dor: *Nocet empta dolore voluptas.* Paſſa o goſto, que naõ ha de tornar, & fica a moleſtia, que te naõ ha de deixar: *In peccato tranſit jucunditas non reditura, manet anxietas non relicturа*, diſſe S. Bernardo. *Voluptatem viciſſe, voluptas eſt maxima*, diz S. Cypriano lib. de Diſcipl. Vencer o goſto he o goſto mayor. D. Bern. D. Cyprian. l. de Diſcipl.

Murmurar das vidas alheas nas converſaçoens.

Naõ ſe deſculpa com o zelo:

Nulli detrahas, nec in eo te ſanctum putes, ſi cæteros laceres. S. Hieronymo.

31. O Segundo perigo, q̃ ſe encontra na jornada da Eternidade, & encõtraſe muitas vezes, he a murmuraçaõ nas converſaçoens ordinarias, em que ſe offende a charidade, que ſe deve ao proximo, & a ſua fama. He vicio muito commum; muitos ha, em quẽ ſe naõ achaõ outros, achandoſe eſte do murmurar;

murar: *Pauci admodum sunt, qui huic vitio renuntient; raròque invenies, qui ita vitam suam irreprehensibilem exhibere velint, ut non libenter reprehendant alienam; tantaque hujus mali libido mentes hominum invasit, ut etiam, qui procul ab alijs vitijs receßerunt, in istud tamen quasi in extremum diaboli laqueum incidant*, disse S. Paulino. Naõ será facil achar alguem, que naõ murmure, diz S. Chrysost. *Non facilè reperias quemquam expertem hujus erroris.* Notese de caminho, que chama ao murmurar erro, porq̃ naõ ha cousa, aonde se erre mais, do q̃ no murmurar, porque se sentencea sem ouvir as partes. Nem S. Thomas duvidou de lhe chamar vicio universal: *Hoc specialiter vitio periclitatur totum genus humanum.*

D. Paulin. Ep. 14 ad Celant.

D. Chrysost. Homil. 3. in c. 2. ad Roman.

D. Thom. 2. 2. q. 73. cap. 2.

32. He muito natural, diz S. Agostinho, porque toca em reprehender acçoens alheyas, & taõ natural he o contentarse das acçoens proprias, como o descontentarse das dos outros. *Maxima pars generis humani indiscreto judicio ad reprehendendum prompta, & parata esse probatur.* Tem ganhado a murmuraçaõ tanto sequito, porque sempre he bem ouvida; sempre involve novidade, & o desejo de saber novidades he appetite natural nos homẽs. He a murmuraçaõ ecco, que sempre acha quem lhe

D. Augusti.

lhe reſponda. *Malũ celebre eſt, idcirco in multis fervet hoc vitium, quia penè ab omnibus libenter auditur*, diſſe da murmuraçaõ S. Paulino. Paulin.

33. O primeiro remedio he, naõ levar a cõversaçaõ couſa, que ſeja falta do proximo; mas ſe à tenho viſto, ou ouvido, tomar o conſelho do Eſpirito S. q̃ he ſepultalla em mim meſmo: *Audiſti ſermonẽ adverſus proximum tuum? commoriatur in te: Ideſt, oblivioni trade*, explica S. Chryſ. O encobrir as faltas, q̃ ſe ſabẽ dos outros, ſempre foy muito louvavel em quẽ ſe conheceo eſta boa parte. Contaſe de hũ Pintor, como refere o Padre Agoado, q̃ mandandolhe pintar a hũ Rey, a quẽ faltava hum dos olhos, o retratàra de meyo roſto, & perguntándolhe porq̃ o pintàra aſſim, reſpondeo, q̃ o ſeu pincel naõ ſabia pintar defeitos, ſenaõ encobrillos. Todas as linguas deviaõ ſer como eſte pincel. Eccleſ. 19. num. 10. D. Chryſoſt. Agoad. p. 3. rit. 7. cap. 3.

34. Ouvindo murmurar, deſculpeſe ao proximo, quando naõ puder a obra, a intençaõ, como aconſelha S. Bernardo: *Excuſa intentionẽ, ſi opus non potes.* Naõ reprehendamos aquellas couſas, que naõ ſabemos com que animo, & intençaõ ſe fizeraõ: *Non reprehendamus ea, quæ neſcimus quo animo fiant*, diz S. Agoſt. Quantas vezes o murmurado, ſe ſe lhe deſſe viſta, & admitiſſe a defeſa, havia de dar tam boa razaõ, D. Bern. D. Auguſt.

que havia de tapar a boca ao murmurador. Imagina, que foy ignorancia, ou inadvertencia: D. Bernard. *Puta ignorantiam, puta subreptionem, puta casum*, continua S. Bernardo: & se nada disto tem lugar, imagina, que podias fazer o mesmo, & muito peyor ainda: Idem. *Dicito apud temetipsum: Vehemens fuit nimis tentatio; quid de me illa fecisset, si in me accepisset similiter potestatem?* Tudo o que aconteceo aos outros, te póde tambem succeder a ti, diz S. Bernardo: Idē lib. de honest. vit. *Quidquid alijs accidit, tibi accidere potest, quia homo es.* A consideraçaõ da fraqueza propria serve muito para desculpar a alheya, diz S. Gregorio: D. Greg. l. 5. Moral. cap. 3. *Considerata infirmitas propria mala nobis excusat aliena.* O que succedeo a alguem, póde succeder a todos, disse Publio, que haviaõ de dizer todos, quando ouvissem a falta de outrem; pensamento, que Seneca louva muito, & com razaõ: Publius. *Cuivis potest accidere, quod cuiquam potest.*

35. Mostrar no rosto, ou no silencio o pouco gosto, com que se ouve a murmuraçaõ, tambem he remedio para ella, diz S. Hieronymo: *Discat detractor, dum te videt, non libenter audire, non facilè detrahere. Detractor, cùm tristem* D. Hieron. Ep. 4. ad Rustic. *faciem viderit audientis, illicò conticescit.* Se a murmuraçaõ naõ tivesse ouvintes, naõ haveria murmuradores; ninguem gostaria de murmurar,

murar, se visse q̃ a sua murmuraçaõ se naõ ouvia cõ gosto, diz S. Hieron. *Si desint audientes, non invenirentur detrahentes.* Por isso S. Bern. diz, q̃ naõ se sabe resolver, quẽ tenha mais culpa, se o q̃ murmura, se o que ouve murmurar: supoem o S. que ambos saõ culpados: *Detrahere, & detrahentem libenter audire, quid horũ damnabilius sit, non facilè dixerim.* Ninguem gosta, que se murmure de si, & por isso naõ deve gostar, que se murmure dos outros; diz S. Hieronymo: *Non licet tibi alterius vituperationem patienter audire, quia nec ab alijs optas recipi tuam.*

Idem ad Celãt.

D. Bernard. l. 2. de Consid.

D. Hieron.

36. Ou mudar a pratica, se he tal a qualidade da pessoa, que o permita. Quem haviade dizer, que havia de ser este conselho de hum Gentio? *Si igitur possis, demuta eorum sermones, qui tecũ sunt, in id, quod decet*, disse Epicteto. Virtude, & destreza em q̃ foy singular Thomas Moro Inglez, ouvia murmurar da acçaõ de algum proximo, & por naõ continuar a murmuraçaõ, dizia Naõ se póde negar, que o Architecto, que traçou aquellas casas, era insigne. Ou fingindo algum negocio despedirse da conversaçaõ, em que se murmura. *Cum detractoribus ne misceari*, diz o Espirito Santo.

Epictet.

Proverb. 24. n. 21.

37. Trazer sempre os olhos na sua vida hũ grãde remedio para não olhar para as alheas: *Nulli unquam omninò detrahas, magisque vitam tuam ordinare disce, quam alienam carpere,* acõselhava S. Hieronymo a Rustico. Olha para ti, & facilmente calaràs dos outros; diz Kempis: *Qui sibi ipsi diligenter intendit, faciliter de alijs tacet.* Nunca murmuràras dos outros, se olhares sempre para ti, diz S. Isidoro: *Nunquã detrahes, si te benè perspexeris.* Muitos havião de calar dos outros, se advertissem, que se tinha muito, que dizer delles; diz Chrysostomo: *Multi de alijs sanè tacerent, nec sententiam tam citò proferrent, si se priùs judicarent.* Ainda Cicero disse, que era louquice andar vendo os vicios alheyos, esquecendose dos proprios: *Est proprium stultitiæ aliorum vitia cernere, obliviscì suorum.*

S. Hieron. ad Rustic.

Kemp. l. 1. c. 5.

D. Isidor.

D. Chrysost.

Cicer. 3. Tusc.

38. Muita força tem para impedir o impeto, & desejo de murmurar, se quando ouço faltas de outrem, considero, que tenho as mesmas, & ainda outras mayores, pois assim se hà de considerar, diz Seneca: *Quoties de alio succurrit improba cogitatio, dic: hæc & ipse commisi.* Fingio Esopo para se explicar, & dar doutrina; que todo o homem trazia huns alforjes ao hombro, aonde metia todas as faltas;

Senec. l. 7. de Benef.

no

no de diante as alheas, & no de detràz as proprias. Este mesmo desordenado genio dos homens tinha notado Seneca, quando disse, que traziamos os vicios alheyos diante dos olhos, & os proprios atràz das costas: *Aliena vitia in oculis habemus, à tergo nostra sunt;* & por isso Persio na Satyra 4. diz, que ponhamos os olhos no alforje, que fica atraz das costas, aonde andão as nossas faltas, & acharemos mais, que no de diante, ou ao menos as mesmas: *Spectetur mantica tergo;* & he o mesmo, que tambem Seneca aconselhava, que por ventura achariamos em nós a mesma falta, que murmuravamos nos outros: *Fortasse vitium, de quo queréris, in sinu invenies, si te diligenter excusseris.* O mesmo veyo a dizer S. Hieronymo: *Accusamus sæpe quod facimus*; & com S. Hieronymo S. Nilo: *Multa in nobis sunt propter quæ alios taxamus.*

Sen. 2. de Ira c. 28.

Pers.

Senec. l. 7. de Benef.

D. Nil. Parren. cap. 40.

39. A murmuração mais ordinaria he sobre as pessoas, que governão. Não cuides, que te desculpa o zelo: *Nulli detrahas, nec in eo te sanctum putes, si cæteros lacères*, acudio a esta desculpa no murmurar S. Hieronymo. Muitas vezes o que parece zelo, não o he, diz Kempis: *Passione interdum movemur, & zelum putamus.* Se a falta, que zelas, cahira em hum grande teu amigo,

D. Hieron.

Kemp. l. 1. c. 5.

amigo, não havias de goſtar de ouvilla, & havias de deſculpalla, ſe ouviſſes fallar della com nota; daqui verás, que muitas vezes, ou ás mais, não he zelo da falta, hé averſaõ à peſſoa; alẽ de que, com o murmurar nada ſe remedea; com eſta razão de ſe não remediar nada com a murmuração, acudio o Eſpirito Santo para ſe não murmurar de alguns deſcõcertos publicos, q̃ ſuccedem nas Reſpublicas, & ſe podem attribuir âs peſſoas, que as governão. Guardaivos da murmuração, a qual nada aproveita, diz o Eſpirito Santo: *Cuſtodite vos à murmuratione, quæ nihil prodeſt.* Que importa o murmurar, ſe o murmurar não remedea?

Sap. 1. n. 11.

40. Quando murmuras eſtàs dando cauſa para que ſe murmure de ti, que es murmurador; & ſe tiveras zelo do bem commum, havias de ter zelo de que não ouveſſe murmuradores das vidas alheyas, q̃ he huma das peyores couſas, que ha no mundo.

41. Conſidera, que o roubo da fama ainda ſe tem em mayor eſtimação, que o da fazenda, & que a ſua reſtituição ainda he mais difficultoſa, que a do dinheiro, porque a deves fazer, quando fores obrigado a ella com diſpendio da tua meſma fama.

42. Conſidera, que coſtuma Deos caſtigar

aos

aos murmuradores, permitindo, q̃ cayaõ naquillo meſmo, q̃ murmuravaõ dos outros, como põderou S. Dorotheo; & eu o pudera confirmar cõ alguns exemplos, q̃ tenho obſervado: *Dubio procul ſit, ut in eadem vitia prolabamur, quæ ipſi damnaveramus in alijs.* Naõ julguemos, diz S. Agoſtinho, aos olhos ſechados, como dizem; lancemos ſempre tudo à melhor parte: *Ne clauſis oculis calumniemur ea facta, quæ dubium eſt quo animo fiant, in meliorem partem interpretemur.* Culpar o que póde ter deſculpa, vem de animo maligno, diz S. Proſpero; *Culpare in quoquam, quæ non ſunt nota, malignũ eſt.*

D. Doroth. Serm. 6.

D. Auguſt.

D. Proſp. epigr. 12.

ROUBAR O ALHEYO.

Ordinariamente ſe faz para adiantar o ſeu eſtado, ou deixar mais aos filhos.

Naõ ſe logra o mal adquirido.

Non poteſt ad bonum proficere, quod congregatur de malo. Imperf.

43. O Utro perigo he roubar o alheyo; vicio já hoje muito ordinario no mũdo. Antigamẽte era eſte hũ peccado, q̃ cauſava pejo; eſcõdeoſe Adaõ depois de tomar o fruto da arvore no Paraiſo, que eſtava prohibido por Deos: *Abſcondit ſe Adam*; & foy adver-

Gen. 3. num. 8.

vertencia de Theodoreto, que fora pejo natural de si mesmo este esconderse: *Latêre conatus est, quasi cognoscens furari malũ esse.* Furtase hoje tam sem pejo, porque está este peccado, por muito usado, & commũ, já irracionavelmente muito authorizado no mundo. Theodor.

44. O motivo commũmente porque se costuma furtar, ou he por adiantar o estado em sua pessoa, ou a herança nos seus descendentes; mas huma, & outra cousa he engano. Cada hũm fica sempre quem he, ainda q̃ fique mais rico, porque a fortuna naõ tem poder para mudar a geraçaõ: *Fortuna non mutat genus.*

45. Epaminondas ensinou a cada hum a cõterse no seu estado; mandoulhe Artaxerxes hũns Legados, que em seu nome lhe offerecessem huma summa grande de dinheiro induzindoo a cõmetter huma treiçaõ; dilatou a resposta, atè qué chegou o tempo de pôr a mesa, que era muito parca, como sempre costumava, & entaõ disse aos Legados: Dizey ao vosso Rey, que quem se contenta com o parco desta mesa, naõ necessita do seu dinheiro: *Abite, & domino vestro meâ prandiâ ferte, quibus me contentum non facilè suis muneribus ad proditionem alliciet.*

46. Aristides homem, que tinha sido occupado

pado em varios poſtos na paz,& na guerra, em que ſe pudera aproveitar, naõ deixou baſtante para ſe fazerem as ſuas exequias. O meſmo ſuccedeo a Publio Valerio Publicula depois de ſer tres vezes Conſul,, de quem diſſe Valerio Maximo com immortal elogio: *Cui mortuo luctus funebris, & rogus defuit.* E a Lucio Silla depois de ſer Theſoureiro na guerra de Mario contra Jugurtha em Africa, & ter outros grandes,& authorizados cargos, chegando atè o de Ditador, ſuccedeo o meſmo, como contaõ Tito Livio,& Plutarco. O Papa Clemente IV. nunca quiz caſar as ſuas filhas, (tinha vivido antes em matrimonio) ſenaõ com o eſtado particular, que tinha tido em Narbona, como refere Fulgoſo. Pobre veyo Cayo Gracho da ſua Provincia,que governàra, mas ninguem com mais honra do que elle. Ninguem haverà, que com verdade diga,que aceitey delle couſa alguma: levey muito dinheiro, quando fuy, & naõ trouxe nenhum, quando vim: dizia eſte nobre Romano dando conta de ſi, & do ſeu governo aò Senado: *Ita verſatus ſum in Provincia, ut nemo poſſit verè dicere aſſem,aut eò plus muneribus me accepiſſe; cùm Roma profectus ſum,zonas, quas plenas argenti extuli, eas ex Provincia inanes retuli.* Aſſim o refere Aulo Gellio Valer. Max. l. 4. cap. 4.

Aul Gel. l. 15. cap. 12. Gellio. O invencivel D. Joaõ de Caſtro Viſo-Rey da India na ultima enfermidade naõ ſe achou com que pudeſſe comprar huma galinha para a ſua doença, aſſim morreo pobre, para viver immortal na fama.

47. Marco Attilio Regulo ſó ſe contentava com hum campo, de que ſuſtentava a ſua caſa; & morrendo o ſervo, q̃ lho cultivava, do grãde poſto, em q̃ eſtava, eſcreveo ao Senado, que lhe era neceſſario retirarſe a ſua caſa para tratar da cultivaçaõ do ſeu campo. Naõ quiz Joſeph acreſcentar o eſtado de ſeu pay, & irmaõs, & ninguem o poderia fazer melhor, do que elle no poſto de Viſo-Rey do Egypto, ordenandolhes, q̃ ſe conſervaſſem no meſmo modo de vida de paſtores, q̃ tinhaõ na ſua patria.

48. Alem de que, ſe o motivo he ſer mais rico, ninguem chegou a ſer rico, ſe attentou à opiniaõ: Seneca. *Si ad naturam vivas, nunquam eris pauper; ſi ad opinionem, nunquam dives; exiguũ natura deſiderat, opinio immenſum:* foy advertencia de Seneca.

49. O motivo de acreſcentar a herança, tambem he enganoſo, porque naõ acreſcenta, quem a quer acreſcentar com o alheyo; ſe alguem quer deixar os filhos ricos, deixelhes o bem adquirido, porque ſó eſſe he o que ſe coſtuma

tuma lograr: *Melius est parũ cum justitia, quam multi fructus cũ iniquitate*: diz o Espirito S. nos Proverbios Sẽpre tem sahido certo, & ainda se lhe naõ sabe excepçaõ, aquelle Proverbio commum: *De malè quæsitis non gaudet tertius hæres.* Proverb. 16. num. 8.

50. Deixe os filhos bons, & logo os deixarà ricos: he conselho de S. Chrysost. *Vis filiũ relinquere divitem? bonum illum esse doce; si malus ille fuerit, etiamsi infinitam substantiam relinquas, non illi custodem reliquisti.* Deixe-os bons, & deixalos-ha com paõ certo, que assim o tem mostrado sempre a experiencia, diz David: *Junior fui, etenim senui, & non vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem.* D. Chrys. Ep. 1. ad Tim. Homil. 9. Psal. 36. n. 25.

51. Alem de que julgava Phocião, que bastava aos filhos ser como os seus pays; não querendo este aceitar huma grande quantidade de dinheiro, que huns Legados de Phelippe Rey de Macedonia lhe davão de sua parte; instàrão os Legados, que seria bem o aceitar, ao menos para ficar aos seus filhos; respondeo, mostrando huma pequena herdade, de cujos frutos atè aquelle tempo se tinha sustentado: Se os meus filhos forem semelhantes a mim, este pequeno campo bastarà para os sustentar, assim como bastou para me

ra me chegar à dignidade de Cidadão Athenienſe; ſe forem deſſemelhantes a mim, não quero concorrer para o ſeu luxo, & demaſias: achava eſte grande juizo, que baſtava aos filhos, o que tinha ſido baſtante a ſeu pay: *Si mei ſimiles erunt, idem hic agellus illos alet, qui me ad hanc dignitatem perduxit; ſin diſſimiles ſunt futuri, nolo meis impenſis illorum ali, augerique luxuriam*, conta Probo na vida de Phociaõ. Aos filhos antes ſe haõ de deixar exemplos imitaveis de virtudes, do que riquezas, aconſelhava Iſocrates aos q̃ eraõ pays: *Plus tibi curæ ſit, ut honeſtam famam, quàm divitias ingentes liberis relinquas; nam hæ mortales ſunt, illa vero immortalis*, diz Stobeo.

Proverb.

Stob. Serm. 48.

52. Aonde os homens fazem mais ordinaria occaſiaõ de levar o alheyo, he no trato de comprar, & vender; nos officios da Republica, em que ſervẽ, & nos cargos de Juſtiça, que adminiſtraõ Na mercancia; porque o querer ganhar, como he muito natural, faz muitas vezes atropellar o que he juſto; aonde ha o lucrar, ha tambem o perder; mas o lucrar he no dinheiro, & o perder he na conſciencia, diz S. Agoſtinho: *Ubi lucrum, ibi damnum; lucrum in arca, damnum in conſcientia.* Nos officios, que ſe ſervem; porque ſe entra nelles para ajuntar

D. Aug. Serm. 215. de Temp.

juntar, nem hum, nem outro, ſou de voto, q̃ va a Eſpanha com eſſe cargo; porque hum naõ tem nada, & ao outro nada lhe baſta: *Neutrum mihi mitti placet; quia alter nihil habet, alteri nihil ſatis eſt.* Aſſim votou no Senado de Roma Scipiaõ, como diz Valerio Maximo, quando eſte lhe pedio o ſeu parecer ſobre quẽ havia de vir a Eſpanha governar a guerra contra Viriato, ſe Sulpicio Galba, ſe Aurelio. Eſte riſco de roubar nos officios quiz moſtrar o Santo Xavier, quando da India eſcreveo ao Padre Meſtre Simaõ Rodriguez da Companhia, q̃ entaõ era Meſtre do Principe, que naõ apadrinhaſſe a quem quizeſſe bem, para vir deſpachado com algum officio, em que manejaſſe dinheiro, porque era o meſmo que vir deſpachado para o Inferno, porque ſe via muito roubar, & nenhum reſtituir. Em carta de Cochim aos 27. de Janeiro de 1545. que ſe guarda no Santuario de S. Roque em Lisboa. Nos cargos de Juſtiça; porque eſta coſtuma ſervir de carta de ſeguro, & o meſmo officio da Juſtiça livra do medo della; pintaſe eſta com humas balanças na maõ, & naõ faltou quem diſſeſſe, que era para ſe vender: *Inter leges ipſas delinquitur, inter jura peccatur: qui ſedet crimina judicaturus, admittit:* D. Cyprian. l. 1 Epiſt 2. ad Donat.

Val. Max. l. 6. cap. 4.

quod

quod poteſt redimi, non timetur, diſſe S. Cypriano.

53. Naõ retenha divida, que poſſa pagar, lembrandoſe do que diz S. Agoſtinho: *Si res aliena, propter quam peccatum eſt, reddi poteſt, & non redditur, pœnitentia non agitur, ſed ſimulatur. Non remittitur peccatum, niſi reſtituatur ablatum, ſi reſtitui poteſt.* Que importa confeſſarſe muitas vezes da divida, ſe a póde logo reſtituir, & o naõ faz? Louva muito Neriemberg (Partida a la Eternidad) a verba do teſtamento del Rey D. Alonſo o Sabio, em que mandava, que ſe naõ enterraſſe o ſeu corpo, atè que naõ eſtiveſſem pagas todas as ſuas dividas: deve de entender aquellas, que ſahiſſem, de que o Rey naõ ſoubeſſe, porque as certas melhor he ficarem pagas, do que eſcritas, & recomendadas no teſtamento: aqui tem lugar aquelle conſelho de Gellio: *Nequid expectes amicos, quod tu agere poſſis:* & o tràz Enio nas ſuas Satyras.

D. Auguſt.

Euſeb. c. 11.

Aul. Gel l. 2. c. 29.

ODIOS,

ODIOS, E INIMIZADES.

Perdoar nem he fraqueza, nem deſcredito. *Vindicare ſe non eſt actus fortitudinis, ſed abjectionis, & timiditatis.* Ambroſ. lib. 1. Officior. cap. 36.

54. TOdas as couſas, diz Seneca inſtruindo a ſeu diſcipulo Lucilio, dependem da opiniaõ; menor havia de ſer a dor, ſe a opiniaõ a naõ fizeſſe mayor acreſcentando alguma couſa: *Levis dolor eſt, ſi nihil illi opinio adjecerit.* Aonde iſto mais ſe verifica, he nas injurias, em que a opiniam tem alcançado injuſtamente tanto dominio, que tem dado o ſer às injurias. Aſſim o conheceo aquelle grande Emperador Conſtantino; aos que o eſtimulavaõ, que tomaſſe vingança daquelles, que lhe tinhaõ apedrejada, & diſformada no roſto a ſua eſtatua, que eſtava levantada na praça de Conſtantinopla; reſpondeo eſte grande Emperador correndo a maõ pelo roſto, & ſorrindoſe, que naõ achava nelle, nem ferida, nem final della, como conta, & engrandece S. Joaõ Chryſoſtomo. Achou eſte Monarcha, que as que ſe dizem injurias dependem

Senec.

D. Chryſ. Homil. 20 ad Popul.

dem muito, ou totalmente da opiniaõ.

55. Tambem a opiniaõ dos homens foy taõ poderoſa, que quaſi chegou a deſacreditar o perdoar, perſuadindo; que he fraqueza, & deſcredito; o contrario te quizera eu agora perſuadir; vay notando os exemplos, & veràs, q̃ nelles naõ teve lugar a fraqueza, ſenaõ a magnanimidade, pois naõ faltava poder para a vingança, nem ſaõ de ſugeitos, que naõ eſtimaſſem o ſeu credito, antes ſabiamente cuidavaõ, que com o meſmo perdoar ficavaõ mais acreditados.

56. Do ſeu Jupiter tinhaõ conceito os antigos, que perdoava muito; porque ſe naõ perdoaſſe tanto, já naõ teria rayos: *Si quoties peccant homines ſua fulmina mittat Jupiter, exiguo tempore inermis erit.* Diſſe Ovidio. Do Leaõ he generoſidade o perdoar: *Corpora magnanimo ſatis eſt proſtraſſe Leoni;* & o Leaõ he Rey dos boſques, & Jupiter, cuidava a antiguidade, que era Rey dos Ceos; nem a hum faltavaõ rayos, nem a outro garras, com q̃ ſe pudeſſẽ vingar.

Ou. id.

57. De Ceſar diz Cicero, que de nada ſe coſtumava eſquecer, ſenaõ das injurias; & que de melhor vontade as perdoava elle, do que os outros as vingavaõ: *Quod nihil obliviſci ſoleret niſi injurias. Quod libentius ignoſceret, quàm alij ulciſ-*

Cicer. pro Q. Lig.

ulciſcerentur. Perdoou a Lucio Lina, que lhe tinha ſido treidor militando com Marco Antonio, & depois ſendo author de huma conjuraçaõ, parece, que tendo goſto de ter muito que perdoar, como moſtravaõ as palavras, que lhe diſſe, quando lhe concedeo o perdaõ: Já te perdoey como a inimigo, agora o torno a fazer como a parricida. Sabelico: Julio Ceſar perdoou, convidandoo a que ceaſſe com elle a hum Veronès, que tinha ſahido contra elle com hũ libello infamatorio; perdoou a Cayo Memio, que contra elle tinha orado em publico, & lhe deu hum conſulado, q̃ pertendia, cõta o meſmo Sabelico. De Pompeo diz Paterculo por grande elogio, que era facillimo em perdoar: *In offenſis exorabilis, in accipienda ſatisfactione facillimus.* Patercul. l. 5. num. 77.

58. Subio Adriano Ceſar a ſer Emperador, & encontrãdo a hũ Romano na rua, o qual tinha ſido ſeu grãde inimigo; ſendo particular Adriano, teve grande medo, conſiderando, q̃ já naõ poderia eſcapar ao poder de hum Emperador; mas Adriano o aſſegurou cõ aquillo meſmo, q̃ lhe metia medo, dizendo, que por ſer Emperador lhe tinha eſcapado já: *Bono eſto animo, me Imperatore, evaſiſti*, refere-o o Padre Mẽdonça: Mendoç. in virid. l. 5. Prob. cap. 36.

59. Henrique I. filho de Franciſco I. Rey de França,

França, que antes tinha ſido offendido de hum particular, ſendo Duque de Orleans, como lhe diſſeſſem alguns liſongeiros, q̃ eſtava em poſto aonde livremente ſe podia vingar: reſpondeo, que o Rey de França naõ vingava os aggravos do Duque de Orleans.

60. Eſtava Porſena Rey da Etruria ſitiando a Roma, reſolveoſe Scevola por libertar a ſua patria matar a Porſena; veyo ao meſmo quartel da corte, deu o golpe, & errou-o; apanhou-o Porſena, & mandou-o aos ſeus Romanos, a quẽ diria, que por lhe querer dar a morte, lhe dava Porſena a vida: *Revertere ad tuos Scevola, eiſque referot, vitam meam cum hoſtiliter petieris, à me benevolè vita donatum.*

61. Fallay mais baixo naõ vos ouça Alexandre: *Submiſſiori voce de Alexandro maledicite, vos ne audiat Alexander*, diſſe Alexandre a huns ſoldados, q̃ junto à ſua tenda, ſem imaginar, que elle os ouviria, eſtavaõ dizendo mal de ſua peſſoa; o meſmo ſe reſere, que diſſe El-Rey Antigono em ſemelhãte occaſiaõ: *Lõgiùs diſcedite, ne vos Rex audiat Antigonus*; & nẽ a Ceſar, Pompeo, Adriano, nem a El-Rey de França, nem a Porſena; Alexãdre, & Antigono lhes faltava poder para a vingança, mas ſobejavalhes a magnanimidade; nem ſe o perdoar fora deſcredito

credito, haviaõ eſtes de cahir em tal baixeza, q̃ todos eraõ ambicioſos de alcançar com ſuas acçoens fama & gloria; nem ſe eſtas acçoẽs de perdoar naõ foſſem illuſtres, ficariaõ celebradas dos Authores, que as eſcrevèraõ por afamadas: he argumento de grande animo o perdoar, diz o Seneca; aſſim como de puſillanimidade o vingarſe: *Magni animi eſt injurias deſpicere. Puſilli hominis, & miſeri repetere mordentem.* Argue grande coraçaõ, diz Hugo: *Magna virtus eſt ſi non lædas, à quo læſus.* Senec. Ep. 4. ad Lucil. Idem. l. 3. de Ira. c. 34. Hug. l. 7. de Anim.

62. Mais alta razaõ dà ainda S. Agoſt. Se o perdoar foſſe acçaõ mà, naõ havia Chriſto de fazella, nem mandalla: & cuidar alguem, que fica afrõtado perdoando, dizendo Chriſto, que naõ, pois o fez, & aconſelhou, he julgar, que a doutrina de Chriſto he errada; penſamento, que naõ póde caber, em quem tem Fé.

63. Alguns julgaõ o perdoar por couſa taõ repugnante à natureza humana, que o reputaõ quaſi por impoſſivel; mas confundaõſe com eſtes exemplos, que de propoſito os buſquey gẽtilicos, para que ſeja mayor a confuſaõ de algũs Chriſtaõs. Como hum de mà cõdiçaõ, & peyor lingua eſtiveſſe todo hum dia afrontãdo publicamente com injurias a Pericles, ſofreo elle, & vindo a noite, com huma luz o foy acompanhando

nhando atè ſua caſa; ſó porquè aſſim lhó enſinava a ſua doutrina Stoica. *Deinde veſperi jam diſcedentem cum lumine comitatus eſt; ne quid in Philoſophiæ ſtudio amitteret*, diz S. Baſilió. Mais ſe prezava eſte do que enſinava a Philoſophia, que elle profeſſava, do que algũs Chriſtaõs da doutrina de Chriſto, q̃ profeſſaõ. Naõ me lembra, q̃ alguẽ me feriſſe: *Non memini me percuſſũ:* reſpondeo Cataõ a hũ, q̃ ò tinha ferido; & lhe pedia perdaõ da injuria, que lhe fizera. Cataõ, ou naõ fez caſo da injuria, ou ja ſe tinha eſquecido della, que he hum remedio, que dà o meſmo Seneca, que conta o caſo: *Injuriarum remedium eſt oblivio.* Dando à Socrates huma bofetada, ſó diſſe, què era trabalho naõ ſaberem os homens a occaſiaõ em que haviaõ de ſahir de caſa com viſeira: *Moleſtum eſſe, quod neſcirent homines, quando cum galea prodire deberent.* Caminhava, como refere Seneca, aquelle grãde homem Ariſtides para o ſupplicio em Athenas, & cuſpiolhe hum no roſto por injuria; limpouſe, & diſſe ao Magiſtrado, que aviſaſſe àquelle homem, que naõ cuſpiſſe taõ mal dahi em diante: *At ille abſterſit faciem, & ſubridens ait comitanti ſe Magiſtratui: Admone iſtum, ne poſtea tam improbè oſcitet.*

D. Baſil. de Legend. libr. Gẽr.

Senec.

Idem de Conſolat. ad Helb cap. 13.

Phociaõ ſendo condenado à morte inno-

cen-

centemente pelo Senado de Athenas com veneno, & sendo perguntado pelos parentes, que mandava a hum seu filho, que lhe ficava, respondeo: Mando lhe, q̃ se esqueça desta minha morte, a q̃e me condenàraõ os Athenienses: *Mando, ut obliviscatur hujus poculi, quod ab Athenienſibus propinatum nunc poto:* conta-o Drexelio. Naõ pudera deixar no seu testamento verba mais Christaã, se elle o fora. Estes exẽplos bẽ mostraõ como o perdoar naõ hè taõ difficultoso como a nossa paixaõ o representa:

64. Dous grandes motivos para facilitar o perdoar, aponta S. Agostinho. 1. Ver o muito, que Deos me perdoa a mim, para que eu perdoe aos outros: *O quicumque ille es, attendis, quid tibi fecerit homo, & non conſideras, quid tu feceris Deo? cum enim tu multum graviora in Deum peccata commiſeris, quare non dimittis homini parum, ut tibi Deus dignetur dimittere multum?* D. Aug. Serm. 5. de S. Steph. O 2. he, que perdoando tenho hum seguro, de que tambem Deos me ha de perdoar no Juizo, este se contem naquellas palavras, que Christo disse, & quizera eu, que conſideraſſes bem, que saõ de Christo, & naõ podem faltar. *Si dimiſeritis hominibus peccata eorum, dimittet & vobis Pater veſter cæleſtis delicta veſtra. Videtis Fratres,* diz S. Agostinho, Matth. 6. n. 4. D. Auguſt.

quia

quia cum Dei gratia in poteſtate noſtra poſitum eſt, qualiter à Domino judicemur? In poteſtate noſtra poſita eſt noſtra ſententia. E Ceſario: *Liberè conſcientia antè tribunal Chriſti dicere poterit: Dimitte, quia dimiſi.* Perdoando ficaràs mais nobremente vingado, diz Hugo ja citado: *Nobile vindictæ genus eſt ignoſcere.*

Cæſar. in admonit. 2.

Hug. 7. de Anim.

65. O naõ ſazer caſo tambem he vingarſe licitamente, ou com a magnanimidade, ou com o deſprezo, diz S. Joaõ Chryſoſtomo: *Si contempſeris ultionem ſumere de inimicis, tunc aſſequeris.* O naõ fazer caſo da injuria he tirar o goſto, que pertende ter ô que a faz; & tambem iſto he genero de vingança politica, diſſe Seneca: *Genus ultionis eſt eripere ei, quod facit, contumeliæ voluptatem*; & o diſcurſa Tertulliano: Por iſſo alguem te offende, para que tenhas ſentimento; mas ſe o naõ moſtras, o ſentimento paſſaſe para aquelle, que fez a injuria, porque naõ vè o fruto, que eſperava da offenſa, com que queria, & pertendia moleſtar: *Idcirco quis te lædit, ut doleas, quia fructus lædentis in dolore læſi eſt; ergo cum fructum ejus everteris non dolendo, ipſe doleat neceſſe eſt amiſſione fructus ſui.*

D. Chryſ. Homil. 25. in ep ad Hebr.

Seneca.

Tertul. l. de Patient. 18.

RES-

RESPEITOS HUMANOS no obrar.

Fazem as obras sem acertõ, & com culpa. *Pro nulla re mundi, & pro nullius hominis dilectione aliquod malum est faciendum.* Kemp. lib. 1. cap. 15.

66. OS Respeitos humanos no obrar, q̃ fazem ir contra a razaõ, & consciencia, naõ he dos menores perigos, ainda q̃ o naõ pareça; estes se podem reduzir a sete capitaes. 1. Obrar levado do sangue, porque he parente. 2. Obrar levado da affeiçaõ, porque he amigo. 3. Obrar levado do temor, porque he pessoa poderosa. 4. Obrar precisamente levado do respeito, porque he pessoa de authoridade. 5. Obrar levado do agradecimento, & recõpensa, porq̃ tenho recebido algũa cousa. 6. Obrar levado da dependencia, porq̃ he pessoa de quem espero, ou posso esperar. 7. Obrar movido da aura popular, porque quero ser louvado.

67. Mas todos estes respeitos se haõ de cortar, & cortar por elles, se forem contra a consciencia, & razaõ: *A recta conscientia transversum unguem non oportet quemquam in omni vita sua discedere*: aconselhava Cicero. *Pro nulla re* Cicer. Attic. l. 13. *inun-*

Kemp. *mundi, & pro nullius hominis dilectione aliquod malum est faciendum*, enſinou tambem Kempis. Aquelle, que naõ anda appetecendo contentar, nem temendo de deſcõtentar aos homens, gozarà de grande paz: *Qui non appetit hominibus placere, nec timet displicere, hic multa perfruetur pace*, diz o meſmo Kemp. Eſtas palavras, que

Kem. l. 3. cap. 28. ſaõ de Kempis, me repetio huma vez com recomendaçaõ, que nunca me eſqueceſſem, nos meus primeiros annos da Religiaõ, hum Padre, que pela ſua virtude, & ſangue reconheciamos todos por veneravel. O querer cõtentar aos homens he cauſa muitas vezes de naõ contentar a

Ad Galat. 1. n. 10. Deos. *Si hominibus placerem, Chriſti ſervus non eſſem*; dizia S. Paulo. O que tẽ mais medo dos homens, do q̃ de Deos, facilmente ſe delvia do

D. Chryſ. Homil. in Joan. q̃ he juſto, diz Chryſoſt. " *Facilè deviat a juſtitia, qui in cauſis non Deũ, ſed homines pertimeſcit.*

68. Naõ tẽ quero canſar cõ te dar exemplos em todos os reſpeitos, q̃ já te apontey, porque vou depreſſa, & naõ quero fazer volume; contẽtate com que ſeja nos reſpeitos mais poderoſos, & por iſſo mais difficultoſos de vencer.

69. Tinha S. Ambroſio Arcebiſpo de Milaõ excõmũgado ao Emperador Theodoſio, & oferecẽdoſelhe ſeu Meſtre de campo Rufino para com força; & mèdo fazer levantar a cenſura

ao

ao Arcebiſpo; reſpondeolhe o Emperador, que ſe naõ canſaſſe com iſſo; porque Ambroſio por nenhum reſpeito havia de ir contra a ley divina: *Novi ego conſtantiam Ambroſij, & quòd nullo Regiæ Maieſtatis terrore divinam legem tranſgrediatur.*

70. Mandou a Emperatriz de Conſtantinopla Eudoxia mulher de Arcadio chamar a hũas perſonagens para que foſſem ameaçar, & meter medo com grandes caſtigos a S. Joaõ Chryſoſtomo, Arcebiſpo daquella populoſa Cidade, porque ſe oppunha a ſeus deſaforos; & reſpondèraõ os que haviaõ de ſer os enviados: Eſcuſado he meter medo a Chryſoſtomo, que o naõ tem ſenaõ do peccado: *Fruſtrà illum hominem terres; nihil ille niſi peccatum timet.*

71. Ainda tenho por mais valente o reſpeito da affeiçaõ; mas as amizades naõ haõ de ſer para obrigar a couſas indecentes, & injuſtas, diſſe Cicero: *Cùm autem in amicitia, quæ honeſta non ſunt, poſtulabuntur, religio, & fides anteponantur amicitiæ.* A ley da verdadeira amizade he, que ſe naõ peça couſa injuſta ao amigo, & ainda que ſe peça, que ſe naõ faça, nem obrigue: *Hæc lex in amicitia ſanciatur, ut neque rogemus res turpes, neque rogati faciamus,* advertio Iſocrates. Conta Eraſmo, & o refere tambem

Cicer. l. 3. offic.

Iſocrat.

Eraſm. l. 5. Apoc.

tambem Plutarcho, que pedindo a ElRey Artaxerxes hum seu grande amigo chamado Satibarzanes hũa cousa injusta, informouse o Rey em quanto importaria, & achando, que trinta mil daricos, moeda daquella terra, deulhos, & negoulhe a cousa, que injustamente lhe pedia.

72. Pericles, como refere Plutarcho, pedindolhe hum amigo seu, que por sua causa juraſſe falso; respondeo o que ao depois a mesma gentilidade fez sentença: que a sua amizade naõ chegava aonde havia offensa dos Deoses: *Se usque ad aras amicum esse.* E Publio Rutilio, como diz Valerio Maximo, a hum amigo, que se queixava delle por lhe naõ fazer hũa cousa injusta, que lhe tinha pedido a titulo de amizade: De que me serve a vossa amizade (dizia a sua queixa) se me naõ haveis de fazer o que vos peço? *Quid mihi est opus amicitia tuâ, si quæ rogo, non facis?* Respondeo Publio: Antes de que me serve a vossa amizade, se por amor de vós heide fazer algũacousa injusta? *Immò quid mihi tua, si propter te aliquid inhonestè facturus sum?*

Plutarch.

Val. Max. l. 6. c. 4.

73. A nenhum seu parente quiz nunca promover a dignidade o Pontifice Benedicto XII. que costumava dizer, que em quanto Pon-

Pontifice naõ tinha parentes, diz A Lapide: *Pontificem non habere propinquos.* O obrar levado da aura popular he muito natural nos homens; ainda desprezando o mundo, naõ podem desprezar esta estimaçaõ. *Si vultis n ipse reri, abite*: assim disse Platão a hum grande concurso de gente, que estava vendo, & compadecendose de ver a Diogenes no inverno metido em hum tanque de agua fria. Mas nem das injurias, nem das honras do vulgo se ha de fazer caso, diz o Stoico: *Honores, & injuriæ vulgi in promiscuo habendæ, nec his gaudendum, nec illis dolendum*; por isso hũa das cousas, em que instruia ao seu Lucillo, era, que havia de desprezar o gosto q̃ provèm da estimaçaõ do vulgo: *Ista mi Lucilli condenda in animum sunt, ut contemnas voluptatem ex plurium assentatione venientem.* Tratese mais da consciencia, do que da fama, diz para todos o mesmo Seneca: *Conscientiæ satisfiat, nihil in famam laboremus.*

ALap. in Ez. ch.

Plato.

Senec. ep. 7.

Idem l. 3. de Ira c. 41.

Segueſe agora o que podes chamar

PEDAGOGO CHRISTAM.

PREVENÇAM V.

Como deve paſſar o dia o que caminha para a Eternidade.

Demus ànimæ dies. Chryſol.Serm.12.

OS exercicios ordinarios, & communs do dia coſtumaõ ſer eſtes: levantarſe de manhãa: encomendarſe a Deos com algumas devoçoens: aſſiſtir à Miſſa: ouvir Sermaõ: tomar a refeiçaõ na meſa: converſar: recolherſe à noite. Com eſtes exercicios ſe coſtuma ordinariamente paſſar o dia; verſeha neſta Prevençaõ como deve fazer eſtes exercicios o que ſe prepara para a Eternidade; outros póde haver, que ſejaõ extraordinarios, para a direcçaõ deſtes poderá ſervir a Prevençaõ VI.

Para quando ſe levantar pela manhãa.

1. O Primeiro penſamento logo em eſpertando, aconſelha o Eſpirito Santo nos Proverbios, deve ſer de Deos, cuidando no que ha de fazer aquelle dia ſem que lhe deſagrade: *Benè ſurgit diluculò, qui quærit bona.* Prov. 11. n. 27. *Significat Salomon cum ſurgimus, mentem illicò elevandam ad Deum, ut illi ſuggerat, & inſpiret, quæ ipſi placita ſunt, ac quæ per diem obeat:* A Lapid. cõmenta o A Lapide, & acreſcenta, que dos bons propoſitos, que ſe fazem pela manhãa, ſe ſaõ efficazes, depende paſſar bem o dia: *A propoſitis matutinis, ſi efficacia ſint, pendet felix, ſanctuſque totius diei decurſus.* Os propoſitos podem ſer eſtes, & outros: como não heide cõmeter hoje peccado: como heide evitar tal occaſiaõ: como heide andar cõm reflexaõ ſobre tal paixaõ, a que ſou inclinado, & ainda naõ tenho ſogeita: como heide fazer algũa boa obra.

2. S. Baſilio dà eſte conſelho para quando hum ſe levantar: imaginar, que não chegará à noite: *Semper ante oculos tuos verſetur ultimus dies, cùm diluculo ſurrexeris, ad veſperum* D. Baſil.

te

te ambigas pervenire, ut faciliùs te possis refræ-nare ab omnibus vitijs. Cesario aconselha, que se disponha do dia, como se fosse o ultimo:
Cæsar. *Omnis dies, velut ultimus ordinandus est;* & he
Horat. o que aconselhava Horacio: *Omnem crede diem tibi diluxisse supremum.* A B. Joanna Princesa de Portugal, & filha del Rey D. Affonso V. que morreo santamente no Convento de Jesu de Aveiro, tinha posto hum Crucifixo de tal modo, que levantandose, assim como tambem deitandose, era a primeira, & ultima cousa, que começavaõ, & deixavão de ver os seus olhos: santa industria, & dignissima de ser imitada.

Para se encomendar a Deos.

3. ENtre outras devoçoens, que antes devem ser fixas, que muitas, estas tres nunca devem saltar: a Virgem Santissima mãy nossa; porque he final de predestinaçaõ o ser seu verdadeiro devoto, como testemunhaõ estes Santos Padres, que agora
Alan. de Pfalt. Virg. c. 11. ouvirás: *Habentibus devotionem ad Virginem signum est ordinationis, & prædestinationis permagnum: ad gloriam:* Os que tem devoçaõ à Senhora, tem tambem hum final grande de pre-

predeſtinaçaõ para a Gloria, diz Alano de Rupe. *Nullus eſt, qui ſalvus fiat ò Sanctiſſima niſi per te:* Nenhum ſe ſalva ſenaõ por voſſa interceſſaõ, diz S. Germaõ fallando com a Senhora. Nenhum peccador, ainda que enorme, ſe perde, tendo por advogada a Senhora: *Convenienter vocatur mater miſericordiæ, ut quivis enormis peccator non pereat, cum Sancta Sanctorum patrocinijs ſuis ſuffragia præſtat*, diz S. Bernardo. Impoſſivel he, que ſe perca, o que ſe valeo da Senhora: *Qui ad Mariam acceſſerit, impoſſibile eſt, ut pereat*, diz S. Anſelmo. Aſſim como todo aquelle, que ſe aparta de vós, & por iſſo ſe faz indigno de voſſa protecçaõ, & amparo, ó Beatiſſima Virgem, neceſſariamente ſe condena; aſſim todo aquelle, que ſe converte a vós, & ſe faz digno de que ponhais nelle os olhos de voſſa miſericordia, & piedade, impoſſivel he que ſe perca; *Sicut, ô beatiſſima Virgo, omnis à te averſus, & deſpectus, neceſſe eſt, ut intereat; ita omnis ad te converſus, & a te reſpectus, impoſſibile eſt, ut pereat*, diz S. Boaventura com S. Anſelmo. Eſta neceſſidade, & impoſſibilidade, termo com que fallaõ eſtes Santos, naõ a deves entender de ſorte, que exclua a liberdade de cada hum.

D. German. de Zon. Virg.

D. Bern. ſuper Salve.

D. Anſelm.

D. Bonav. in Phar. c. 4

4. Ao Anjo da Guarda pelo muito, que deve-

devemos à ſua continua aſſiſtencia, como conheceo, & ponderou Tobias o moço, quando quiz pagar ao Anjo S. Raphael o acompanhallo na ſua jornada a Ragès: *Si meipſum tradam tibi ſervum, non ero condignus providentiæ tuæ:* Ainda que fique voſſo eſcravo, não vos pagarei o bem que me fizeſtes neſta jornada, dizia elle fallando com o Anjo; & depois com o pay: *Quid dignum poterit eſſe beneficijs ejus? me duxit, & reduxit ſanum; meipſum à devoratione piſcis eripuit:* Com que pagaremos à eſte mancebo, que me levou, & trouxe cóm ſaude, & me livrou de hum evidente perigo? Iſto ſó foraõ beneficios em hũa ſó jornada; mas os do noſſo Anjo da Guarda ſaõ em a jornada de toda a vida; a mayor devoçaõ, que ſe lhe póde fazer, he terlhe muito reſpeito, para que ſe naõ faça couſa indecente à ſua preſença, como aconſelhava S. Bernardo: *In quovis diverſorio, in quovis angulo Angelo tuo reverentiam habe; tu ne audeas illo præſente, quod vidente me non auderes.*

Tob. 9. n. 3.

C. 12. n. 2.

D. Bernard.

5. As onze mil Virgens, porque he opiniaõ commummente recebida, que aſſiſtem na morte aos ſeus devotos, rezandolhes todos os dias trinta Ave Marias, & no dia de ſua feſta oitenta, para cahir a cada Santa, ſua Ave Ma-

Maria. A'quelle insigne Martyr da pureza S. Menas, de quem se fallou na Prevençaõ IV. num. 10. será bom fazer algũa devoçaõ para que nos livre dos perigos, que saõ muitos, & muy frequentes, & muito difficultosos de vencer, contra a pureza, & póde ser esta oraçaõ rezada todos os dias.

ANTIPHONA.

Non est inventus similis illi, qui conservaret legem Excelsi.

℣. *Justus ut palma florebit.*

℟. *Sicut cedrus Libani multiplicabitur.*

OREMUS.

Deus noster refugium, & virtus, adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis: concede propitius, ut intercedente B. Mena, si castitatis inimicus accedat, tuo auxilio recedat superatus. Per Christum. Pater N. & Ave Maria.

Algum Santo, que podes escolher dos que tem qualquer dos mezes, para que no que estàs, seja teu advogado, com esta oraçaõ.

ANTIPHONA.

Breves dies hominis sunt, & numerus mensium ejus apud te est.

℣. *Conſtituiſti terminos ejus.*

℟. *Qui præteriri non poterunt.*

OREMUS.

Deus, à quo humanæ vitæ termini cognoſcuntur, concede propitius, ut intercedente B. N. ſi hoc menſe à vita diſcedam, ad æternam mẽrear pervenire. Per Chriſtum, &c.

Pontos em que deve meditar.

O meditar em alguns pontos de eſpirito, & da ſalvaçaõ julgàraõ ſempre os meſtres delle, que era neceſſario para proceder chriſtãamente; quem medita, & cuida tantas vezes no que pertence á eſta vida, que acaba tãm depreſſa, que deſculpa póde ter para que ſe naõ occupe algum tempo, já que havia de ſer todo, em conſiderar no que pertence para a eterna? O que naõ cuida na outra vida, ainda ſe naõ póde chamar Chriſtaõ, diz S. Agoſtinho: *Qui non de futuro ſæculo cogitat, nondum Chriſtianus eſt.* D. Auguſtin.

Tinha eu buſcado huns pontos, que foſſem breves, fecundos, & uteis; breves, para q̃ a memoria os pudeſſe facilmente conſervar; fecundos, para que o entendimento pudeſſe ſobre elles facilmente diſcorrer; uteis, para que a von-

a vontade ſem neceſſidade de muito diſcurſo pudeſſe logo ábraçallos, ou fugillos; & eraõ a minha meditaçaõ mais ordinaria nos dias da ſemana; a eſtes chamava eu Cuidados da outra vida.

Agora tos offereço ainda reſumidos, & em compendio, mas com algũas remiſſoens à Preparaçaõ para a Eternidade. Cuida nelles, ao menos quando te levantares, que ſempre entre as occupaçoens do dia te ficarão na lembrança algũas reliquias, & com ſe conſiderarem muitas vezes, iraõ fazendo moçaõ na vontade, como a agua, ſó com cahir muitas vezes, coſtuma fazer móça na pedra. Naõ tenhas por enfado gaſtar tam pouco tempo no mayor negocio, que podes ter, que he o da ſalvaçaõ: *Perde aliquid, ut redimas tempus, quo vaces Deo,* diz S. Agoſtinho. Muitos ſeculares em lhe fallando em meditar logo ſe deſculpaõ com dizer, que naõ ſabem, como ſe naõ meditaſſem muito bem naquelles ſeus negocios, a q̃ ſe applicaõ, & lhes importaõ; mas para lhes tirar de todo eſta deſculpa, já eu lhes naõ tinha chamado Meditaçoens, ſenaõ Cuidados; contentome com que os leaõ com cuidado. D Auguſtin.

CUIDADOS DA outra vida

Para todos os dias da semana.

Ideò Chriſtiani facti ſumus, ut ſemper de futuro ſæculo cogitemus. Auguſtin. Serm. de Aſcenſ.

DOMINGO.

Vida paſſada.

Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ. Iſai. 38.

Annos meos, ideſt, omnia peccata, quæ ſingulis annis feci, in memoriam revocabo. Cornel.

6. COnſiderarey como tenho vivido mal, trazendo à memoria os peccados da vida paſſada; he conſideraçaõ, que aproveita muito, o dar hũa viſta pela vida paſſada, diz S. Jeronymo: *Multum prodeſt peccatoribus ſcire, quid fecerint.* Por quatro mo-

D. Hieron. in cap. 16. Ezech.

motivos; dous aponta S.Bernardo: primeiro, para ver se estão bem confessados; segundo, para ver se estaõ satisfeitos, tendo eu applicado por elles algũas obras satisfactorias: *Idest: Iterum cogitabo ne aliquid fortè oblitus sim; neque aliquid invindicatum, & indiscussum remaneat.* Podes ver a Prevençaõ III. n. 3. atè 8. D.Bern. Serm. de virg n.

Assim o fazia David cuidando no seu peccado para satisfazer por elle: *Cogitabo pro peccato meo. Quomodò possim Domino satisfacere?* explica Bellarmino. Psal. 37. n. 19.

7. Os outros dous motivos dà S. Joaõ Chrysostomo; primeiro, para me confundir, considerando quam máo tenho sido, & se se soubesse a minha vida qual tem sido, como ficaria envergonhado. Naturalmente costumamos ter pejo de ter obrado mal, diz S.Gregorio: *Ex malis erubescimus, quæ nos reminiscimur perpetrasse.* Segundo, para dar graças a Deos, por me naõ tirar a vida no estado do peccado: *Oportet recordari nos propria delicta, etiã ea, pro quibus veniam consecuti sumus, ut intuentes, quod ingentem molem debiti nobis remisit Deus, & amplius eum diligere possimus, & verecundiam, pudoremque concipere; considerantes quòd nisi miseratio illius nobis subvenisset, tantum illud peccatorum pondus sine dubio* D.Greg.hom. 8.in Ezech. Idem l.2 decõ. punct.co d.

in imis Inferni ſupplicijs preſſiſſet.

8. De naõ eſtar já no Inferno condenado reconhecia David, que era beneficio de Deos: *Niſi quia Dominus adjuvit me: paulò minus habitaſſet in Inferno anima mea.* Para ſe confundir ſe lembrava S. Agoſtinho das culpas da ſua vida paſſada: *Recordari volo tranſactas fœditates meas, & carnales corruptiones animæ meæ; non quòd eas amem, ſed ut amem te Deus meus. Amore amoris tui facio iſtud, recolens vias meas nequiſſimas in amaritudine recogitationis meæ; ut tu dulceſcas mihi, dulcedo non fallax, dulcedo felix, & ſecura.* O lembrarſe dos peccados da vida paſſada ſerve para hum ſe reprimir, que naõ murmure dos outros, vendo, que tem ſido tal, como elles, ou tal vez peyor.

Pſal. 93. n 17.

D. Auguſt. l. 2. Confeſſ. c. 1.

Toma o conſelho, que dà S. Joaõ Chryſoſtomo: *Multum peccaſti, jam deſiſte, & in contrarium revertere; Deo age gratias, quòd te non in medijs rapuit peccatis.*

D. Chryſoſt.

SE=

SEGVNDA FEIRA.

Frutos do Peccado.

Quem ergo fructum habuiſtis tunc in illis, in quibus nunc erubeſcitis? Ad Roman. 6.

In illis, ideſt, turpitudinibus peccatorum, diz a Interlinha.

Nullam utilitatem habuiſtis, ſed damnum maximum. Reſponde Lyra.

9. COnſiderarei, que fruto tirei dos peccados, que cometti, & jà paſſáraõ, & ſaõ eſtes, que apontaõ os Santos; primeiro, Triſteza: *Ex peccato triſtitia;* ſegundo, Pejo: *Erubeſcitis;* terceiro, Pezar: *Sui relinquit pœnitudinem;* quarto, Remorſo de conſciencia: *Poſt ſe amaritudinis ſpinam infigit;* quinto, hũa grande inquietaçaõ da alma: *In peccato tranſit jucunditas non reditura, manet anxietas non relictura;* ſexto, Eſtado de condenaçaõ: *Remanet quod damnat, præterijt quod delectat.*

D. Chryſoſt. D. Hier. ep. 11 Theodor. D. Bernard. D. Chryſolog. Serm. de Prod.

10. E deixando tudo iſto, ſó do goſto paſſado naõ deixa nada: *Delectatio tranſacta, ſic eſt, quaſi nunquàm fuerit,* diſſe S. Boaventura.

D. Bon. de reform. ment. c. 21.

E aſſim

E assim haõ de vir a ser os peccados, que de novo posso commetter. Se agora me peza dos peccados passados, para que quero commetter outros de novo, & ajuntar risco, & pezares? Olha o que está escondido debaixo do gosto, que te representa a tentaçaõ, & o peccado. O peixe, diz S. Agostinho, vay se de carreira à isca, porque naõ vè, que debaixo della está escondido com engano o anzol, que o ha de matar: *Escam devorat, quia hamum non videt.* O mesmo se póde dizer do peccador; podes ver na Prevençaõ IV. num. 23. atè o num. 30.

D. Augustin.

TERÇA FEIRA.

Vida presente.

Cogitavi vias meas, & converti pedes meos in testimonia tua. Psalm. 118.

Idest: consideravi actiones meas, an legi Dei conformes, quæ sola est via recta. Bellarmino.

Idest, mores, rationes, atque instituta vitæ meæ diligenter excussi. Flaminio.

11. COnsiderei nos caminhos de minha vida, se hia bem encaminhado pelo caminho, que leva a Deos, que

saõ

saõ os seus preceitos, dizia David. E eu verei se vou bem, examinando como saço as obrigaçoens de meu estado, & officio. Póde cada hum ver as suas. Pódese ver a Ponderaçaõ I. & II. que mostraõ como esta vida he jornada, & o homem peregrino; & a Prevençaõ V. do num. 59. atè 62. que ensina como se ha de examinar a consciencia.

QVARTA FEIRA.

Estado do peccado.

Capere nequeo qua ratione existens in peccato mortali possit ridere, & lætari. S. Thom.

12. O Estado do peccado he o peyor, que póde succeder ao homem, disse elegantemente Cicéro: *Præter culpam, & peccatum homini accidere nihil potest, quod sit horribile, aut pertimescendum.* Pela perda, & pelo risco. Cicer. Fam. 5.

13. Pelo peccado se perde a graça de Deos, que val mais, que todo o mundo; diz Santo Thomás: *Bonum gratiæ unius maius est, quàm bonum totius universi.* Que triste sahe da casa do jogo o que sahe com grande perda! O que D. Thom. 2. 2. q. 113.

vio queimar a ſua caſa com tudo quanto tinha! O que perdeo hum navio com todos os ſeus cabedaes!

14. Com a graça ſe perde a amizade para com Deos. Que ſentimento ſe tem, quando ſe perde hum grande amigo, a quem ſe tinha grande affeiçaõ? bem o moſtráraõ as lagrimas de David na deſpedida de Jonathas.

1. Reg. n. 20. 42.

15. Com a meſma graça ſe perde o direito, que ſe tinha para o Ceo. Que ſentimento teria hum Principe, que ſe viſſe desherdado do direito, que tinha a hum grande Reyno? bem o moſtráraõ as muitas lagrimas, que derramou Eſau, quando ſe vio privado do morgado patriarchal: *Cumque ejulatu magno fleret.*

Gen. 27. n. 39.

16. He o peccador traidor a Deos, como elle ſe queixou a S. Brigida: *Fregit, & profanavit fidem, quam mihi promiſit in Baptiſmo.* O Duque de Mantua Franciſco Gonzaga mandou prender a hum parente ſeu por traidor, & tomou eſte tanta pena, que pela manhãa eſtava todo branco: & a D. Diogo Ozorio ſendo prezo por ElRey D. Fernando o Catholico, ſuccedeo o meſmo, como conta Euſebio.

Lib. 1. Rev. c. 1.

Euſeb. occult. Philoſ. c. 53.

O riſco

17. O riſco he taõ grande, que näõ póde ſer mayor. Que riſco ſeria o daquelle, que eſtiveſſe pendurado de hum cordel taõ delgado, que eſcaſſamente o pudeſſe ſuſtentar, & eſtiveſſe ſempre com receyo, que quebraſſe; & de baixo eſtiveſſe hum profundo poço, cheyo de tudo aquillo, que pôde meter mais horror à natureza humana, aonde cahiſſe, do qual ninguem o pudeſſe tirar? Deſte modo ſe explica groſſeiramente o eſtado do peccado. O cordel he a vida, taõ delgada, que nem eſte nome lhe quizeraõ dar os gentios, & ſó diſſeraõ, q̃ era hum fio feito pela Parca Lacheſis, eſtando com a tiſoura na maõ para o cortar outra chamada Atropos; o poço he o Inferno, do qual *Nulla eſt redemptio. Quis non vehementer horreat in hoc tam periculoſo ſtatu vitã agere?* exclama o Veneravel Padre Fr. Luis de Granada. O certo he, que ſe quem eſtà em peccado, penetraſſe bem iſto, nem havia de comer com goſto, nem converſar com alegria, nem ſe havia de deitar na cama em tal eſtado, nem pegar depois de deitado no ſono. Ludov. Granat.

18. He poſſivel, que ha no mundo Chriſtaõ, que ſe atreva a deitarſe a dormir em peccado mortal? dizia Phelipe II. de Caſtella; & o refere Toſcano. Paſſando Auguſto Ceſar, Toſc. in paral. c. 24.

Macrob.l.2. Saturn.c.4. como diz Macrobio, pela praça de Roma na occaſiaõ, em què ſe eſtava fazendo leylaõ publico dos bens de hum cavalleiro Romano, que havia morto com dividas de duzentos mil ſeſtercios; & admirãdoſe como podia dormir quem devia tanto, mandou lançar no traveſſeiro, achando, q̃ devia ter virtude occulta para infundir ſono. Mas mais admiraçaõ póde cauſar ver pegar no ſono, & dormir com tanto deſcanſo o que eſtà em peccado. *Quæ illa temeraria ſecuritas ſomnum capere cum lethali peccatum! ô mortalium miſerrime, perijſti; & æternum perijſti, ſi nox hæc tibi ſit ultima.* Que temeraria ſegurança, & arriſcada deitarſe a dormir em peccado mortal! ó mais miſeravel de todos os mortaes, acabaſte, & acabaſte eternamente, ſe acabaſte neſta noite, diz Drexelio. Conſidere eſtas palavras o que ſe deita a dormir, que ſe as conſiderar bem, eu fico, que naõ poſſa pegar no ſono, ſe ſe achar com conſciencia grave.

Drexel.in Zod.

Tomarſeha reſoluçaõ de naõ commetter peccado com o remedio, que ſe acharà na Prevençaõ III. do num. 9. atè 23. & uſarſeha a induſtria do Padre Joaõ Maldonado da Companhia Prevençaõ I. do num. 4.

QUINTA

QVINTA FEIRA.

Amor de Deos.

Sero te amavi pulchritudo tam antiqua, & tam nova. Auguſt. lib. 10. Confeſſ. cap. 27.

Væ tempori illi, quando non amavi te. Soliloq. cap. 31.

19. A Quinta feira, depois que em tal dia inſtituio Chriſto o Sacramento da Euchariſtia, bem he; que ficaſſe dedicada ao amor, por iſſo ſe elege para eſte dia eſta Meditaçaõ. Naõ ſe póde achar em quem ſe poſſa empregar melhor o amor, do que em Deos; aſſim o vieraõ a conhecer a Magdalena, S. Agoſtinho, Aglae, & Bonifacio, cuja amoroſa hiſtoria ſe trata na Prevençaõ IV. do num. 14. & outros, que algum tempo empregàraõ mal o ſeu amor.

20. *Tria ſunt, quæ amorem accendere ſolent; Pulchritudo, Beneficia, & Amor. Res pulchræ amari ſe quodammodo cõgunt: qui beneficia præſtant, ad ſe amandos provocant, & qui amant, redamari merentur*, diſſe ponderoſamente o Cardeal Bellarmino. Bellarmin in Pſal. 41.

Todos

21. Todos eſtes motivos ſe achaõ para com Deos. A hũa donzella natural de Brabante, como refere Thomás Cantipatrenſe, inquietava com violencia o amor de hum mancebo ſem poder dormir, nem comer; & eſtando já para ſe render, lhe appareceo Chriſto, & lhe diſſe: *Diligas me, qui ſum formoſus, bonus, dulcis, & generoſus.*

Thom. Cantip. l. 2. Apum c. 57.

22. Os beneficios, que Deos nos fez, ſaõ tantos, & taõ grandes, que ninguem os podia fazer taes. Aqui ſe póde diſcorrer pelos geraes, & particulares de cada hum; & ſobre o grandiſſimo, que Deos nos fez no Sacramento chegandoſe a dar a ſi meſmo.

23. Do motivo de verſe amado primeiro ſe valeo S. Joaõ, como quem tam bem ſabia de finezas eſtudadas no peito de Chriſto: *Nos ergo diligamus Deum, quoniam Deus prior dilexit nos.* *Nulla maior eſt ad amorem invitatio, quàm ad amorem prævenire: nimis durus eſt animus, qui ſi dilectionem nolit impendere, nolit rependere*, diſſe S. Bernardo.

1. Joan. 4. n. 19.

D. Bern. Serm. 83. in Cant.

24. Nem falta a ſimpatia, como ponderou S. Agoſtinho: *Feciſti nos ad te, inquietum eſt cor noſtrum donec requieſcat in te.* He tam natural ao noſſo coraçaõ o buſcar, & amar

D. Auguſtin.

amar a Deos, como a seu centro, que he necessario fazerlhe violencia para que o naõ ame.

Alem de que os defeitos, que se podem achar nos amigos, naõ se podem dar, nem se achaõ em Deos. Prevençaõ 6. n. 40.

25. O mayor impedimento para o amor de Deos he o amor das creaturas: *Solet amorẽ amor expungere*, diz S. Bernardo; & assim se ha de lançar este fóra, quando for desordenado: *Jam ergo*, dizia S. Agostinho à sua alma, *occupata vixisti, & desideriorum diversitate verberata portas plagas sauciata, divisa per amores multos, ubique inquieta, nunquàm secura. Collige te ad te ipsam; quidquid tibi foris placebat, quære quem habeat Authorem, miraris fabricam, ama fabricatorem.* Idem in Psal. 145.

SESTA

SESTA FEIRA.

Morte, Iuizo.

Dispone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives. Isai. 38.

Ita te dispone quasi moriendum tibi foret; & quasi dictum tibi a Propheta esset: Dispone domui tuæ, &c. Anton. Sucquet in via vitæ ætern. part. 2. lib. 3. cap. 26.

26. Aparelhate, que has de morrer desta vez; assim aviſou o Propheta a elRey Ezechias estando enfermo.

Considerarei primeiro, que me póde faltar este aviso, porque posso morrer de repente: *Nescio enim quandiu subsistam, & si post modicum tollat me factor meus*, dizia Job. Mas o remedio para evitar este perigo vejase na Prevençaõ I. do num. 10. Job 32. n. 22.

27. Que se me póde fazer este aviso, quando me naõ possa aproveitar delle, por se me fazer tarde, quando a enfermidade tiver perturbado o entendimento. Ponderaçaõ IV. num. 18.

Con-

3. Conſiderarei, q agora meſmo ſe me faz eſte aviſo, & verei como me acho para dar conta da minha vida: *Cogitemus illud tribunal, & putemus ipſum nunc adeſſe*, diz S. Chryſoſtomo. D. Chryſoſt. hom. 10. in 2. ad Corinth. c. 5.

27. Duas couſas cauſaõ o ſuſto no aviſo para morrer; primeira, a lembrança dos peccados, que tenho commettido, & chegarſe o tempo de dar conta delles no juizo, & juizo tam rigoroſo, em que ſe ha de tomar conta até das palavras ociosas, & diante de hum juiz, qual o pondera S. Agoſtinho: *Hic judex nec miſericordia jam flectitur, nec pecunia corrumpitur, nec pœnitentia, vel ſatisfactione mitigabitur*; & com taes circunſtancias, como nota S. Anſelmo: *Oh anguſtia! hinc erunt accuſantia peccata; ſubtus patens horrendum chaos Inferni; deſuper iratus judex; intus urens conſcientia. Latêre erit impoſſibile; apparere intolerabile.* Matth. 12. n. 36. D. Aug. l. 3. de Symb. D. Anſel. l. me-dit.

28. Mas para iſto procurar, que os peccados eſtejaõ bem confeſſados, & ſatisfeitos: *Deum tanto ſecuriùs quis expectat, quanto quotidie ſuam vitam ſuſpectus examinat*, diz S. Gregorio. Eſtar ſempre com as contas feitas: *Semper ita vivamus, ut rationem nobis reddendam arbitremur*, diſſe Cicero. Para que poſſas reſponder ao aviſo da morte, o que reſpondeo o V. Fr. Joſeph de Albis, Ponderaçaõ IV. n. 26. D. Gregor. 25. Moral. c. 1. Cicer. Act. 4. in Verr.

29. A segunda, a lembrança do que deixo, & a que tenho affeiçaõ; porque, como diz S. Agostinho, *Sine dolore non pereunt, quæ cum amore possessa sunt.* A affeiçaõ a algũa cousa, he uniaõ, que me tem atado a ella: *Vinculum est terrenarum rerum affectio*, diz S. Chrysostomo; & para se cortar esta uniaõ, ha de causar dor: mas esta affeiçaõ hase de cortar em vida, considerando, que a tal cousa necessariamente se ha de deixar na morte: *Facilè contemnit omnia, qui se semper cogitat esse moriturum*, diz S. Jeronymo.

D. Augustin. in Enchirid.

D. Chrysost. homil. 66. in Euang.

D. Hier. ep. ad Paul. c. 8.

Podese ver a Prevençaõ I. & a Ponderaçaõ IV. & V. & para dar balanço à vida, a Prevençaõ ultima.

SABBADO.

Inferno, Eternidade.

Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui. Psal. 76.

Cogitabat annos æternos vitæ futuræ, qui non prætereunt. Digna planè cogitatio, quæ totas noctes occupet meditantem. Bellarmino.

30. TOdos os tormentos, que se podem excogitar, ha no Inferno; que

que por isso hum condenado fallando como experimentado, chamou ao Inferno lugar de tormentos: *Ne & ipsi veniant in hunc locum tormentorum.* Luc.16.n.28.

31. Mas o mayor tormento he serem os tormentos eternos: *Ibunt hi in supplicium æternũ.* Matth.25.n.46 *Quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?* Isai. 33. n. 14. Nem Christo encareceo o castigo, nem Isaias o fogo do Inferno; mas com dizer, que hum, & outro era eterno, o exageráraõ quanto podia ser: *Cogitemus quantum sit unali in conflagratione æterna*, diz Chrysostomo. D.Chrysost. O eterno atè do mesmo regalo póde fazer tormento. Dos exemplos na Ponderaçaõ III. n. 9. & 10. pòde constar isto mesmo.

32. Depois de David cuidar na Eternidade, voltou sobre sy, & poz-se a considerar se cahiria nas penas eternas: *Nunquid in æternum projiciet Deus?* Psal.76.n.8. & considerando, que isto era possivel, ficou com hũa suspensaõ taõ temerosa, como daõ à entender as suas palavras. Tratarei de segurar a Eternidade no Ceo, para naõ cahir na do Inferno: *Nulla satis magna securitas, ubi periclitatur æternitas*, diz S. Bernardo, tomando o conselho de Climaco: *Memoria æterni ignis tecum singulis noctibus dormiat, tecumque vigilet.* D. Bern. Clim. de Lect. c.7.

33. Ninguem iria ao Inferno, ſe cuidaſſe nelle, coſtumava dizer ElRey D. Sebaſtiaõ de lamentavel memoria, como refere Toſcano; & o tinha já dito S. Joaõ Chryſoſtomo: *Non ſinit incidere in gehennam gehennæ recordatio*; mas porque os homens cuidaõ taõ pouco nelle, por iſſo vaõ là tantos. A' meditaçaõ do Inferno chamou Tertulliano principio da ſalvaçaõ: *Gehennæ meditatio principium ſalutis.* Para as penas deſta vida, por mais grandes que ſejaõ, achou Seneca eſta, que chama conſolaçaõ, & alivio; que ou ellas haõ de acabar, ou ha de acabar, quem as padece: *Alterutrum faciet, aut extinguetur, aut extinguet*; mas nem eſte alivio ſe acha nas do Inferno. Podeſe ver a Ponderaçaõ III. toda.

Toſcan. Paral. c. 24.

D. Chryſoſt.

Tertul.

Senec. ep. 78.

Hæc meditare, in his eſto, ut profectus tuus manifeſtus ſit omnibus. 1. ad Timot. cap. 4. n. 15.

Para quando ſoar o relogio.

34. HUma grande, & juntamente breve devoçaõ deve uſar o que ſe prepara para a Eternidade, & póde ſer eſta.

Todas

Todas as vezes, que ouvir o relogio, ſe lembrará daquellas palavras de S. Paulo: *Et nos periclitamur omni hora.* Querem dizer, que em toda a hora, & inſtantes della corre riſco a noſſa vida, & o mayor he demorrer em peccado. Examinarás ſe eſtàs em boa conſciencia; & ſaudaràs a Virgem Senhora cõ eſtas palavras: 1. ad Corinth. 15. n. 30.

Maria mater gratiæ,
Mater miſericordiæ,
Tu nos ab hoſte protege,
Et hora mortis ſuſcipe.

Rezando a ſua Ave Maria, para que te alcance hũa boa morte.

Lembrartehas, que a hora, que vai correndo, pòde ſer a ultima da tua vida, & a que jà paſſou, que jà a tens de menos:

Quæ fluit hora, meæ poterit vitæ eſſe ſuprema;
Elapſamque minus jam mea vita tenet.

Aſſiſtir à Miſſa.

35. O Exercicio de ouvir Miſſa deve ſer de cada dia, quando naõ falta tempo para outros divertimentos, que leva o ocio.

o ocio. Para excitar a reverencia, respeito, & silencio, que se deve a taõ sacrosanto sacrificio, ajudará muito o lembrarse da reprehensaõ, que Phelipe II. deu a dous Fidalgos, que assistindo com elle, estiveraõ fallando na Missa: Vós naõ appareçais mais diante de minha presença. Com cuja reprehensaõ hũ morreo, & outro ficou leso no juizo.

36. Estando Alexandre o Grande fazendo sacrificio aos Deoses, subministravalhe o fogo hum mancebo, na maõ do qual cahindo hũa braza, sofreo a braza sem a tirar, & a dor com silencio, só por naõ haver perturbaçaõ no sacrificio. *Tanta in puero barbaro fuit disciplina reverentiæ, ut naturam vinceret*, diz S. Ambrosio ponderando o caso, & querendo com este exemplo gentilico ou incitar, ou confundir aos Christãos.

D. Ambros. l. 3. de virg.

37. Nos Templos, & na presença dos Deoses he que nos havemos de mostrar mais compostos, & mais modestos, ensinava o Seneca aos da sua seita: *Nunquam nos verecundiores esse debere, quàm cùm de Dijs ãgitur. Si intramus Templa compositi, si ad sacrificium accessuri vultum submittimus, in omne modestiæ genus fingimur.* Os Templos chamaõse oratorios, porque saõ instituidos para nelles se orar, & o orar he

Senec. l. 7. Nat. 11. c. 36.

he fallar com Deos, & por isso nellés se naõ deve fallar com os homens, que naõ foraõ instituidos para isso, como ponderou S. Agostinho: *Nemo in oratorio aliquid agat, nisi ad quod factum est, unde, & nomen habet.* D. Augustin. Naõ se deve ter por impedimento para os negocios o tempo, que se gasta em ouvir Missa. Nas jornadas, que fazia, naõ deixava nunca de dizer Missa hum Padre muito exemplar, a quem eu tambem devo parte do ensino, & costumava dizer: que o ouvir Missa, ou dizella nunca impedio jornada.

Ouvir Sermaõ.

38. O Ouvir os Sermoens he acto de Christaõ; & devoçaõ de que póde resultar grande fruto em quem os ouve; com os Sermoens de S. Ambrosio Arcebispo de Milaõ teve principio o converter-se S. Agostinho; mas o sentimento geral he, que está viciado hoje o intento, & fim com que se deve assistir a elles; vayse aos Sermoens pela mayor parte, ou por curiosidade, ou por passar o tempo, ou por costume, & por isso se vay verificando o de S. Bernardo: Muito Sermaõ, & nenhum fruto: *Sermo multus, & fructus nullus.* D. Bern. l. 2. de Consider. c. 7.

Hase

39. Hãse de ir com deſejo de aproveitar, & trazer algũa couſa para caſa, diz Chryſoſtomo: *Ex concione aliquid ſemper animæ tuæ reporta domum.* Notava Seneca naquelles, que hiaõ às Academias a ouvir como ſobre as virtudes Moraes diſputavaõ os Philoſophos, que tomavaõ aquillo ſó por divertimento, & naõ para ſe melhorar nos coſtumes: *Magnam hanc auditorum partem videbis, cui Philoſophi ſchola diverſorium otij ſit; non id agunt, ut aliqua illo vitia deponant, ut aliquam vitæ legem accipiant ad quam mores ſuos componant.* Aſſim notava Seneca nos Gentios, o que tambem, ſe hoje vivera, pudera notar nos Chriſtãos. Que importa ouvir muitos Sermoens, ſe ſe ouvem para divertimento dos ſentidos, & naõ para melhoramento dos coſtumes? dizia Plutarco: *Quid prodeſt ſermonibus alienis animum oblectare, ſi nihilo te fias melior?*

D. Chryſoſt. hom. 6 ad Pop

Senec. ep. 109

Plut. de offic. Audit.

40. Por iſſo deve o ouvinte tomar por ſi o que geralmente ſe diz para todos. O haver ouvintes, que o naõ faziaõ aſſim, notava já S. Bernardo no ſeu tempo: *Nonnullos ſic interdum audientes invenies, ac ſi nihil omninò ad eos pertineant, quæ dicuntur; non diſcutere mores ſuos; non cogitare ne fortè quod audiunt dictum ſit propter eos.*

D. Bern. Serm. de Septuag.

Sirva

41. Sirva ao ouvinte ſte, que parece paradoxo. No Sermaõ notar, & naõ notar; notar o que lhe póde ſervir; & naõ notar o que lhe pareceo defeito. O notar no Sermaõ, ſe he de quem profeſſa o meſmo officio, coſtumaſe attribuir, ou a enveja, ou a preſumpçaõ; ſe he de quem o naõ profeſſa, merece a meſma reprehenſaõ, que a hum çapateiro deu Apelles, porque em hum quadro que tinha pintado, & poſto em publico para que cada hum notaſſe o que lhe pareceſſe, como o coſtumava, lhe foy notar na imagem naõ eſtar bem lançado o veſtido, metendoſe a notar em couſa, que naõ pertencia ao officio, que profeſſava, donde naſceo o adagio: *Ne ſutor ultra crepidã.*

Tomar a refeiçaõ na meſa.

42. NO comer ſe ha de attentar à neceſſidade, & ao que baſta para a ſuſtentaçaõ da vida, que eſte he o fim da natureza no comer. S. Agoſtinho tomava o alimento, como medicamento; liçaõ, que elle diz lhe tinha Deos enſinado: *Hoc me docuiſti, ut quemadmodum medicamenta, ſic alimenta ſumpturus accedam.* Dizia Socrates, que ſe diſtinguia dos outros homens; em q̃ elles viviaõ D Aug. l. 10. Confeſſ. c. 31.

Socrat. para comer, & elle comia para viver: *Alij vivunt, ut edant, ego verò edo, ut vivam.* Iſeu Aſirio tratava tam pouco dos regalos nos manjares, que perguntandolhe hũa vez quaes eraõ os mais ſaboroſos, reſpondeo, que nunca cuidára niſſo: *Iſta curare deſij.*

43. O fim do comer, diz o Seneca, he acu-
Senec. ep. 8. dir à fome: *Hanc ſanam, & ſalubrem formam vitæ tene, ut corpori tantum indulgeas, quantum bonæ valetudinis ſatis eſt.* A variedade de manjares naõ foy inventada para a fome, ſenaõ para o faſtio; & mais he nociva, do que pro-
Idem ep. 92. veitoſa para a ſaude: *Faſtidientis ſtomachi eſt multa deguſtare; quæ ubi varia ſunt, & diverſa, inquinant, non alunt.* Conſultado Antiphanes ſobre a cauſa de haver tantas doenças, reſpon-
Clem. Alex. 2. Pedag. c. 1. deo, que era a variedade de manjares: *Antiphanes Delius Medicus vel unam hanc dicit eſſe morborum cauſam, ciborum varietatem*; diz Clemente Alexandrino, & o prova Hippo-
Hippocr. l. de Flatib. crates com eſta razaõ: *Cibos varios, & diſſimiles inter ſe ſimul aſſumere ad pravam victus rationem pertinet; ſeditionem enim movent, quæ ſunt inæqualia*; & por iſſo Clemente Alexandrino já allegado diz, que ſaõ mais ſaõs os
Clem. Alex. que comem mantimentos mais vis: *Qui cibis utuntur viliſſimis, ſunt robuſtiores, & ſaniores.*

E o

E o Seneca: *Multos morbos, multa fercula faciunt.* Senec. l.16. ep 99.

44. A fome não ſe lhe dà de acabar com eſte, ou aquelle manjar; faz poucos gaſtos a fome, & muitos o faſtio: *Parvo fames conſtat, magno faſtidium: ambitioſa non eſt fames: contenta deſinere eſt; quo deſinat, non nimis curat,* diz elegantemente o Stoico. Com qualquer manjar ſe conſerva a ſaude, & com o pouco muito melhor: *Natura paucis contenta eſt, & bona corporis habitudo quovis cibi genere æquè conſervatur,* diſſe Nicetas. O pouco comer atalha, & faz fugir a doença, diz S. Joaõ Chryſoſtomo: *Nihil ſic ægritudinem fugat, ut moderata refectio. Abſtinentia cibi confert febricitanti ſanitatem,* diſſe Ariſtoteles; donde para que naõ venha, & para que ſe và a doença, conduz a abſtinencia; dilata a velhice, diz o Seneca: *Frugalitas producere ſenectutem poteſt.* O viver Galeno 140. annos ſe attribue à ſua moderaçaõ no comer, porque ſempre ſe levantava da meſa com fome: *Memoriæ proditum eſt Galenum centum, & quadraginta annos vixiſſe, tantaque in cibo, & potu abſtinentia uſum, ut ad ſatietatem nunquam comederit, aut biberit,* diz Celio Rhodig. & o Eſpirito Santo: *Qui abſtinens eſt, adjiciet vitam;* Idem ep. 119. Nicet. man. l. 4. D. Chryſoſt. in ep. ad Hebr. ferm. 29. Ariſt. l. 5. Ethic. Senec. ep. 59. Cel. Rhodig. l. 3. c. 12. Eccl. 37. n. 34.

propoſiçaõ, que quaſi ſantifica a temperança no comer.

Para quando ſe converſar.

45. O Fallar como tem por inſtrumento a lingua, tem neceſſidade de muito eſtudo para ſe ſaber bem. O Monge Pambo natural de Egypto, como refere Socrates, & ſe conta na hiſtoria Tripartita, tomava liçaõ com outro Monge ſobre os Pſalmos, & chegando a ler o Pſalmo 38. que começa: *Dixi: cuſtodiam vias meas, ut non delinquam in lingua mea*, parou alli, & foiſe dizendo: *Sat eſt; reliqua audiam, cùm iſtud opere implevero*; & como não tornaſſe dahi a muito tempo, reſpondeo dando por eſcuſa, que ainda naõ tinha eſtudado aquella, que parecia pequena liçaõ.

Socr. l. 3. Eccl. hiſt. c. 23. Hiſt. Tripart. l. 8. c. 1.

46. A converſaçaõ como he couſa tam commua, & ordinaria, he a occaſiaõ, aonde mais frequente, & facilmente ſe póde delinquir; mas quem ao entrar della ſe lembraſſe, & conſervaſſe na memoria, em quanto ella dura, aquelle aviſo, ou ameaço de Chriſto, que atè das palavras, que naõ tiverem outra culpa, mais que o ſer ocioſas, ſe ha de dar

conta

conta no juizo, grande preservativo seria para a passar como Christaõ : *Omne verbum otiosum, quod locuti fuerint homines, reddent rationem de eo in die judicij.* Matth. 12. n. 36.

47. No fallar deve haver muita advertencia, porque por elle se dà cada hum a conhecer, diz Cicero : *Quoties aliquid dicimus, aut loquimur, toties de nobis judicatur.* Cic. 1. de orat. O fallar mal faz perder a estimaçaõ a todas as outras boas partes ; tudo no homem he mão, se a lingua naõ he boa, diz Valerio Bispo : *Nihil est quod in homine placeat, si lingua displiceat.* Valer. Episc. Por isso S. Ambrosio diz, que o Sabio primeiro que falle, ha de considerar o que ha de dizer ; a quem, em que lugar, & em que tempo : *Sapiens priusquam loquitur multa considerat ; quid dicat ; quo in loco, & tempore.* D. Ambros. l. 1. offic. A mesma advertencia faz o Lirico : *Quid de quoque viro, & cui dicas, sæpe videto ;* Horat. & Santo Agostinho diz, que assim como ha eleiçaõ no que se ha de comer, assim deve haver eleiçaõ no que se ha de fallar : *Sicut eligis quo vescaris, sic elige quod loquaris.* D. Aug. de nat. & gr. c.

48. Os vicios, que cada hum tem, logo sahem na pratica, & o primeiro he o da murmuraçaõ, diz o mesmo Cicero acautelandonos : *In primis provideamus ne sermo vitium aliquod* Cic. l. 1. offic.

aliquod indicèt ineſſe moribus , quòd máximè tunc ſolet evenire cùm ſtudioſè de abſentibus detrahendi cauſa contumelioſè dicitur. Para nam murmurar podem ſer familiares eſtas
D. Auguſtin. ſentenças : *Non reprehendamus ea , quæ neſcimus quo animo fiant*, diz S. Agoſtinho; &
Perſ.ſat.4. o conſelho , que dà Perſio : *Spectetur mantica tergo.* E pódeſe ver na Prevençaõ IV. num. 31.

49. O outro vicio , que ſe póde achar na converſaçaõ , he a porfia , porque he muito natural o nam querer ceder , ſendo que ſó o
D.Ambroſ. ceder he ficar com a victoria. *Vincis, dum cedis* , diz Santo Ambroſio; & S. Baſilio diſſe, que na contenda aquelle ficava vencido , que
D.Baſil.homil. de Ira. ficava vencedor : *In rixa is inferior eſt , qui victor eſt* ; & he o meſmo , que tinha dito
Ovid. Ovidio : *Cede repugnanti , cedendo victor abibis.* Naõ he glorioſa a victoria em que vencendo a homem , que porfia , fica vencido do meſmo vicio de porfiar , diz S. Bernardo:
D. Bernard. *Infelix victoria , qua ſuperans hominem ſuccumbis vitio.* Bom he ſer vencido da ver-
Juſt.Lipſ. dade,diſſe Juſto Lipſio : *Bonum eſt à veritate vinci.* Deſterreſe da converſaçaõ a porfia,
D.Ambr.l.1. offic. conclue Santo Ambroſio : *Abſit pertinax in familiari ſermone contentio.*

Tam=

50. Tambem o ſer picante deſdoura a converſaçaõ, como tambem as facecias menos graves a fazem vil; vicios de que acautela Seneca a Lucillo: *Non erit tibi ſcurrilitas, ſed grata urbanitas; ſalès tui ſine dente ſint, joci ſine vilitate.* A palavra ainda que he tam leve como o ar de que ſe forma, ſe he picante, he muito pezada, diz S. Bernardo: *Levis quidem ſermo, quia leviter volat, ſed graviter vulnerat.* Nunca tiveraõ graça as graças, que moleſtàraõ, diſſe o Seneca: *Nunquam ſunt grati, qui nocuere ſales.* Senec. D. Bernard. Senec.

51. A pratica deve ſer muito verdadeira; he recomendaçaõ muito principal do Eſpirito Santo: *Ante omnia opera verbum verax præcedat te.* Perguntado Demoſthenes, que tinha, ou podia ter o homem, que o fizeſſe ſemelhante a Deos, reſpondeo, que bem fazer, & fallar verdade: *Bene facere, & vera dicere.* Eccl. 35. n. 10.

52. Tanto amor ſe ha de ter à verdade, que o que ſe diſſer ha de ſer como ſe ſe juraſſe, diſſe S. Jeronymo: *Mentiri, atque juraire lingua tua prorſus ignoret; tantuſque ſit in te veri amor, ut quidquid dixeris, juratum putes.* Dizia Pythagoras, como eſcreve S. Jeronymo, que na honra tinha a verdade o ſegundo D. Hier. ep. ad Celant.

Idem adv. Ruf. segundo lugar depois de Deos: *Pythagoras aiebat veritatem poſt Deum colendam.* O mentiroſo já conhecido por tal ganhou com eſte vicio, ſem ſe lhe fazer injuria, o naõ ſe lhe dar credito ainda quando falla verdade,

Ariſt. diz Ariſtoteles: *Mendax hoc lucratur, ut cùm vera dixerit, ei non credatur.*

53. Deveſe guardar toda a corteſia devida com aquelles, com que he a converſaçaõ, porque he a couſa, que ſendo de pou-

Cicer. 2. offic. co cuſto, ſe ganha muito com ella: *Difficile eſt dictu quantoperè conciliet animos hominum comitas, affabilitaſque ſermonis*, diſſe Cicero. A honra mais he de quem a dà, do que de quem a recebe, diſſe Ariſto-

Ariſt. 1. Ethic. teles: *Honor maior eſt in honorante, quàm in honorato.* Devem comtudo lembrarſe do conſelho de Seneca os demaſiadamente eſcrupuloſos nos pontos de corteſia. Na corteſia, diz elle, naõ ſejas, ou pareças negligente, & eſcaço em a dar, nem demaſiado em te queixar faltandote com ella:

Senec. *In reddenda officio ſitate neque exactor, neque negligens appareas.*

54. Naõ inquirir, ou querer ſaber o que ſe diz delle, he atalhar inquietaçoens, diz

Idem l. 3. de Ira. Seneca: *Qui inquirit, quid in ſe dictum ſit,*

ſe

ſe ipſum inquietat. Naõ ſe moleſtar, quando ſabe, que ſe murmura delle; porque ſe he falſo o que ſe diz, naõ ha razaõ, ou cauſa para ſe perturbar: *Qui teſtem in Cælo habet, reprehenſiones hominum metuere non debet*, diz S. Gregorio Magno. Se os que murmuraõ ſaõ máos, & coſtumados a iſſo, fazem o que coſtumaõ, & mais acreditaõ, do que deſdouraõ, diz o Seneca: *Malè de te loquuntur homines, ſed mali: malis diſplicere laudari eſt.* Se mereço a murmuraçaõ, devo conſolarme, porque ainda ſe pudera dizer muito mais de mim: *Si is, qui me injuriâ afficit, probè me noſſet, plura dixiſſet*, diſſe Epicteto, que aſſim ſe havia de dizer, quando hum ſe viſſe murmurado com verdade.

D. Gregor.

Senec. l. 2. de Provid.

Epict. in Ench. c. 48.

55. Na converſaçaõ he que corre riſco o ſegredo; mas o que quizeres que outrem o cale, cala-o tu primeiro, diz o Seneca Tragico: *Alium ſilere quod voles, prius ſile*; & o Stoico diz, que te naõ perſuadas, que alguem haja de ter ſegredo, aonde tu o naõ pudeſte ter: *Quod tacitum eſſe velis, nemini dixeris; ſi enim tibi non imperaſti, quomodo ſilentium ab alio ſperas?* O meſmo argumento faz Chryſoſtomo: *Ut tu non potuiſti ta-*

Senec. poet. in Hipol.

Sen. de morib.

D. Chryſoſt. l. 6. adv. Jud.

tacere, ita nec ille poterit hæc apud se continere. O segredo nem da propria camisa o fiava Cecilio Metello : *Tunicam meam exurerem, si eam consilium meum scire existimarem*, diz Plinio.

Plin.c 61 de vir.illustr.

56. Haõ de ser as palavras (lembrete isto, que parece paradoxo) pezadas, & naõ pezadas; pezadas por ti antes de as dizer com a consideraçaõ; que assim o aconselha o Espirito Santo hũa, & outra vez, quando para as palavras manda usar de balança : *Verbis tuis facito stateram.* *Verba autem prudentium statera ponderabuntur.* *In verbis nostris statera præcipitur, ut omne, quod loquimur, mensura ponderetur*, commentou S. Gregorio. O pezo póde ser o escrupulo, que tambem entre os pezos mais miudos ha hum, que tem esse mesmo nome. E naõ haõ de ser pezadas, porque naõ haõ de ser molestas, a quem as ouvir depois de ditas; & desta sorte nem tu tambem terás pezar de as dizer.

Eccl. 28. n. 29. c. 21. n. 28. D. Gregor.

57. Naõ se devem permitir senaõ palavras honestas; que as impuras ensinaõ a passar a obras, como disse S. Gregorio : *Cognata prorsus sunt turpia cogitare, aut dicere, & turpia facere; propere agitur, quod libenter auditur.* O que perdeo o pejo, perdeose, costu-

Idem l. 1. Moral. c 6.

coſtumava dizer Plauto: *Ego illum perijſſe puto, cui perijt pudor.* Naõ deve ſer comprida a converſaçaõ, aconſelha S. Bernardo; porque o rio, que creſce muito, recolhe lodo facilmente: *Alliga, moneo, ſermonem tuum, ne luxuriet; ſit reſtrictior; citò lutum colligit amnis exundans. In multiloquio non deerit peccatum*: he ſentença do Eſpirito Santo, que naõ faltarà culpa, aonde ſobeja o fallar. Plauto. D. Bern. l. de ord. vit. Prov. 10. n. 19.

58. Nem ſó he neceſſaria advertencia no que ſe diz, ou ha de dizer, quando ſe converſa, mas tambem he neceſſario advertir com quẽ ſe ha de converſar, & com quem naõ. Converſa com aquelles, cujas praticas te podem fazer melhor, aconſelhava Seneca a Lucillo: *Cum his verſare, qui te meliorem facturi ſunt.* Naõ converſes com aquelle, que vires notado dos bons: *Ne converſeris illi, quem à bonis vides culpari*, diz S. Nilo; porque pòde fazer mal à tua fama, & pouco a pouco ſe te podem ir pegando os ſeus coſtumes, que com a converſaçaõ he que ſe pegaõ, diz o Stoico: *Sumuntur à converſantibus mores*, por terem muito de contagio os maos, como diſſe Lipſio: *Peſtes animorum ſodales mali.* Podes ver neſta Prevençaõ V. n. 71. & 72. Senec ep. 7. D. Nil. Sen. l. 3. de Ira. Juſt Lipſ. ep. 8.

Recolherſe à noite.

59. ANtes de hum ſe recolher à noite deve fazer exame das ſuas acçoens do dia. Queres dormir bem? cuida primeiro como vigiaſte bem, diz Drexelio no ſeu Triſmegiſto, alludindo ao exame: *Vis dormire? ante cogita quàm benè vigilaveris*: naõ cuides, que fui buſcar eſte exercicio ſanto aos clauſtros religioſos; aconſelhote, que faças, o que coſtumavaõ fazer os Gentios, que ſó cõ o lume natural da razaõ deſcobriraõ a utilidade deſta induſtria para melhor aproveitamento nas virtudes moraes. Phocilides, diz Stobeo, que foi o primeiro, q̃ inventou o examinarſe.

Drexel.

60. Iſto fazia todos os dias à noite Seneca, & diz, que tambem aſſim o coſtumava fazer Sextio, de quem elle aprendèra eſte coſtume; & aſſim o aconſelhava a todos, detendoſe muito em encarecer o como, depois de fazer iſto, ſe ſegue hum ſono muito quieto:

Senec. l. 3. c. 36. *Animus quotidie ad rationem reddendam vocandus eſt: faciebat hoc Sextius, ut conſummato die, cùm ſe ad nocturnam quietem recepiſſet, interrogaret animũ ſuum quod hodie malum tuum ſanaſti? cui vitio obſtitiſti? qua parte melior es?*

Os

Os pontos de que ſe examinava Sextio, diz Seneca, que eraõ eſtes: que falta hoje lançaſte fóra? a que vicio reſiſtiſte? em que couſa te melhoraſte?

61. Falla agora de ſi Seneca,& diz,q̃ ſe coſtumava examinar depois de apagar a luz, trazendo a juizo as ſuas palavras,& obras de todo o dia, fazendo propoſito de ſe emendar daquillo, em que achava, que delinquira: *Utor hac poteſtate, & quotidiè apud me cauſam dico: cùm ſublatum è conſpectu lumen eſt, totum diem mecum ſcrutor, facta, ac dicta mea remetior; nihil mihi ipſe abſcondo, nihil tranſeo, cùm poſſim dicere: Vide ne iſtud amplius facias. Quid pulchrius hac conſuetudine excutiendi totum diem? Qualis ille ſomnus poſt recognitionẽ ſui ſequitur? Quàm tranquillus, altus, ac liber, cùm aut laudatus eſt animus, aut admonitus, & ſpeculator ſui, cenſorque ſecretus cognoſcit de moribus ſuis?* Idem.

62. O meſmo fazia,& acõſelhava q̃ ſe fizeſſe Pythagoras, como refere Agoſtinho Datho, q̃ compendiou os ſeus dictames Ethicos, examinando, que tinha feito, que tinha dito, que tinha deixado de fazer: *Neque ſommo indulgeàs, quàm priùs tecum commemores trifariam diei geſta; quid egi? quid dixi? quid relictũ opportunius eſt?* O meſmo coſtumava Cicero, como confeſſa Auguſt. Datli.

de

de ſi diſcorrendo pelo que cuidàra, & diſſera,
Cicer. & obràra: *Tria in nocte conſideraſſe; quid eo die cogitaverit; quid dixerit; quid fecerit.*

63. Nem te eſcuſes com a falta de tempo, diz S. Joaõ Chryſoſtomo; porque ſe o naõ tiveſte de dia por cauſa de tuas occupaçoens preciſas, ou divertimentos, naõ te póde faltar à noite: *Per diem non habuiſti tempus; injunctum negotium, & confabulatio amicorum, & domeſtica neceſſitas, & cæterarum mille te rerum circundederunt cauſæ? quando in lectum tuum veneris, nemo tibi moleſtus, nemo pulſat: dicito in corde tuo, & anima tua: Expendimus diem, ô anima; quid bonifecimus? aut quid mali operati ſumus? & ſi quid boni feciſti, gratias age; ſi quid mali, de cætero ne facias.*
D.Chryſoſt. hom. 2. in Pſal. 50.

64. Começarà o exame de noſſas acçoens pelo vicio, a que ſomos mais inclinados, diz Ariſtoteles: *Videndum eſt diligenter ad quæ vitia ſimus procliviores.* Pelo que nos he mais natural, ou ao que ſomos mais acoſtumados, diz Horacio:
Ariſt. l. 2. Eth.

Hor. 1. ſerm. 3. *Concute nunqua tibi vitiorum inſeverit olim*
Natura, aut etiam conſuetudo mala.

Porque a cada hum deu a natureza, ou a com-

compleiçaõ, inclinaçaõ para algum vicio; como diz Propercio, que a ſua era ſer amoroſo:

Unicuique dedit vitium natura creato; Propert.
Mi fortuna aliquid ſemper amare dedit.

65. Achando algũ peccado, ou vicio, farſeha exame ſobre exame, verſeha, ſe he vicio do coſtume o em q̃ cahiſte, & procuraràs com todas as forças tirallo, & tirarte delle pelo perigo, que tem de o levares à ſepultura. Naõ te deixes dominar do coſtume mao, diz Damaſceno: *Nullo modo permitte, ut tibi conſuetudo improba dominetur.* D.Damaſc. O coſtume converteſe, & paſſa a ſer natureza, diz S. Baſilio: *Conſuetudo vetuſtate firmata naturæ vim ſolet nanciſci;* D.Baſil. & por iſſo vem a ter tanta força como a meſma natureza, diz S. Joaõ Chryſoſtomo: *Magna eſt conſuetudinis tyrannis, adeòque magna, ut perinde cogat, ac natura.* D.Chryſoſt. Cada vez ſe faz mais difficultoſo de vencer, porque de coſtume paſſa a ſer neceſſidade, diz S. Agoſtinho, que tambem lutou com elle: *Vincere conſuetudinem dura pugna: dum conſuetudini non reſiſtitur, facta eſt neceſſitas.* D Auguſtin. Reprehendendo Plataõ a hum mancebo, que eſtava ju-

jugando, & levando elle mal a reprehenſaõ; porque lhe parecia, que cahia ſobre couſa muito leve; reſpondeolhe Plataõ: Naõ he pequena couſa o acoſtumarſe: *Non eſt parvum quid conſuetudo*: conta Valerio Maximo.

Val. Max l. 7. c. 2.

66. O peccado de coſtume he difficultoſo de tirar, porq̃ pelo meſmo coſtume ſe lhe vai tirando o horror, atè naõ cauſar jà remorſo na conſciencia: *Omne peccatum conſuetudinis vileſcit, & fit homini quaſi nullum ſit*, diz S. Agoſtinho. As pedrinhas no latim chamaõſe *ſcrupulos*; mas aſſim como eſtas jà naõ picaõ a quem por muito tempo coſtuma andar deſcalço: aſſim os eſcrupulos, q̃ coſtumaõ ſeguirſe depois da culpa commettida, jà naõ tem força para picar com o remorſo, a quem ha muito tempo anda calejado na conſciencia com o coſtume.

D. Auguſt.

67. Eſta difficuldade no coſtume naõ he para intimidar, he para mais cautela: naõ te meta medo, ou deſconfiança o veres que o vicio eſtà muito ſenhor de ti: fezſe tam dominante pelos muitos actos repetidos, com que o cõmetteſte; ſarſeha fraco, & debil pelos meſmos fios, iſto he pela ceſſaçaõ deſſes meſmos actos: aſſim ſe animou a tirar hum coſtume, que o dominava, o Ditador Silla. Era eſte muito ſogeito à ira, & parecialhe, que era impoſſivel o emen-

emendarſe, vendoſe notadõ de ſeus amigos, que lhe eſtranhavaõ muito eſta paixaõ; reſolveoſe, propoz de paſſar hum dia ſem ſe irar, por lhe parecer hum dia pouco, & paſſandoo ſem ſe agaſtar, propoz de paſſar outro, & aſſim ſe venceo, ou venceo o coſtume de irarſe, de tal ſorte, q̃ meteo, & cauſou, como era peſſoa tam conhecida, & o ſeu mao coſtume tão notorio, admiraçaõ a toda Roma. Põderou-o Plutarco.

68. Ordinariamente ſempre hum vicio he o mais predominante, & contra eſte ha de ſer toda a força, & toda a guerra, diz Caſſiano: *Unuſquiſque vitium, quo magis infeſtatur, exſplorans, adverſus illud arripiat principale certamen, omnem curam mentis, ac ſolicitudinem erga illius impugnationem obſervationemque defigens.* Caſſian. coll. 5. c. 14.

69. Haõſelhe de tirar as cauſas, & evitar as occaſioens, diz o Abbade Panufio: *Ut unumquodque peccatum poſſit extingui, cauſa, atque occaſio, per quam, vel ob quam admiſſum eſt, debet primitus amputari.* Mandou Sara a Abraham, que lançaſſe fóra da caſa ao menino Iſmael, porque andava brincando com Iſac; mas que juntamente com elle lançaſſe fóra a Agar ſua mãy, porque ſe Agar ficaſſe em caſa, ſeria facil de tornar Iſmael: *Ejice ancillam, & filium ejus.* Se Iſmael ſignificava o vicio, para Iſmael ſe Apud Caſſian. coll. 10. c. 10. Gen. 21. n. 10.

lançar fóra por hũa vez, tambem se havia de lançar fóra Agar, porque era sua mãy, donde elle nasceo.

70. Nunca sarou de todo o que naõ curou a raiz da enfermidade, disse Drexelio: *Nunquàm ex integro sanus erit, qui morbos à superficie tantùm curarit, nec ad mali fontes descenderit.* O dente, que costuma doer, torna a doer se se naõ tira: Pouco aproveitarà ao que quizer tirar o vicio, se lhe naõ tirar a raiz, diz o mestre de espirito Kempis: *Qui tantummodo exterius declinat, nec radicem evellit, parum proficiet.*

Drexel.

Kemp. l. 1. c. 13.

71. A occasiaõ da culpa, ou causa, póde ser más companhias, que facilmente fazem mão. *Cum perverso perverteris.* Tal serás em breve, como aquelle com quem acompanhas. Se te queres livrar dos vicios, apartate dos viciosos, diz Seneca: *Si vis vitijs exui, longè à vitiorum exemplis recedendum est.* Naõ está segura a tua bondade, quando está cercada dos máos, dizia S. Bernardo a Eugenio: *Non est tuta tibi tua bonitas obsessa malis.* He facil a imitaçaõ dos máos, diz S. Jeronymo: *Proclivis est malorũ imitatio.* O trato, & familiaridade, quando he mà, inficiona os costumes, que saõ bons: *Mores bonos convictus inficit improbus*, disse Menandro.

Psal. 17. v. 27.

Senec. ep. 104.

D. Bern. ad Eugen. l. 4. de consider. c. 4.

D. Hieron.

Menand.

Naõ

Naõ ha couſa, que mais depreſſa perverta a hum homem, do que outro homem: *Nihil citiùs perverſit hominem, quàm alter homo*, diſſe Oleaſtro. Apegaõſe os coſtumes daquelles, com que ſe trata, & converſa: *Sumuntur à converſantibus mores*, diſſe o Stoico. A companhia com os màos chamou S. Joaõ Chryſoſtomo peſtifera, porque convem com a peſte, em que tambem he contagio, & ſe pega: *Nihil ita perniciosum, ac peſtiferum eſt, ut conſuetudo prævorum hominum, & converſatio.* Oleaſtr. Sen. l. 3. de Ira. D. Chryſ. Hom. 6. in Matth.

72. Perecemos com os exemplos alheyos, diſſe o Seneca: *Alienis perimus exemplis.* A oraçaõ, que coſtumava fazer aos Deoſes Apollonio Thyaneo; era, que pudeſſe conhecer os bons, & fugir dos màos: *Noſſe bonos, malos vitare*, como conta Alexandre. Com os màos tambem feràs mào, dizia Theogenes: *Cum pravis tu quoque pravus eris.* Buſca a companhia dos bons, & feràs tambem bom, aconſelhava S. Iſidoro: *Bonorum ſocietatem require; ſi fueris ſocius converſationis, eris & virtutis eorum.* Se alguem acompanhar com màos, eſcuſado he perguntar ſe he màu, coſtumava dizer Euripides: *Si quis malorum gaudeat commercio, rogare qualis ipſe ſit, nihil eſt opus.* Baſtava antigamente dizerſe, que hum tratava Senec. Alex. ab Alex. l. 4. c. 7. Theogen. D. Iſid. Eutipid.

com o mancebo Catilina, para se entender
Plutarc. què èra màо, diz Plutarco na vida de Cicero.
Apegaõse com facilidade os vicios, dizia o Seneca: *Serpunt vitia, & in proximum quemque transiliunt, & tactu nocent.*

73. A causa, & occasiaõ do peccado saõ o perigo de cahir nelle, & naõ se evitando o perigo, naõ se pòde evitar o peccado. David para fugir do peccado, fugia do caminho, que vai a
Psal. 118. num. 101. elle: *Ab omni via mala prohibui pedes meos.* Muitas vezes a occasiaõ fez vontade de peccar a
D. Isid. quem a naõ tinha; diz S. Isidoro: *Sæpè occasio peccandi voluntatem facit.*

74. Apenas no que parece seguro o estamos; que será no perigoso, & arriscado? dizia
Senec. Seneca: *Quantum possumus a lubrico recedamus; in sicco etiam parum firmiter stamus.* Ninguem por muito tempo esteve seguro estando
D. Cypr. l. 10. ep. 11. proximo ao perigo, disse S. Cypriano: *Nemo diù tutus est periculo proximus.* Mal fundada he aquella esperança, que confia naõ perigar entre as occasioens do peccado, disse o mesmo
Idem. S. Cypriano: *Lubrica est illa spes, quæ inter fomenta peccati se salvare sperat.* Nunca o perigo se vence sem perigo, disse profundamente
Senec. Seneca: *Nunquam periculum sine periculo vincitur.* O perigo he inferencia, ou disposiçaõ da culpa,

culpa, diz o Eſpirito Santo: *Qui amat periculum, in illo peribit:* O que quer o perigo, cahirà na culpa. Nota, que naõ diz, que poderà cahir, mas q̃ ha de cahir. Conhecemos o perigo de cahir, naõ nos cheguemos a eſſe perigo, diz S. Joaõ Chryſoſtomo: *Agnoſcimus præcipitia, ne appropinquemus*; naõ nos deixemos vencer neſta parte dos meſmos irracionaes: a ave foge do laço, & da rede, ſe a ſoſpeita, por naõ cahir: *Tenaces laqueos avis cauta declinat, rete avis ſuſpecta non incidet*, diz S. Iſidoro. Eccleſ. 3. n. 27. D. Chryſ. D. Iſidor. l. 4. Ep. 51.

75. Se a occaſiaõ he proxima, como he tam arriſcado o eſtar nella, aſſim hade ſer mayor a preſteza de a lançar de ſi; & ſe faz conta de a lançar, quando eſtiver aviſado para morrer em algũa doença, como o demonio engana a muitos; para fazer conceito daquella contriçaõ, pondere comigo eſta ſuppoſiçaõ, que faço. Se hum homem tiveſſe roubadas as caſas, aonde mora, a outrem, & as naõ quizeſſe reſtituir a ſeu dono em vida, podendo, & ſó tiveſſe propoſito de lhas largar, quando morreſſe, eſte tal teria tençaõ de fazer a reſtituiçaõ naõ pelo motivo da culpa, mas porque via, que morrendo, jà naõ podia morar nas taes caſas. Aſſim o

que

que faz conta de largar a occaſiaõ do pec-cado proximo à morte, he que quer con-tinuar no peccado agora, & deixallo en-taõ, naõ pelo que tem de offenſa de Deos, mas porque vè, que jà naõ pòde continuar com elle. Ponderem os aſſim enganados de que contriçaõ fiaõ a ſalvaçaõ das ſuas almas.

76. Feito aſſim o exame, farà ſempre hum acto de contriçaõ, que ſendo bem feito, ſerà das melhores devoçoens, que pòde fazer; & deitarſeha com alguma conſideraçaõ ſanta, como aconſelha S. Bernardo: *Iturus ad ſomnum ſemper aliquid tecum defer in memoria, vel cogitatione, in quo placidè obdormias.* E pòde ſer, entre outras, a que aponta Antonio Sucquet, Author do caminho da vida eterna. Todos os dias, quando te deitas, conſidera, ſe eſtàs aparelhado para morrer, porque o ſono he figura da morte, & o leito ſemelhança da ſepultura. Deitate como ſe eſſa noite ouveſſes de ſer levado ao Juizo: *Quotidiè dum incumbis, cogita an paratus ſis mori: lectus enim nos meritò commonet ſepulchri, uti mortis imago ſomnus eſſe dicitur. Itaque incumbe, tanquam ſi ad judicium ea nocte rapiendus fores.* Eſta meſma conſideraçaõ por tam natural, & tam

D. Bern. de vit. ſolit.

Anton. Sucq. p. 2. l. 2. c. 41.

Idem.

ra-

racionavel, queria o Poeta Triſte, que fizeſſemos, reputando por pouco aviſado o que aſſim o naõ fazia:

Stulte, quid eſt ſomnus gelidæ niſi mortis imago?
Longa quieſcendi tempora fata dabunt. Ovid.

Entendendo, que algũa hora ha de vir o ſono comprido da morte.

PREVENÇAM VI.

Para alguns caſos da vida.

Serve para direcçaõ das acçoens, & caſos da vida.

Solet plus prodeſſe, ſi pauca ſapientiæ præcepta teneas; ſed illa in promptu, ut in uſu tibi ſint. Senec. l. 1. de Benef.

1. A Conſelhava Senẽca ao ſeu diſcipulo Lucillo, quando por cartas o inſtruía nas virtudes moraes, que importava muito fazer familiares a ſi, & trazer ſempre, como dizem, à maõ algũas ſentenças ſelectas, para que lhe pudeſſem ſervir nas occaſioens, & caſos, que ſe lhe offereceſſem, as quaes deveriaõ ſer para iſſo meſmo accommodadas, & eſcolhidas: *Solet plus prodeſſe, ſi pauca ſapientiæ præcepta teneas; ſed illa* Senec. l. 1. de Benef.

illa in promptu, ut in uſu tibi ſint. Algumas apontará aqui para o meſmo intento, & com o meſmo motivo eſta Prevençaõ.

2. As acçoens, & caſos da vida, que por mais geraes me occorreraõ logo, ſaõ: Naõ ſe deve eſtar ocioſo. Naõ ſe evita bem o ocio com o jogo. Evitaſe proveitoſamente o ocio com a liçaõ. Para quando ſe eſtà ſó. Para obrar em geral. Para obrar em caſo particular, & tomar com acerto algũa reſoluçaõ. Para quando ſe eſtiver enfermo. Para levar bem qualquer infortunio. Motivos para a eſmola. Como ſe deve uſar da amizade.

Naõ ſe deve eſtar ocioſo.

Kemp.l.1.c.19 3. HE conſelho de Kempis: *Nunquam ſis ex toto otioſus*: Para paſſar bem o dia, he grande remedio naõ eſtar nunca ocioſo. Na ocioſidade ſe aprende Eccl.33.n.29. muito mal, diz o Eſpirito Santo: *Multam malitiam docuit otioſitas.* Os homens nam fazendo nada, entam he, que aprenCat. dem a fazer mal: *Homines nihil agendo, malè agere diſcere*, era ſentença de Catam. O campo, que nam he cultivado, brota

brota em espinhas; diz S. Hieronymo: *Semper aliquid agendum est; ager pectoris nostri, cessante manu, malarum cogitationum sentibus occupatur.* Perdese o tempo, que he perda, que se naõ póde remediar. *Poterat has horas non perdere*, disse Plinio o mayor, vendo andar o seu neto passeando em huma praça de Roma. Tinhaõ para si os Gentios, que aos que estavaõ ociosos, nenhum dos seus Deoses lhes assistia, porque qualquer desses Deoses era advogado de alguma occupaçaõ; como Marte da guerra, Minerva do estudo, Mercurio da mercadoria, &c. & nenhum delles presidia ao ocio. *Otiantibus nullus adest Deorum*, disse Euripides.

D. Hier. in cap. 16. Ezech.

Plin.

Eurip.

Naõ se evita bem o ocio com o jogo.

4. NAõ se deve buscar por remedio do ocio o jogo, porque he fugir de hum mal para outro peyor. O jogo tem já degenerado em vicio; he hum naufragio em terra, & hum ser roubado voluntariamente; em breve tempo póde fazer de hum rico pobre: os jugadores, diz S. Cypriano, gastaõ cõ descanso, o q seus antepassados ajuntâraõ com suor: *Bona paterna, & opes avorum sudore quæsitas*

D. Cypria. de Alcat.

sitas ignominioso studio dilapidant. Vulgarmente se diz pela experiencia, que o jogo nunca levántou casa, menos mal fora se as naõ fizera cahir; naõ ha monstro mais voràz que o jogo, todos o estaõ a manter, & elle sem se fartar; he taõ voràz, que às vezes de huma só come o com que hum homem se pudera sustentar muitos annos. O jogo he huma cousa, que ainda, quando nelle se ganha, se perde. Perdese o tempo, perdese a virtude, & as mais das vezes o dinheiro, & algũas a alma, costumava dizer o Duque de Gãdia: *Jactatur illud Ducis Gandiæ Francisci Borgiæ pronuntiatũ: jactu aleæ quatuor res deperdi; tempus, pecuniam, virtutem, & animam.* S. Antonino diz, que o jogo tem tantos vicios, quantos pontos tem os dados, & ainda lhe da poucos.

D. Antno. in Sum. Theol. tit 2. cap. 23. §. 6.

5. Quem naõ quizer jugar, naõ ha de assistir ao jogo, porque do ver póde nascer o appetite de jugar; he conselho de S. Cypriano: *Aleam noli respicere.* Nem começar, que naõ se poderá desacostumar. Jugador ouve, que chegou a jugar, & perder atè os dentes, diz S. Bernardino: *Didici à fidedigno relatore quendam, dum cætera amisisset in ludo, lusisse, & perdidisse dentes, atque sibi extrahi cum patientia sustinuisse.* Este jugou os dentes, & muitos

D. Cypr.

D. Bernardin. Serm. 42.

juga-

jugàraõ o q̃ tinhaõ para comer; mas nẽ cõ lhe faltar q̃ jugar, ſe póde levantar do jogo, porq̃ para o jugador o ſeu parar he jugar por diante.

Evitaſe proveitoſamente o ocio com a liçaõ.

6. MElhor divertimento do ocio he o ler, porque honeſto, proveitoſo, & recreativo. E eſta liçaõ a melhor he da hiſtoria. *Præclarum eſt mentem hiſtoriarum cognitione inſtructam, ac refertam habere; hiſtoria enim conglobata quædam, & coacervata ſapientia eſt, hominumque multorum mens in unum collecta*, diſſe o Nazianzeno. Na hiſtoria ſe vè o que fizeraõ muitos homẽs. O naõ ſaber o que ſe tem feito antes de hum naſcer, he ſer ſempre menino, dizia Cicero: *Neſcire quid antequam natus ſis acciderit, id eſt, ſemper eſſe puerum*: na hiſtoria ſe aprende o que ſe ha de fazer, & deixar de obrar; eſte era o motivo, porque o Emperador Baſilio dava por inſtrucçaõ ao ſeu filho Leaõ a liçaõ das hiſtorias: *Per hiſtorias veteres ire ne recuſa; ibi enim reperies ſine labore quod alij cum labore collegerunt; atque illinc hauries & bonorum virtutes, & improborum vitia, quorum illa fugias, hæc*

D. Greg. Naz. ep. ad Nicob.

Cicer. l. 1. de Orat.

hæc amplectaris. Do que ſe tem feito ſe aprende o que ſe ha de fazer. Com eſte intento, diz Lyra, que Aſſuero naõ podendo dormir mandàra, que ſe lhe leſſem as hiſtorias dos tempos paſſados: *Juſſitque ſibi afferri hiſtorias, & Annales priorum temporum. Ideo fecit coram ſe legi facta præterita Regni ſui, quia memoria præteritorũ dirigit in agendis reſpectu futurorũ.*

Eſth. 6. n. 1.

Lyr.

7. He a liçaõ da hiſtoria recreativa, porque conſta de muita variedade. *Lectio varia delectat*, diz o Seneca. Ler hiſtorias he peregrinar dentro da caſa; para ſaber peregrinàraõ muitos, & ſem os trabalhos da peregrinaçaõ ſe alcança o ſaber na liçaõ das hiſtorias. *Nihil eſt jucundius quàm in hiſtoria verſari, quã ſine labore ullo poſſim divagari, omnes ſimul locos intueri, omnibus bellis ſine periculo intereſſe, infinitum temporis ſpatium contrahere, infinitas res geſtas ſimul cognoſcere*, diſſe o mais, que ſe póde dizer da hiſtoria, Maximo Tyrio. Deveſe ler devagar, como era proverbio vulgar dos Romanos. *Multum legendum eſſe, non multa*, como diz Plinio. O meſmo aviſo fez Quintiliano: *Lectio non cruda, ſed multa iteratione mollita, & velut confecta memoriæ, imitationique tradatur.* Sendo aſſim a liçaõ, facilmente occorrerà o q̃ ſe leo, quãdo ſe cõverſar.

Senec. ep 45.

Max. Tyr. Diſſert. 12.

Plin. l. 7. ep. 9. ad Tuſcul.

Quintil. l. 10. cap. 1.

Para

Para quando ſe eſtà ſó.

8. ASſim como a preſença dos homens tem força para fazer eſtar com recato, & naõ commetter baixeza, ou culpa, como ponderou Seneca: *Magna pars peccatorum tollitur, ſi peccaturis teſtis aſſiſtat*; aſſim a ſolidaõ perſuade todos os males, diz o meſmo Seneca: *Omnia nobis mala ſolitudo perſuadet*; & por iſſo ſe deve qualquer armar contra ella, vivendo ſempre como ſe eſtiveſſe à viſta: *Sic certè vivendum eſt, tanquam in conſpectu vivamus.* Seneca ep. 83. Idem ep. 83.

9. O mal, ainda que naõ haja teſtemunha, naõ ſe ha de fazer ſó pela ſua malicia; neſta reſoluçaõ eſtava Seneca: *Etiamſi ſcirem homines ignoraturos, & Deum ignoſciturum, tamen peccare nollem ob peccati turpitudinem.* Idem. Aprende a ter mais reſpeito de ti, que dos outros, coſtumava dizer Democrito: *Malum, etiamſi ſolus fueris, neque dixeris, neque feceris: diſce autem teipſum multo magis, quàm alios revereri.* Stob. Serm. 31. Conta Stobeo. E era o que deſejava Seneca no ſeu Diſcipulo Lucilio; que chegaſſe a tanta perfeiçaõ, que tiveſſe

Senec. ep. 11. veſſe reſpeito a ſi meſmo: *Ut ſit tibi etiam tui reverentia.* Miſeravel he aquelle, que naõ faz caſo do teſtemunho de ſi meſmo, nem a ſi ſe tem reſpeito, diz Seneca: *Si turpia facies, quid refert neminem ſcire, cùm tu ſcis? o te miſerum, ſi contemnis hunc teſtem!* Epicteto, cujo candieiro de barro ſe vendeo por ſua morte por mil dragmas, ſó pelos eſcritos, que a elle foraõ compoſtos; entre ſuas ſentenças deixou eſta: *Cùm fores clauſeritis, cavete, ne unquàm dicatis, vos eſſe ſolos; neque enim eſtis, ſed Deus intus eſt, veſter Genius intus eſt.* Enſinou eſte grande Philoſopho aos Chriſtaõs a valerſe na ſolidaõ da preſença de Deos, & do Anjo da Guarda.

Idem ep. 91.

Epictet. l. 1. Diſput. 14.

Para obrar em geral.

10. O Que ſe prepara para a Eternidade ha de fazer as ſuas obras, como o Pintor Zeuxis fazia as ſuas pinturas; pintava eſte com tanta conſideraçaõ; & vagar, porque pintava, como elle dizia dando razaõ diſſo meſmo, para a Eternidade: *Pingo Æternitati.* As noſſas obras podem ſer dignas da Eternidade, ainda que ſejaõ feitas

feitas em breve tempo, se forem boas, & com merecimento, diz S. Paulo: *Quod in præsenti est momentaneum ... æternum gloriæ pondus operatur in nobis.* Servirá de sentença familiar para excitar a obrar bem o *Pingo Æternitati* de Zeuxis. Isto em geral. 2. ad Cor. 4. 17.

Para obrar em caso particular, & tomar com acerto alguma resoluçaõ.

11. PAra isto deve primeiro preceder conselho, & conselho vagaroso. Antes de fazer alguma coula, consulta-o, diz Sallustio: *Priusquàm aliquid facias, consulito: at ubi consulueris, maturè facto opus est.* Naõ faças cousa nenhuma precipitadamente. *Præceps agas nihil*, aconselha Nazianzeno; porque melhor he tardança na consulta, que temeridade na presteza: *Melior est consulta tarditas celeritate temerariâ.* Grande sabedoria he naõ ser precipitado no obrar, diz Kempis: *Magna sapientia non esse præcipitem in agendis.* O que huma só vez se ha de fazer, ha se de deliberar por muito tempo. *Deliberandum est diù, quod statuendum est semel*, disse Pu- Sallust. D. Nazianz. Idem. Kemp. l. 1. c. 4 Publ. Sir.

Publio Siro. O meſmo conſelho he de S. Iſi-
D. Iſidor. doro: *Cùm diu cogitaveris, tunc fac quod probaveris.* E he o meſmo, que aconſelhava Se-
Senec. neca: *Diu delibera: citò facito.* Em todas as obras & acçoens, antes que ſe façaõ, ſe haõ de advertir os inconvenientes, que tem, & os que ſe podem ſeguir, & entaõ ſe podem fazer,
D. Chryſoſt. diz S. Joaõ Chryſoſtomo: *In ſingulis rebus quid eas antecedat, quid ſequatur, animadverte, & ſic eas aggredere.* Eſte era tambem o
Thucid. l. 6. parecer de Thucidides: *Vir ea ratione fiat optimus, ſi in deliberando quidem cunctetur, & pertimeat, quidquid poteſt contingere.* O conſelho tomado de antes ſerve de eſcuſar o arrependimento ao depois. Faze aquillo, de que ao depois te naõ arrependas, dizia Periandro: *Ea facito, quorum te non pœniteat;* & para iſto val muito o conſelho antecedente, diz o Eſpi-
Eccleſ. 32. n. 24 rito Santo: *Fili ſine conſilio nihil facias, & poſt factum non pœnitebis.* O naõ querer conſultar, ou perguntar moſtra ou ſoberba, ou ignoran-
D Bernard. l. 2. de Conſid. cia, diz S. Bernardo: *Arrogantiæ, & inſipientiæ vitium eſt errare malle, quàm conſultare, aut interrogare.* Atè no conſelho deve haver cõſideraçaõ, & vagar, porque aſſim ſe póde errar nelle, como na obra, porque aonde o conſelho he errado, mal póde a obra ſahir com acerto.

Naõ

Naõ ha couſa taõ contraria aos conſelhos, como a preſſa, diſſe Lucio Floro: *Nihil tam inimicum conſilijs, quàm celeritas.* O examinar o conſelho, ſe he bom, he do Sabio: *Sapientis eſt examinare conſilia*, diſſe Seneca. Luc. Flor. Senec. ep. 34.

12. Aconſelhar com os que ſabem daquillo, que ſe conſulta, he dictame racional, & cada hũ no ſeu officio deve ſupporſe, q̃ ſabe mais: *Suo quemque officio conſulere oportet*, he aviſo de Cicero; ainda que ſe naõ deve deſprezar o cõſelho dos menores, porq̃ eſte naõ toma a bõdade da peſſoa, ſenaõ da qualidade de ſi meſmo. Atè dos meſmos paſſageiros ſe naõ dedignaõ de aceitar conſelho nas grandes tempeſtades os grandes pilotos, diz Cicero: *Summi gubernatores in magnis nonnunquàm tempeſtatibus à vectoribus admoneri ſolent.* O mudar de conſelho, he de Sabio, aſſim como o naõ querer deſcer delle, he ignorancia: *Non eſt levitas à cognito, & damnato errore diſcedere. Non eſt turpe cum re mutare conſilium. Hæc ſuperbæ ſtultitiæ perſeverantia eſt; quod ſemel dixi, qualecunque eſt, fixum, ratumque ſit*, he advertencia do Seneca. Cicer. Idem Phil. 3. Senec. l. 4. de Benef. c. 38.

13. Verdade he, que naõ ha couſa mais perigoſa, do que depender de conſelho, pelo riſco que tem de achar quem o dê acertado, diſſe

Guic.l.1.Hi. Guicciardo: *Nihil periculoſius, quàm ex alterius pendere conſilio; quis alium conſulens certò ſcit ſe fidele conſilium auditurum?* Aquelle a quem ſe ha de pedir conſelho, deve ſer deſintereſſado, & tal ſerà, ſe amar mais a peſſoa, que o officio, & a ti mais, que as tuas couſas, diz S. Gregorio Magno: *Nullus fidelior tibi ad conſilium poteſt eſſe, quàm qui non tua, ſed te diligit.* S. Ambroſio diz, que ha de ſaber mais do que aquelle, que o conſulta: *Neceſſe eſt ut præſtantior ſit, à quo conſilium petitur, quam ille ſit, qui petit: quî enim conſulas hominem, quem non arbitreris poſſe melius aliquid reperire, quàm ipſe intelligis?* A, quelle, que naõ ſe ſabe governar, naõ ſe deve pedir conſelho acerca do governo, continua S. Ambroſio: *Supra me debet eſſe cui me committere paro, an enim idoneum putabo, qui mihi det cõſilium, qui non dedit ſibi?*

D.Greg.l.Reg.

D. Ambroſ. l. 2 Offic.

14. Nem ſe obrarà com ira, porque com eſta nada ſe póde fazer bem, porque ofuſca o entendimento, & impede a conſideraçaõ, como eſpecie de doudice, da qual ſe naõ diſtingue, ſenaõ porque dura menos tempo: *Ira furor brevis eſt*, diſſe Aracio. *Nihil intereſt inter iratum & inſanũ, niſi unus dies*: ponderou S. Martinho Dumienſe. *Semper ira procul abſit, cum quâ nihil rectè, nihil cõſideratè fieri poteſt:* conclue Cicero.

Horat.

D. Mart. Dumienſ.

Cicer.1.Offic.

15. Na-

15. Nada queria fazer eſtando irado Architas Tarentino; por iſſo diſſe a hũ ſeu criado, a quem queria caſtigar, porque lho merecia: Aviate de caſtigar, ſe naõ eſtivera agaſtado: *Jam te verberibus enecaſſem, niſi iratus eſſem.* Louva muito eſte dito, & com razaõ, S. Hieronymo, & S. Ambroſio. Naõ caſtigou Phelippe ſegundo Rey de Eſpanha ao Secretario, ou Moço da Camara, que na carta, que por ſua maõ tinha eſcrito ao Pontifice, lhe lançou tinta em lugar de area; para moſtrar, que naõ caſtigava irado, pedio outro papel, & fez outra carta, taõ ſenhor da paixaõ da ira, como da ſua meſma Monarchia, deixandonos com eſta occaſiaõ aquella memoravel ſentença: *Qui neſcit tolerare, neſcit regnare.* Pouco importa ſer ſenhor de meyo mundo, ſenaõ he ſenhor de ſi, & de ſuas paixoens.

D. Hier. Ep. ad Salv. D. Ambroſ l. 1. Offic.

16. Para eſta da ira he grande remedio a detença, diz Seneca: *Maximum remedium iræ eſt mora.* Eſte meſmo conſelho deu Athenodoro a Auguſto Ceſar deſpedindoſe de ſua Corte; que todas as vezes, que ſe agaſtaſſe, nem diſſeſſe alguma couſa, nem fizeſſe alguma acçaõ, atè que naõ acabaſſe de repetir as vinte, & quatro letras do Alphabeto: *Quoties iraſceris, nihil dicito, vel agito, donec viginti quatuor*

Senec. l. 2. de Ira cap. 26.

Plutarc. in vit. Auguſt.

tuor Alphabeti litteras recitaveris. E contentou tanto ao Emperador eſte conſelho, que o naõ quiz deixar ir do ſeu Palacio. Conta Plutarco na vida de Auguſto.

17. Naõ ſe deve obrar por reſpeitos alguns humanos, porque os affectos obrigaõ a fazer deſacertos, & as obras culpaveis: *Multa nos facere cogit affectus*, diz S Hieronymo. Nos ſeguintes verſos comprehendeo hum Author, de que faz mençaõ Gaſpar Klokio, os reſpeitos, ou affectos humanos, que pervertem, & ſaõ nocivos ao bem obrar.

D. Hieron. ad Tabiol.

Quatuor iſta: Metus, Munus, Dilectio, Rancor
Sæpe ſolent hominum rectos pervertere ſenſus.

Para iſto podes ver na Prevençaõ 4. n. 67.

18. Farſeha a tal obra; como ſe ſe eſtiveſſe à hora da morte; he conſelho de S. Bernardo, que eu quizera deixar aqui eſcrito com letras de ouro, & deſejo, que ande eſcrito no coraçaõ de todos os mortaes: *In omni opere ſuo dic ad ſemetipſum: ſi modo moriturus eſſes, faceres iſtud?* O meſmo conſelho dava Seneca, para que te admires mais o achallo em hum gentio: *Quidquid facias, reſpice mortem.* Para te ficarem melhor na lembrança eſtes documentos, os com-

D. Bernard. de Spec. Monarch.

Senec. ep. 115.

pre-

preliende eſte Diſthico, que facilmente podes encomendar à memoria.

Omnia conſilio; nihil ira; ut mortis in hora;
Et ſine reſpectu ſint tua facta virûm.

Para quando ſe eſtiver enfermo.

19. A Doença, com ſe chamar Mal, traz cõſigo grandes bens. Fazer com que ſe eſtime mais a ſaude: *Quantum bonum habeat ſanitas, oſtendit infirmitas*, diſſe Beda. Faz conhecer o fragil, que ſomos. Hũa ſetta, que ſerio a Alexandre Magno, o deſenganou, que nem era filho de Jupiter, nem tinha nada de divino; penſamento com que andava deſvanecido. El-Rey Antigono depois de convaleſcer de huma doença, coſtumava dizer, que com ella ficàra advertido, que era mortal: *Hic morbus ſubmonuit nos, ne animo afferamur, cùm ſimus mortales.* Faz lembrar de Deos; que o marinheiro ſó ſe lembra delle, quando ſe vè na tempeſtade. Faz ficar compaſſivo dos outros, que adoecem: *Non ignara mali miſeris ſuccurrere diſco*: dizia a huns deſterrados, quem tambem ſe via em terra alheya. Póde ſer ſatisfa- Bed.

çaõ,

çaõ do que ſe tem delinquido, & com a doença do corpo ficar a alma ſaã, cuja ſaude importa mais. *In languoribus tuis Deo gratias age, valere te magis anima optà, quàm corpore; ægritudo carnem vulnerat, mentem curat*, diz S. Iſidoro.

D. Iſid. l. 3. de Sum. Bon.

20. Adoece o corpo para que ſare a alma, diſſe S. Baſilio: *Caro percutitur, ut anima ſanetur.* Serve a doença para nos emendar, conſiderando, que a enfermidade he caſtigo: *Plerumque idcircò in adverſam valetudinem incidimus, ut hoc pacto admoniti vitia noſtra emendemus. loco pœnæ cujuſdam*, diz o meſmo S. Baſilio. Muitos ſe emendaõ da culpa, quando experimentaõ o caſtigo: *Multi cum ſentiunt pœnam, corrigunt culpam*, diſſe Drexelio. A alma enferma fica mais perto de Deos, diſſe Nazianzeno: *Anima morbo affecta Deo propinqua.* Saõ tantos os proveitos, que podem naſcer das enfermidades, que por iſſo diſſe Salviano, que era hum genero de ſaude o naõ eſtar ſaõ algumas vezes: *Mihi genus quoddam ſanitatis eſſe videtur hominem interdum non eſſe ſanum.*

D. Baſil.

Idem.

Drexel.

D. Naz. Orat. ad Civ.

Salvian.

21. Deos, diz S. Agoſtinho, tambem he Medico, que com a doença cura a alma, aſſim como os outros Medicos com medicamentos curaõ, ou pertendem curar os corpos: *Intelligat*

ligat homo Medicum eſſe Deum, & tribulationem medicamentum eſſe ad ſalutem. Os medicamentos, que applicaõ os Medicos, ainda que ſaõ ſinonymos com os tormentos; todos ſe levaõ com vontade; a doença, que he o medicamento, que Deos applica, com muita mayor razaõ ſe deve levar com goſto. O animo na doença, como em outra qualquer moleſtia, ajuda muito ao alivio: *Si ad ægrotationem corporis accedat ægrotatio animi, duplicatur infirmitas*, diz S. Hieronymo. Porſe da parte do mal, he ajudallo, & fazello mayor. Tambem póde ſervir para o alivio nas grandes dores, q̃ naõ podem ſer grandes, & durar muito: *Nemo poteſt valdè dolere, & diù; hoc ſolatium vaſti doloris eſt*, diſſe o Stoico.

D. Auguſt. in Pſal. 21.

D. Hieron. in Iſai.

Senec. ep. 107.

PARA LEVAR BEM QUALQUER infortunio.

22. PErguntado Diogenes, que aprẽdèra na Philoſophia, reſpondeo: Prever os infortunios, que me pndeſſem ſucceder, & vindo elles, levallos com paciencia: *Prævidere adverſa, & cùm advenerint, illa patienter ferre*, diſſe o Seneca. Diſſe bem; prevellos, porque menos paciencia ſe requere para os previſtos.

Senec. l. 6 quæſtion. nat. q 3.

23. Saõ

23. Saõ taõ ordinarios no mundo os infortunios, adverſidades, & moleſtias, que he neceſſario ao homem viver ſempre armado, para naõ ſer vencida a ſua conſtancia, & naõ ceder, & inquietarſe com aquillo, que lhe ſucceder menos proſpero; porque o homem, que ha de merecer eſte nome, aſſim como ha de ſer acautelado nas proſperidades, naõ ſe fiando dellas, aſſim ha de ſer firme, & conſtante nas adverſidades para naõ deſanimar com ellas: *In adverſis firmus, in proſperis cautus*, diſſe Seneca; & o meſmo diz S. Hieronymo, que ha de ſer o homem juſto: *Juſti, & fortis viri eſt, nec adverſis frangi, nec proſperis ſublevari.* Levar com animo igual, & conſtante os ſucceſſos adverſos, he louvor, ſobre grande, admiravel, diz o Principe da eloquencia Romana: *Magna laus, & admirabilis videri ſolet tuliſſe ſapienter caſus adverſos, non fractum eſſe fortuna.*

Idem.

D. Hieron.

Cicer. l. 2. de Orat.

24. Muitos ſaõ os modos de tirar, ou quãdo menos diminuir o ſentimento, & moleſtia nos infortunios, & adverſidades, diz Cicero; & o melhor he, que faça a razaõ o que ha de vir a fazer o tempo: o tempo tudo cura: *Nullus eſt dolor, quem non longinquitas temporis minuat, atque molliat*, diſſe Cicero; mas ha miſter

Idem de obitu Tub.

miſter tempo para curar; a razaõ póde ſarar de repente. *Conſolationum multæ ſunt viæ; ſed illa rectiſſima; impetret ratio, quod dies impetratura eſt.* Succedeote hum caſo, qualquer que elle foſſe, que te trouxe cauſa de tomares pena, & eſta pena ha de acabar com o tẽpo, ainda que te naõ pareça, mas depois de te martyrizar com triſteza, & ſentimento; melhor he logo, que acabe com a razaõ de repente ſorrandote tanta moleſtia; iſſo he o que quiz dizer Cicero. Idem ad Attic.

25. Nas deſgraças diſſe Iſocrates, que haviamos de recorrer à razaõ, como a Medico dellas: *Rationis opem, ceu boni Medici, in calamitate invocare oportet.* O Medico, que cura a triſteza, he a razaõ, diſſe tambem S. Baſilio: *Triſtitiæ Medicus eſt ratio.* Iſocrat. D. Baſil.

26. Mas como ha de curar a razaõ? Conſiderando, que o infortunio, & adverſidade, que ſuccedeo, naõ he taõ grande como a repreſenta a noſſa imaginaçaõ: *Tollitur mœror recto judicio, nempe reputatione non eſſe tantum malum, nec tanti eſſe; ut ſic nos affligamus,* dizia Vives. O ſentimento ſempre avalia pelo mais alto preço a ſua cauſa. Viv. l. 3. de An.

27. Muitas vezes ſe deſcobrem nas deſgraças mais razoens de ſentimento indo-as deſ-

cobrir na opiniaõ, podendo ficar a dor mais leve, se a opiniaõ a naõ consideraſſe taõ grave,

Senec. ep. 88. diz o Stoico: *Omnia ex opinione ſuſpenſa ſunt; levis eſt dolor, ſi nihil opinio adjecerit; levem illum, dum putas; facies*, dizia Seneca.

28. Considerar, que o ſentimento naõ tem effeito de remediar, & para que ſe ha de applicar aos males, o que naõ póde ſervir de remedio, & ſó ſerve de aggravar mais o mal. Eſta conſideracaõ tem o Cicero por mais effectiva:

Cicer. ep. 5. *Nihil eſt quod plus valeat ad deponendum dolorem, quam cùm eſt intellectum nihil profici, & fruſtra eſſe ſuſceptum.* Tambem a receitou S.

D. Chryſ. Ho. mil. 5. ad Pop. Joaõ Chryſoſtomo: *Triſtitia nec damno pecuniario, nec honoris diſpendio; nec morbo, aut horum malorum ulli medetur.*

Euſeb. Philoſ. Considerar, que ainda o infortunio podia ſer mayor: *Cùm moleſtum aliquid ingruit, quære numquid aliud præſenti moleſtia gravius uſquam appareat; quod ſi apparuerit, gaudeto præſente tanquam immori malo*, diz Euſebio Philoſopho. Os mayores males conſiderados ſaõ remedio para que naõ cuſtem tanto os menores.

29. Tambem os males alhéyos conſiderados podem ſervir de alivio aos proprios; que he eſpécie de conſolaçaõ ter companheiros nos

Apollon. males, dizia Apollonio: *Quæ moleſta ſunt, alienis*

alienis malis consolari oportet; & era tambem conselho do Poeta, que mais soube de tristezas: *Similes aliorum respice casus, mitius ista feres.* Ovid.

30. A consideraçaõ, de que qualquer adversidade vem da maõ de Deos, serve muito de alivio à dor, & sentimento; assim diz Seneca o Tragico, que o haviamos de suppor como certo: *Quidquid patimur, venit ex alto.* E Euripides ensinou, que se havia de levar com paciencia o que vinha da maõ de Deos: *Mortali ferendum est quidquid immittit Deus.* Em hum *Dominus abstulit*, achava Job alivio para todas as suas desgraças, que naõ soraõ poucas. As adversidades, ou as manda Deos para mayor occasiaõ de merecimentos, sendo exercicio de virtude, como chegou a alcançar o Seneca, quando disse, que Deos naõ conservava ao homem justo em delicias; mas o preparava para si com adversidades: *Calamitas virtutis occasio est: Deus bonum virum in delicijs non habet: experitur, in duris sibi illum præparat.* Ou as manda Deos para satisfaçaõ de culpas, & he facil a consolaçaõ na adversidade, quando se vè, que se tem merecido, porque se modera muito a dor do castigo, quando se conhece a culpa, disse S. Gregorio Magno: *Facilis*

Senec. Poet.

Eurip.

Job 1. n. 21.

Senec. lib. de Proverb.

D. Greg.

cilis erit consolatio, si inter flagella, quæ patimur, quæ fecimus, ad memoriam delicta revocamus: dolor flagelli temperatur, cùm culpa cognoscitur. Neste sentido entendèra eu aquelle celebre dito de Demetrio, que ninguem lhe parecia mais desgraçado, que aquelle a quem nunca
Demetr. succedèra alguma desgraça: *Nihil mihi videtur infelicius eo, cui nihil unquàm evenit adversi*; porque he felicidade grande pagar nesta vida, por naõ ir pagar na outra, ou para gozar na outra, merecer nesta.

31. Tambem póde servir de consolaçaõ, & alivio na adversidade, que he perda, como de bens, ou algum amigo, que ainda he mayor o considerar o tempo, que passey sem elles antes de os ter, porque assim poderey tambem passar o tempo sem elles, depois que os perdi; a este alivio, ou motivo para elle,
D. Gregor. l. 8. Moral. chama S. Gregorio Magno grande: *Magna consolatio in rerum amissione est, illa tempora in memoriam revocare, quibus nos contigit res, quas perdidimus, non habuisse; ut dum unusquisque intuetur, quod aliquando illa non habuit, dolorem temperet, quod amisit.*

32. Tambem póde servir de alivio a consideraçaõ de como o animo he para levar com generosidade os grandes infortunios. Naõ acaba

caba Seneca de louvar o grande animo de Cataõ, que no meſmo dia, em que no Senado tinha ſahido ſentença, em que foſſe deſterrado de Roma, ſabendo-o, ſe foy jugar à péla com tanta grandeza de animo, como ſe lhe ſahiſſe hum grande deſpacho a ſeus merecimentos: *Eodem, quo repulſus eſt, die in comitio, pila luſit.* Senec. ep. 104.

Naquelle lamentavel nauſragio, que na coſta de França ſuccedeo à Armada Portugueza, eſtava o General D. Manoel de Menezes no ſeu Galeaõ, & Capitania ja no rolo da terra para por momentos dar à coſta, & recolhendoſe à camara para tomar outros veſtidos, em que morto na praya foſſe conhecido, achando na algibeira dos que deixava; hum ſoneto, que Lopo da Veyga lhe tinha dado na Corte de Madrid, o começou a ponderar com muito ſocego com D. Franciſco Manoel, advertindolhe algumas figuras Poeticas, de que conſtava, como ſe eſtiveſſe no remanſo de huma quinta; conſtancia de animo, que admirou a D. Franciſco, & como elle confeſſa, lhe ficou altamente impreſſa na admiraçaõ. D. Franc. Emman. Epanaph. 1.

33. O conſiderar, que fóra do peccado naõ póde ſucceder ao homem couſa, que lhe cauſe medo, achou Cicero, que podia ſer alivio para

ra os ſucceſſos, que o mundo tem por adver-
Cicer. Famil. 5. ſos: *Præter culpam, & peccatum homini acti-
derè nihil poteſt, quod ſit horribile aut perti-
meſcendum.* O communicar a pena, & moleſ-
tia a hum amigo, ſenaõ he alivialla de todo,
he diminuilla, porque he repartilla por dous:
Mœrores, & luctus facit amicitia communicans;
Ariſtotel. l. 9. Ethic. cap. 11. *partienſque leviores,* diſſe Ariſtoteles. *Moleſ-
torum narratio ſolatij nonnihil offert, ac præ-
ſertim cùm ad ſinceros amicos fit,* diſſe tambem
Iſidor. Peluſiot. l. 3. ep. 8. Iſidoro Peluſiota.

Motivos para a eſmola.

34. A Eſmola he huma das grandes obras, que póde fazer o que caminha para a Eternidade. Os motivos para
Tob. 4. n. 11. a dar ſaõ grandes. Tobias os ponderou, quando a aconſelhava a ſeu filho, aſſegurandolhe que era final de predeſtinaçaõ: *Eleemoſyna ab omni peccato, & à morte liberat, & non patie-
tur animam ire in tenebras. Ipſa eſt, quæ facit
invenire vitam æternam.* E he o meſmo, que ſe acha nos Proverbios de Salamaõ: *Qui miſe-
retur pauperibus, beatus erit.* Com as eſmolas
Proverb. 14. n. 21. nos deſendividamos do que devemos a Deos pelos peccados, diz S. Gregorio Magno: *Quo-
ties*

ties post culpam eleemosynas facimus, quasi pro pravis actibus pretium damus.

35. Se naõ tens que dar, naõ escandalizes ao pobre, diz S. Agostinho: *Si potes dare, da, si non potes, affabilem te fac.* Alguns daõ a esmola, que mais parece satisfaçaõ das injurias, que tem feito ao pobre, diz S. Gregorio: *Quidam priùs pauperem contumelijs afficiunt, quàm dent eleemosynam; videtur ergo quod illatæ injuriæ satisfactionem solvant, dum dona largiuntur.* D. Augustin. in Psalm. 103. D. Gregor. 21. Moral. cap. 13.

36. Na esmola naõ ha de haver respeito, senaõ motivo, diz S. Hieronymo: *Omnibus egentibus simpliciter tribuamus, non quærentes cui, sed quare demus;* porque d'outra sorte, diz S. Joaõ Chrysostomo, sempre a pouca charidade acharà razoens para naõ fazer a esmola: *Si discutere cœperimus, nunquam misericordiam præstabimus. Non mores, sed hominem commiseratus sum. Non homini, sed humanitati*; assim respondeo Aristoteles a hum, que o notava de dar a esmola a hum pobre de máos costumes: Naõ me compadeci dos costumes, se he, que saõ máos, senaõ do homem, porque era pobre. D. Hieron. D. Chrysost. Aristot. apud Laert. l. 5. cap. 1. & Stob. serm 33.

37. Tambem póde ser motivo para dar esmola, o considerar, que tambem posso vir ao estádo de pobre, a que desceo até a mesma fortuna de Belisario na Constantinopla: Pergun-

guntàraõ a Diogenes porque ſe dava eſmola aos pobres da rua, cegos, & aleijados, & naõ aos Philoſophos, ſendo que tambem profeſſavaõ pobreza? E reſpondeo diſcretamente: Porque mais facilmente os que davaõ eſmola, podiaõ vir a ſer pobres da rua, do que Philoſophos: *Quia ſe claudos, & cæcos fore ſperare poſſunt, Philoſophos autem minimè*, diz Maximo.

Max. Serm. Beneſ.

Como ſe deve uſar da amizade.

38. HUma das couſas de que neceſſita a vida humana, & apenas póde paſſar ſem ella, he a amizade. *Amicitia ad uſum vitæ eſt neceſſaria maximè*, poderou Ariſtoteles. *Sine amicis nullus vivere poteſt*, diz no meſmo lugar citado. Vive ſó, quem vive ſem ter amigo, diſſe Pedro Bleſenſe: *Nihil eſt in rebus humanis amicitiâ dulcius: ſolus eſt, qui ſine amico eſt.* Serve o amigo para ſe lhe communicar o que dà pena, & acha-ſe alivio neſta communicaçaõ, & tambem o que dâ goſto, & fica eſte ainda mayor com ſe communicar: *Amicitia & proſperas res dulciores facit, & adverſas communione temperat, & leviores reddit*, diſſe S. Iſidoro.

Ariſtotel. l. 8. Ethic. cap. 8.

Idem.

Petr. Bleſ. de Amic. cap. 2.

D. Iſidor. l. 3. de Sum. Bon.

39. Naõ

39. Naõ ha alivio para a vida, como ter a quem fielmente ſe poſſa deſcobrir o peito ſem reſervar nada dentro delle; & ter quem ouça, & ſe compadeça das triſtezas de outrem, como ſe foſſem proprias; & ainda mais, diz S. Ambroſio: *Solatium hujus vitæ eſt, ut habeas cui pectus tuum aperias, ut in triſtibus cõpatiatur.* D. Ambroſ. l. 3. Offic. Quẽ couſa, diz Cicero, mais doce, do que ter com quem vos atrevais a fallar, como ſe foſſe com-voſco meſmo? Por iſſo, continua o Orador Romano, depois da Sabedoria, a melhor couſa, que os Deoſes deraõ ao homem, foy a amizade: *Nihil melius datum eſt homini à Dijs immortalibus amicitiâ; quid enim dulcius, quàm habere cum quo omnia audeas ſic loqui, ut tecum?* Cicer. Em fim, ſem o alivio da amizade atè a vida naõ he vida, chegou a dizer Caſſiano: *Sine amicis omnis cogitatio eſſet tædium, ſine quorum ſolatio vivere eßet mori.* Caſſian.

40. Mas o acharſe hum amigo, que mereça eſte nome, he muito difficultoſo. *Rarus fidus amicus*, advertio Kempis. As letras ſagradas dizem, que o que acha hum amigo, acha hũ theſouro: *Amicus fidelis ... qui autẽ invenit illum, invenit theſaurũ*: naõ ſó porq̃ no theſouro ſe acha muito; mas porque eſte naõ ſe acha com facilidade. O amigo, diz S. Hieronymo, Kemp. l. 3. cap. 45. Eccleſ. 6. n. 14. D. Hieron. in Mich. cap. 7.

buſcaſe em muito tempo, apenas ſe acha, & difficultoſamente ſe conſerva: *Amicus diu quæritur, vix invenitur, difficilè ſervatur.* Naõ ha couſa mais rara, do que hum amigo; diſſe o Petrarcha: *Nil amico carius, nil rarius.* Da verdadeira amizade ha muita penuria, & falta no mundo: *Cujus generis magna penuria*, dizia Cicero já do ſeu tempo; & Ariſtoteles, como conta Laercio, coſtumava dizer, que havia muitos amigos, mas ſó de nome: *Multos eſſe amicos nomine, pauciſſimos, aut nullos re*; & que a amizade verdadeira entre os homens já morrèra: *Ariſtoteles, ut refert Laertius, ſolitus erat dicere amicitiam inter homines interiiſſe.* Sabei, dizia o Seneca, que eſtais em hum mundo cheyo de homens, & vaſio de amigos: *Scito venire te in locum hominibus plenũ, amicis vacuum.* Por iſſo Antigono todas as vezes, que ſacrificava aos Deoſes, a oraçaõ, que lhe fazia, era, que o livraſſem dos amigos, que ſó o pareciaõ ſer: *Vt ſe à ſimulatis ſervarent amicis*; & perguntandolhe porque naõ pedia antes, que o livraſſem dos inimigos, reſpondeo, que deſſes era facil o livrarſe, porque os conhecia: *Quia hoſtes cùm cognoſco, caveo*: conta Maximo. Já tinha advertido iſto meſmo S. Ambroſio: *Inimicus vitari poteſt, ami-*

Petrarch.

Cicer.

Ariſtotel. apud Laert.

Senec. de Benef. cap. 33.

Maxim. Serm. de amic.

Idem.

D. Ambroſ. 3. Offic. cap. ult.

amicus non poteſt, ſi inſidiari velit: Póde hum guardarſe do inimigo; mas do amigo naõ póde. O mais do amor no mundo he hypocrita, mais ama o officio; do que a peſſoa. Cratero, & Hepheſtiaõ ambos ſe moſtravaõ amigos de Alexandre; mas o Rey ſoube-os diſtinguir, porque dizia, que Cratero amava a Alexandre como Rey; & Hepheſtiaõ a Alexandre como Alexandre; hum como dependente, & o outro ſem dependencia: *Craterus amat Regem, Hephæſtion Alexandrum*, diz Plutarco. Plutarc.

Os amigos ordinariamente o ſaõ por amor de ſi, diſſe S. Pedro Damiaõ: *Amant & homines nos, ſed non nobis, ſibimet diligunt.* D. Petr. Dam. ep. 4. cap. 1.

41. Tudo o dito moſtra, que ha de haver grande eleiçaõ nos amigos, como aconſelhava Solon de Salamina; como refere Laercio: *Summoperè ſuos admonere ſolebat, ne citò quoslibet amicos ſibi pararent.* Ha de haver grande cuidado na eſcolha dos amigos, para que naõ ſucceda chegar a aborrecer aquelle meſmo, a quẽ ſe chegou a amar, dizia o Seneca: *Tantam diligentiam exhibe in amicis comparandis, ne incipias amare, quem deinceps poſſis odiſſe; turpius nihil eſt, quam cum eo bellum gerere, cum quo familiariter vixeris.* Tudo ſe ha de deliberar com o amigo; mas do amigo, ſe he para o ſer, Laert. Senec. l. 6. de Benef. cap. 34.

haſe de deliberar primeiro, continua o Stoico:
Idem. *Tu omnia cum amico delibera, ſed de ipſo priùs; poſt amicitiam credendum eſt, ante amicitiam ju-*
Idem ep. 3. *dicandum. Diù cogita an tibi in amicitiam aliquis recipiendus ſit*, torna a repetir Seneca; & era Proverbio dos Antigos: *Priùs eſſe deligendos, quàm diligendos amicos.*

42. O amigo, para o ſer, naõ ha de fundar a amizade na dependencia; iſſo quiz dizer o Seneca, quando diſſe, que os amigos naõ
Idem. ſe haviaõ de buſcar na meſa: *Ad menſam iſta res non quæritur.* A amizade fundada na dependencia, com a meſma dependencia acaba, diz
D. Ambroſ. S. Ambroſio: *Hi citò deſerunt, niſi ſemper acceperint.* O amigo haſe de amar por ſi meſmo,
D. Auguſtin diſſe S. Agoſtinho: *Amicus gratis amandus eſt, propter ſe, non propter aliud:* naõ ſaõ fieis na amizade aquelles, que a fundàraõ na depen-
D. Iſidor. l. 3 de Sum. Bon. dencia: *Non ſunt fideles in amicitia, quos munus, non gratia copulat*, diz S. Iſidoro. A amizade, que ſó ſegue a felicidade, he delicada, diz S. Hieronymo; & a amizade, que he
D. Hieron. delicada, facilmente quebra: *Delicata eſt amicitia, quæ amicorum felicitatem ſequitur.* Ha amigos, diz o Seneca, que fogem na meſma occaſiaõ, aonde ſe havia de provar que eraõ
Senec. amigos: *Inde amici fugiunt, unde probantur.*

43. Co=

43. Como ao amigo se ha de communicar o peito, he necessario, que seja fiel, no que se lhe communica, diz S. Agostinho: *Illum in amicitiam recipere debemus, cui omnia nostra consilia refundere audeamus.* D. August. q 12. Dizia Seneca, que se ha de tratar com o amigo, como se ouvesse de vir a ser inimigo: *Sic age cum amico, ut fieri posse inimicum putes.* Senec. ep. 3. Grande conselho; mas amigo com quem se ha de viver com este receyo, melhor he deixallo: *Nec tibi amico opus est, de cujus benevolentia dubites;* Quint. Curt. conselho, que deu hum Barbaro a Alexandre, como conta Curcio.

44. Os amigos, dizia Plutarco, que se haviaõ de experimentar na fidelidade, com lhe communicar hum segredo, em que naõ fosse nada o descubrillo: *Frivolum quiddam aliquãdo cõmittendum amicis, quo silentis fidem experiamur, ut si effutiant, nihil sit periculi.* Plutarc.

45. A amizade ha de conservalla a virtude, disse Cicero: tratamos da honesta, & naõ da torpe, que desejáramos livrar a todos della: *Virtus conciliat amicitias atque conservat.* Cicer. Nem a amizade entre os homens ha de ser occasiaõ para se perder a amizade para com Deos. *Non sit tibi amicus, qui te facit inimicum Dei*, D. August. aconselha S. Agostinho. A ley da amiza-

mizade he, q̃ o amigo naõ peça couſa indecente, nem ainda q̃ ſe peça, ſe faça, dizia Iſocrates: *Hæc lex in amicitia ſanciatur, ut neque rogemus res turpes, neque rogati faciamus.* O meſmo aſſentou Pico Mirandula entre as leys da amizade honeſta: *Nihil turpe alter ab altero poſtulet.*

Iſocrat.

Pic. Mirand.

46. Coſtuma muitas vezes a amizade honeſta degenerar em torpe, & indecente, paſſandoſe do coro das virtudes ao lugar dos vicios: *Nonnunquam etiam amicitia, quæ ſine vitio naturaliter, vel ſpiritualiter inchoatur; ſubintrante vitio carnaliter terminatur.* S. Thomas. Mas ſe alguem ſe vir enlaçado, & prezo deſta payxaõ, aproveiteſe deſtes remedios.

D. Thom. op. 61 cap. 5.

47. Diſſe Propercio, que errava, quem queria pôr remedio ao amor: fallava do que he vicioſo: *Errat qui finem veſani quærit amoris.* Mas mais errou elle em dizer iſto, porque o deſatarſe deſte affecto vicioſo, a quem quer ſempre he poſſivel, ainda que ſeja repugnante à natureza mal affecta, diſſe Petrarcha: *Laborioſum certè, ſed volenti poſſibile.* O meſmo affirma Seneca o Trágico: *Quem ſi fovere, aut alere deſiſtas, cadit:* deixe de ſe fomentar, & ſuſtentar; & logo esfriará; & virà a acabar, & morrer o amor vicioſo; gera-

Propert.

Petrarch. dial. 69.

Senec. poet.

ſe

ſe eſte com a viſta, & vive com a communicaçaõ, & na negaçaõ deſtas duas couſas conſiſte principalmente o remedio.

48. Pela auſencia ſe tiraõ as viſtas, & por eſta cauſa he receitada por remedio a auſencia; della uſou Propercio reſolvendoſe a fazer huma jornada atè Athenas:

Magnum iter ad doctas proficiſci cogor Athenas, Propert.
Ut me longa gravi ſolvat amore via.

A mudança do lugar, aſſim como muitas vezes he remedio ao corpo enfermo, aſſim tambem à alma doente deſta payxaõ a mudança do lugar he ſaudè: *Loci mutatio, quæ ut corpori,* Petrarch. *ſic animo ægrotanti ſalubris interdum eſt,* diz o Petrarcha; o que tambem advertio S. Bernardo: *Valet interdum converſis pro animæ ſalute* D. Bern. ad Ser. *mutatio loci; plerumque enim dùm mutatur lo-* cap. 6. *cus, mutatur & mentis affectus.* E em outro lugar advèrtio o meſmo Santo, que o amor enfraquecia com a auſencia: *Cùm prope eſt quod* Idem Serm. 51. *amatur, viget amor, languet, cùm abeſt.* in Cant.

49. Pelo ſilencio ſe atalha a communicaçaõ, & muitas vezes por cauſa do ſilencio de muitos tempos ſe vio acabar o amor, ſe he que merece eſte nome, diz Ariſtoteles: Ariſtotel. l. 8. Ethic. cap. 5.

Sæpe

Sæpe periſſe amor eſt per longa ſilentia viſus.

Tambem ſe deve ajuntar a eſtes remedios desfazerſe de tudo o que póde conſervar lembranças, diz Petrarcha: *Evitatio omnium, fugaque diligens, quibus amati vultûs memoria retraheris.* Naõ eſcapou eſte remedio ao Stoico, que tambem o aconſelhou por efficàz: *Ei, qui amorem exuere conatur, vitanda eſt omnis admonitio dilecti corporis; nihil enim facilius, quàm amor, recrudeſcit: oculos, & aures ab his, quæ reliquit, avertat; citò rebellat affectus*; & o Ovidio diz, que ſe ha de lançar no fogo tudo o que póde ſer alimento de lembranças:

Petrarch.

Senec. ep. 69.

Omnia pone feros, quamvis invitus, in ignes.

Ovid.

50. Occupar o penſamento para que ſe divirta a outros cuidados licitos, he remedio, que tambem applica o Petrarcha: *Occupatio quoque, traditioque animi ad alias curas, novaſque ſolicitudines, quibus morbi veteris veſtigia deleantur.*

Petrach.

51. Naõ he dos menores remedios o conſiderar as moleſtias, & inquietaçoens, a que vive ſogeito o que eſtà cativo deſte tyranno affecto;

affecto ; ſem liberdade , porque ſugeito a outrem ; ſem quietaçaõ, & ſocego , porque naõ vive em ſi ; o coraçaõ martyrizado de cuidados , a memoria de lembranças , a vontade de receyos , ſendo verdade experimentada o que advertio o Author dos Remedios:

Quod juvat exiguum eſt, plus eſt quod lædit amantes. Ovid.

Podes ver na Prevençaõ 4. do num. 14. outro remedio mais effectivo , & poſto em praxe com galharda reſoluçaõ.

52. Hum grande motivo para naõ admittir, où deixar depois de admittida algũa amizade torpe,póde ſer a cõſideraçaõ , de que naõ póde durar muito a amizade,q̃ taõ mal ſe funda,acaba depreſſa,como o tem moſtrado ſempre a experiencia, & o que ſe ha de deixar por força , ſerà melhor deixarſe com merecimento: *Certiſſima eſt prudentiſſimorum virorum illa ſententia,veram concordiam,& individuam ſocietatem , niſi inter emendatos mores , ejuſdemque virtutis viros ſtare non poſſe ; hoc quoque multis experimentis ſæpiſſimè eſt comprobatum:* Caſſian. diſſe Caſſiano para deſengano daquelles , que ſe naõ amarem virtuoſamente.

PREVENÇAM VLTIMA.

Deveſe dar balanço à vida, ao menos de mez em mez.

Semper ita vivamus, ut rationem nobis reddendam arbitremur. Cicer. in Verr. Act. 4.

1. DIſſe Cicero, que haviamos de trazer ſempre as contas da noſſa vida taõ certas, & ajuſtadas, que a todo tempo as pudeſſemos dar boas: *Semper ita vivamus, ut rationem nobis reddendam arbitremur.* Aſſim o diſſe; & envergonhome, que elle o diſſeſſe, ſendo o penſamento taõ Chriſtaõ, & elle gentio, & que a alguns Chriſtaõs iſto meſmo poſſa parecer ou novidade, ou cuidado demaſiado nas acçoens da vida. Naõ he pequena materia de confuſaõ para o noſſo deſcuido; que ſó pelo medo da caſa dos contos qualquer Feitor del-Rey ande ſempre cuidadoſo nas contas, que ha de dar, dando frequentemente balanço aos ſeus livros.; & que obre em nós tam pouco o medo da conta, que miudamente havemos de dar no Juizo de Deos. Oh medo do Juizo como andas tibio, ou quaſi de todo apagado entre os mortaes! Que o Mercador

Cicerin Verr. Act. 4.

cador por razaõ do lucro temporal ande sempre vigilante, & sobre os livros de suas contas; & que vivamos nós com tanto descuido acerca das contas da nossa vida! Oh Eternidade, como andas esquecida na lembrança dos homens!

2. Aconselhanos S. Ephrem, que demos balanço à nossa vida com alluſaõ ao Mercador: *Diligenter considera quo pacto se habeat negotiatio tua, ac mercimonij ratio.* O mesmo encomenda S. Joaõ Chrysostomo fallando em proprios termos do livro da razaõ de que usaõ os Mercadores: *Rationarium nobis faciamus eorum, quæ accepimus, & quæ expendimus.* Sem duvida para nos estranhar, que naõ façamos pelo negocio da nossa alma, em que vay tudo, o que faz o Mercador pelo lucro tẽporal, em que vay pouco, conforme a sentença de Christo: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur?* D. Ephr. tom. 4

D. Chryſ. Homil. in Gen.

Matth. 16. n. 26

3. Para darmos balanço à vida nos amoesta o Espirito Santo com o motivo, de que he grande prevençaõ para sahir bem no ultimo Juizo de Deos, que às vezes costuma apanhar de repente nas contas, & para naõ temer estes repentes he grande remedio o uso dos balanços. Muitas vezes se introduzio Christo

no Euangelho dando balanço, & de repente;
cap. 18. n. 25. huma vez o deu como Rey: *Homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis.* Outra
cap. 25. n. 14. vez como homem particular: *Posuit rationem cum eis.* Outra vez o deu a hum seu feitor:
Luc. 16. n. 20. *Redde rationem villicationis tuæ.* Para que tiveſſemos ſempre as contas da noſſa vida ajuſtadas; foraõ ſem duvida eſtes balanços repentinos; & naõ ſeraõ repentinos, ſe nós os dermos a nós meſmos frequentemente; como nos aconſelha o Eſpirito Santo, & ſahiremos
Eccleſ. 18. n. 2. bem do ultimo; que ſe nos ha de dar: *Ante judicium interrogate ipſum, & in conſpectu Dei invenies propitiationem.* Perdido vay, & ſem remedio aquelle, que naõ conſidera, que
Euſeb. Emiſſ algum dia ha de dar conta, diz Euſebio Emiſſeno: *Irremediabile periculum eſt ſic aliquem vitijs, & cupiditatibus fræna laxare, ut ſe rationem non mininerit redditurum.*

4. Com o propoſito de dar balanço á ſua vida ſahio da ſua doença, em que ſe achou às pórtas da morte, El-Rey Ezechias, aprendendo do ſuſto repentino em que ſe vio, o trazer com eſta diligencia ſempre muito ajuſtadas
Iſai. 38. n. 15. as contas da ſua vida: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ. Ideſt, iterum cogitabo ne aliquid fortè oblitus ſim:* Tor-
D. Bernard. narey

narey a cuidar naõ me tenha esquecido algũa cousa, explica S. Bernardo. Tornarey outra vez a repassar todos os peccados, que tenho feito, & tornarey a ter pezar de os ter cõmettido: *Ideſt, omnia peccata, quæ ſingulis annis feci; in memoriam revocabo; de ijs dolebo, veniãque gemens precabor*, explica Cornelio. A Lap.

5. Este balanço da vida se poderá dar de mez em mez; & assim se traraõ sempre as cõtas ajustadas, que se podem tomar de repente. Deve-se examinar se os peccados da vida passada estaõ bem confessados, & satisfeitos, & ver qual he a descarga delles. Conta Cassiano, que huma vez se ouviraõ ao Abbade Estevaõ, que tinha quarenta annos de deserto, estas palavras: *Ita ſanè: ſic revera eſt;* Assim he na verdade: *Sed pro hoc tot annis jejunavi:* Mas por isso já tenho jejuado muitos annos. Estas palavras mostravaõ, que se estava dando balanço a hum homem, que tinha quarenta annos de penitencia em hum deserto, & que elle estava dando tambem a sua descarga. Considera se te succedesse o mesmo, que descarga tinhas que dar. Cassian Grad. 4.

6. Faze o teu livro do Deve, & Ha de haver; & póde ser a tua consciencia, quando naõ queiras seja em papel, como diz S. Joaõ Chry-

sosto-

D. Chryſ. Homil. 2. in Pſal. 50. ſoſtomo: *Habeto codicẽ conſcientiam tuam.* No titulo, Deve, eſcreve os teus peccados; no titulo, Deve haver, a deſcarga delles, & procuraràs ir pagando, & ſatisfazendo com aquella deſcarga, que ſe leva em conta, como ſaõ

D. Gregor. in lib. Reg. äs obras penaes: *Non ſolùm confitenda ſunt peccata, ſed etiam pœnitentiæ auſteritate delenda,* diz S. Gregorio Magno; com a eſmola, como

Dan. 4. n. 24. aconſelhava Daniel a Nabuco: *Peccata tua eleemoſynis redime;* & com indulgencias, que tudo iſto ſe leva em conta na deſcarga. Deveſe commungar na occaſiaõ, & tempo, em que ſe dà o balanço à vida.

REFLEXAM VNICA.

Como eſte modo de vida naõ he triſte; mas ſó aſſim ſe póde viver alegre.

Vis nunquam eſſe triſtis? Benè vive; bona vita ſemper gaudium habet: nihil eſt jucundius bona conſcientia. Bernard. Tract. de Int. dom. cap. 45.

1. NAõ quero diſſimular com hum penſamento, que póde ſer, que te tenha occorrido ſó com ouvires o titulo deſte livrinho; & he, que paſſando aſſim a vida

da preparandote para a Eternidade, paſſaràs huma vida Chriſtaã; mas viviràs ſempre melancolico, & ſempre triſte. Enganaſte, que antes eſtive para dar por titulo a eſte livrinho: Induſtria para viver alegre.

2. Naõ te tiro a alegria, aconſelhandote que vivas bem, antes por iſſo meſmo quero que a tenhas, & vivas iſento da triſteza. Advertencia foy, que Seneca fez ao ſeu celebre Lucillo, quando o começava a inſtruir na virtude, para lhe atalhar ſemelhante receyo: Que naõ cuidaſſe, que lhe tirava a alegria, quando lhe aconſelhava, que viveſſe bem, porque antes lha metia em caſa, & lhe enſinava como nunca lhe poderia faltar; & que ſe perſuadiſſe, que ſó vivendo bem, podia viver alegre, porque ſó na virtude podia achar a verdadeira alegria: *Nolo tibi unquam deeſſe lætitiam, volo illam tibi domi naſci. Cæteræ hilaritates non implent pectus, ſed frontem remittunt. Ex virtute ſequitur hilaritas continua, & lætitia alta, atque ex alto veniens.* Senec. de Vit. Beat cap. 4. Epiſt. 23.

3. Tenho apontado neſte livrinho como ſe poderá viver bem, & he o meſmo, que ter moſtrado como ſe poderá viver alegre; porq̃ o viver alegre ſó ſe póde achar aonde ouver vida boa, & boa conſciencia. Aſſim o ponderou

rou S. Joaõ Chryſoſtomo, quando diſſe, que a alegria naõ a podia dar nenhuma couſa do mundo, ainda as mayores delle, ſenaõ a boa conſciencia: *Animi tranquillitatem, & lætitiã, non principatus magnitudo, non pecuniarum copia, non corporis fortitudo, non menſæ ſumptus, non veſtium ornatus, non aliud quidquam rerum humanarum afferre conſuevit præterquàm conſcientia bona.* O dominar como Principe, o ſer muito rico, o ſer muito ſaõ, & ter muito q̃ comer, & muito que veſtir, & qualquer outra couſa das que póde dar o mundo, naõ he baſtante para dar alegria; a boa conſciencia ſim, diz Chryſoſtomo.

D. Chryſ. Homil. 2. in ep. ad Rom.

4. Goſtey de achar eſta meſma verdade praticada de Salamaõ. Eſte Rey foy o que mayores diligencias fez por achar, & deſcobrir huma vida alegre; & podia-o elle fazer, porque foy o mais ſabio para a excogitar, & o mais rico, & poderoſo para applicar os meyos, ainda que foſſem de muito cuſto; edificou palacios, plantou jardins, ordenou banquetes; buſcou muſicos, ajuntou theſouros; em fim naõ ouve couſa, que pudeſſe dar goſto ao goſto, que a naõ tiveſſe Salamaõ, & por ter todos os goſtos naõ perdoou a todos os gaſtos, & aſſim o confeſſa elle: *Omnia, quæ deſiderave-*

Eccleſ. 2. n. 10.

raverunt oculi mei, non negavi eis ; nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur, & oblectaret se in his, quæ præparaveram ; mas elle meſmo vem a confeſſar, que ſó no viver bem póde achar o viver alegre: *Et cognovi quòd non eſſet melius, niſi lætari, & facere benè in vita ſua.* Eccleſ. 3. n. 12.

5. Ajuntou Salamaõ o viver bem, & o viver alegre: *Lætari, & facere benè ;* porque ſó a boa vida he aquella, que póde ſer huma vida alegre, diz o A Lapide, tirando por concluſaõ, que quem quizer ſempre viver cõ alegria, viva ſempre com boa conſciencia: *Aptè nectit hæc duo, ſcilicet, lætari, & benè facere ; ut indicet non eſſe veram lætitiam, niſi in benefaciendo ; adeòque cauſam veræ lætitiæ eſſe bene ſemper agere. Vis ergo ſemper lætari? Semper benè agito: ſic enim ſemper eris lætus.* A Lapid. Eſte meſmo conſelho tinhaõ já dado S. Iſidoro, & S. Bernardo.

6. *Nulla pœna gravior eſt pœnâ conſcientiæ; vis autem nunquam eſſe triſtis? Benè vive,* diz Iſidoro. *Vis nunquàm eſſe triſtis? Benè vive; bona vita ſemper gaudium habet : nihil eſt jucundius bona conſcientia,* diz S. Bernardo. O meſmo aconſelha Kempis naquelle ſeu livro de ouro: *Habe bonam conſcientiam, & ſemper habebis lætitiam.* D. Iſidor. l. 2. Soliloq. D. Bern. tr. de Inter. dom. cap. 45. Kemp. de Imit. Chriſt. l. 1. cap. 31.

titiam. Couſa, que atè os meſmos Gentios co-
Epiſt. 27. nheceraõ: *Sola virtus præſtat gaudiũ perpetuum,*
Cicer. in Cat. Max. *ſecurum*, diſſe Seneca. *Conſcientia benè actæ vitæ, multorũque jucundiſſima eſt*, diſſe Cicero.

7. Quam grande ſeja a alegria da boa conſciencia, a quem naõ inquietaõ os remorſos;
D. Chryſoſt. in Matth. Homil. 15. diz Chryſoſtomo, que naõ he explicavel: *Cum nullis ſtimulis conſtientiæ animus pungitur, magno ſemper fruitur gaudio, adeò ut nemo id oratione poſſit exponere.* Eſta alegria naſce da quietaçaõ, em que vive o que vive bem. Perguntouſe a Socrates, quaes eraõ os que viviaõ quietos, & deſcanſados; & reſpondeo, que os que vi-
Senec. ep. 27. viaõ com boa conſciencia: *Quinam tranquillè viverent. Illi qui nullius abſurditatis ſibi cõſcij ſunt*, ponderou Seneca. Tambem Chriſto nos deixou hum exemplo grande neſte ponto.

8. Naquella tempeſtade da barquinha em que tudo era medo, & ſoſſobro nos remeiros,
Matth. 8. n. 25. hia Chriſto dormindo: *Ipſe verò dormiebat.* Aquelle cabeçal ſobre que deſcanſava, ſignificava a boa conſciencia, que ainda entre as mayores occaſioens de medo tem virtude para infundir, & influir hum ſono muito quieto,
Barrad. & deſcanſado: *Cervical molle, blandumque pulvinar, ſuper quod vir probus dormit, bona eſt conſcientia*: moralizou Barradas. Que vida

mais

mais quieta, & mais alegre, que a daquelle, que vive taõ deſapegado de tudo o do mundo, que naõ teme a morte? & com as contas da ſua vida taõ ajuſtadas, q̃ lhe naõ cauſa ſuſto o Juizo? a quem naõ inquietaõ remorſos alguns da conſciencia? Só eſte vive com goſto: *Quæ maior voluptas, quàm conſcientia integra?* diz Tertulliano. Eſte vive em huma bemaventurança: *Vitam beatam efficit tranquillitas conſcientiæ*, diz S. Ambroſio.

Tertul. lib. de Spect. cap. 29.

D. Ambr. l. 2. Offic. cap. 1.

9. Pelo contrario o que vive mal, naõ póde ter alegria, que o ſeja verdadeira, diz Kempis: *Mali nunquam habent veram lætitiam.* Admiraſe S. Thomas, & com razaõ, como póde viver alegre o que vive em peccado: *Capere nequeo qua ratione exiſtens in peccato mortali poſſit ridere, & lætari.* Huma má conſciencia he hum tormento continuo, que naõ deixa ter deſcanço, diz S. Ambroſio: *Momentis omnibus culpa pulſat conſcientiam, nec quieſcere, nec obliviſci ſinit.* A mà vida, para quem cre, que ha outra, naõ póde deixar de ſer cauſa grande de huma profunda triſteza, & melancolia: o conſiderar, que eſtá inimigo de Deos, & tem perdido a ſua amizade; quando cauſa tanta triſteza o perder a amizade de hum amigo grande: que poderá naquelle eſtado apanhal-

Kemp.

D. Thom.

D. Ambr. in Apoc. cap. 9.

lo hum accidente mortal, que lhe naõ deixe lugar para ſe reconciliar com elle, & que poſſa aſſim apparecer no Juizo diante de Deos, a quem tem offendido, & com quem ſe naõ tem reconciliado: que naõ poſſa entaõ dar boas contas: que poſſa deitarſe à noite, & amanhecer morto: que poſſa levantarſe pela manhaã, & no meſmo dia deitarem-no na ſepultura: todas eſtas conſideraçoens, como podem eſtar juntas com vida alegre? podes conferir o viver bem, & o viver mal, & logo julgaràs qual póde ſer a vida alegre.

10. Oh ſe os mortaes, que taõ enganados andaõ, ſe deſenganaſſem, que naõ póde haver alegria com má conſciencia! & que bem podemos viver muito alegres, ſem que a noſſa alegria ſeja offenſa do noſſo Deos! Alegremonos quanto quizermos; mas naõ ſeja com offenſa de Deos a noſſa alegria: aſſim nos amoeſta Salviano: *Quis, rogo, hic furor eſt? quæ ſtultitia? Numquid lætari aſſiduè, & ridere non poſſumus, niſi riſum noſtrum atque lætitiam ſcelus eſſe faciamus? nec delectat ridere ſine crimine? Quis, rogo, furor eſt? Rideamus, quæſo, quamtumlibet immenſuratim, lætemur quantumlibet, duinmodo innocenter.*

Salvian. l. 6. de Provid.

EPI-

EPILOGO.

ESta he a Preparaçaõ para a Eternidade, cujo fim he enſinar, & perſuadir a aparelhar para ella; ſe o alcançar, já naõ ficarey em reſtituiçaõ do tempo, que por cauſa della fartey a outras occupaçoens. Ditoſo aquelle, que quando lhe derem o aviſo para partir para a Eternidade, que ſerà o meſmo, que o da morte, poſſa reſponder com as palavras de David: q̃ nenhũ ſuſto, ou perturbaçaõ lhe cauſa o aviſo, porque o apanha aparelhado: *Paratus ſum, & non ſum turbatus.* Pſal. 118. n. 60.

Acabo-a como S. Bernardo deu fim a huma carta, em que dava alguns documentos de eſpirito a aquelle, a quem a eſcrevia. Procura (acabava S. Bernardo) de viver, como deſejarias ter vivido quando te vires no Juizo de Deos dando conta da tua vida: naõ te quero eſcrever mais couſas; neſtas poucas podes meditar muito: o que conheci, que te ſeria proveitoſo, iſſo meſmo te eſcrevi: *Talis ſtudeas vivere, qualis affectas in extremo judicio inveniri: non tibi plura ſcribo; in iſs paucis exerce animam tuam: quod tibi novi utile, ſcripſi.* D Bern. ep. 2.

No fim della deixo huma conſideraçaõ de vulto,

vulto, que depois de bem penetrada com o entendimento, ſe deve trazer continuamente na lembrança, a qual eſtimulará muito para hum ſe aparelhar para a Eternidade, que he o fim deſte Opuſculo.

Conſidereſe, que no fim da vida nos ha de aſſiſtir a morte, ainda quando todos nos deſemparem, & nas maõs nos ha de moſtrar duas portas ſphericas, & redondas, pelas quaes ſe entra para duas Eternidades, huma de bemaventurados no Ceo, & outra de condenados no Inferno; por huma das quaes portas neceſſaria, & forçoſamente entaõ ſe ha de entrar: *Perventuri nos demum ad geminas portas duplicis Æternitatis, quarum illa beatorum, iſta damnatorum eſt; per harum alterutram ingrediendum, prout nimirum in vita nos geſſerimus:* conſiderou Drexelio. Entaõ ha de ſer forçoſo o entrar por aquella porta da Eternidade, que tiverem merecido, ou deſmerecido as obras de cada hum; mas agora naõ eſtá nas maõs da morte, ſenaõ nas de cada hum o eſcolher aquella Eternidade, que entaõ havia de querer ter merecido. *Nunc ergo* (conclue S. Bernardo) *alterum è duobus eligamus; aut ſemper cruciari cum impijs, aut perpetualiter lætari cum Sanctis.*

Drexel. conſid. 8. de Ætern. §. 1

D. Bern.

A mor-

Gloria
Gehennæ
NE CESSE EST PER ALTERUM TRANSIRE

A morte assim considerada será o norte de todas as obras, que se fizerem na vida, que assim o aconselhou atè hum gentio: *Quidquid facies respice mortem*, diz Seneca. A lembrança da morte he o mayor incentivo para a Preparaçaõ para a Eternidade; quem cre, que em morrendo ha de dar conta da sua vida; & quem cre, que póde morrer logo, porque a morte he incerta, como póde deixar de estar sempre aparelhado? Seja pois tambem a morte o *Finis* deste livrinho, assim como o costuma ser de tudo o que acaba. Senec. ep. 115.

Mors est Finis omnium. Cicer. 3. Tusc.

LICEN-

LICENCAS.

Da Ordem.

DOmingos Nunes Provincial da Companhia de Jesu da Provincia de Portugal, por particular commissaõ que para isso me foi dada de N. M. R. P. Thyrso Gonçales Prepósito Geral, dou licença, para que se imprima este livro intitulado, Preparaçaõ para a Eternidade, que compoz o Padre Ignacio Manoel da mesma Companhia da Provincia de Goa; que foi examinado, & approvado por pessoas doutas, & graves da mesma Companhia. E por verdade dei esta por mim assinada, & sellada com o sello de meu officio. Dada em Braga aos 26. de Mayo de 704.

Domingos Nunes.

Do S. Officio.

VIstas as informaçoens, póde se imprimir o livro intitulado, Preparaçaõ para a Eternidade, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrá. Lisboa 23. de Janeyro de 1705.

Carneyro. Moniz. Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha.

Do Paço.

POdese imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrá. Lisboa 14. de Mayo de 1705.

Oliveira. Lacerda. Vieira.

Je Suis Marie Eve